

# **História para os meus ouvidos: O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Relatório de Estágio

Sofia Martins Oliveira Raposo

Mestrado em

**Ensino da História no 3.º Ciclo do  
Ensino Básico e no Ensino Secundário**



# **História para os meus ouvidos: O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Relatório de Estágio

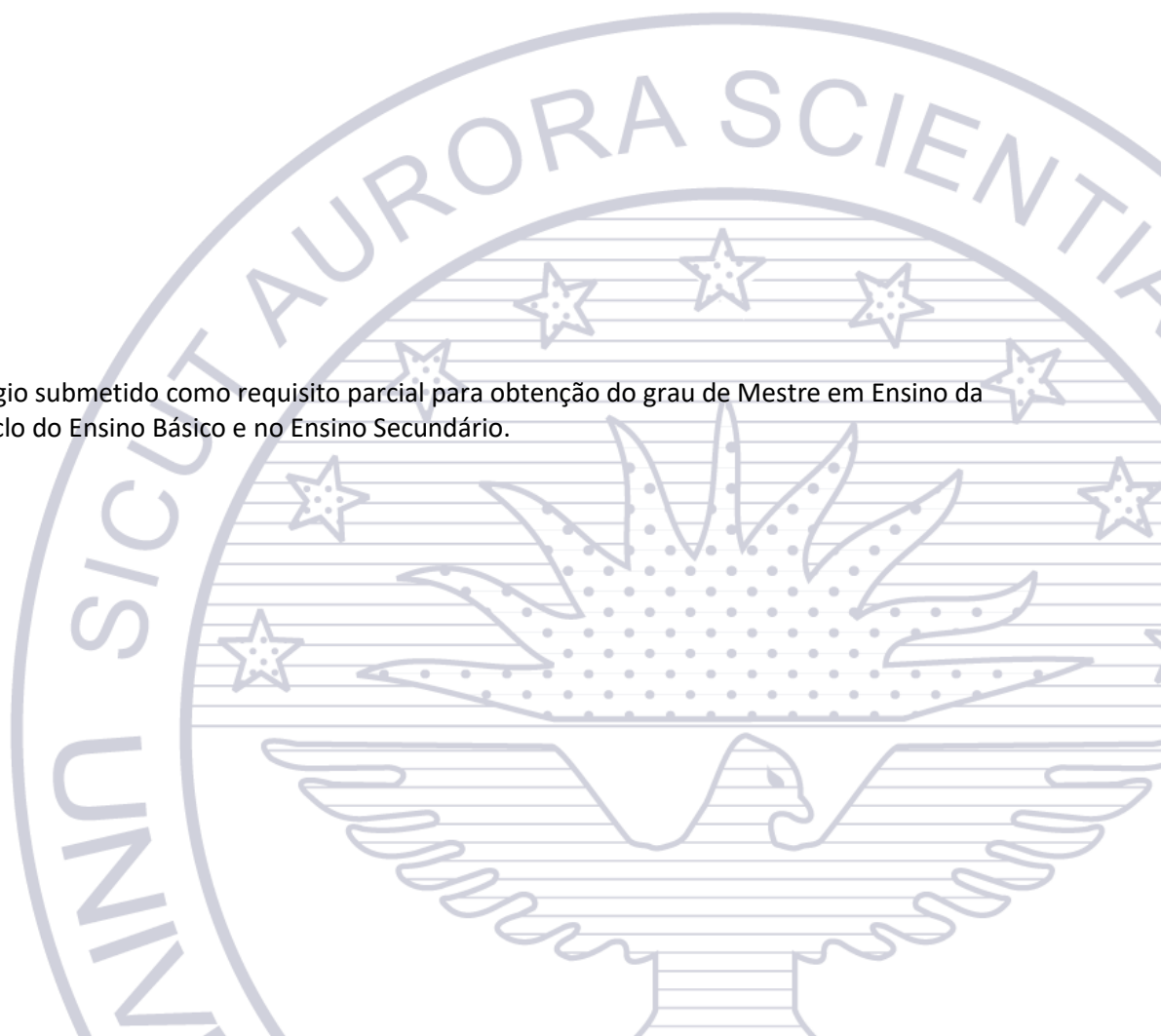
Sofia Martins Oliveira Raposo

## **Orientadores**

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Soares Pires

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.



*Educar é semear com sabedoria  
e colher com paciência.*

Augusto Cury

## **Agradecimentos**

Concluída esta etapa da minha vida, é o momento oportuno de agradecer a todos aqueles que me acompanharam e apoiaram ao longo desta caminhada e que foram fundamentais para a minha formação.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, principalmente, aos meus pais, por investirem na minha educação e por serem um dos grandes incentivos à concretização deste meu sonho. À minha irmã por todo o apoio, compreensão e paciência.

Aos meus professores cooperantes e ao professor orientador que, apesar dos desafios iniciais, sempre estiveram dispostos a ajudar. A orientação constante, o apoio e a disponibilidade foram essenciais para o meu crescimento, tanto profissional quanto pessoal. Após um ano repleto de aprendizagens, sinto que concluí o estágio preparada para abraçar a profissão que tanto sonhei e escolhi.

À minha querida Lília Vicente e ao Tiago Silva, com quem tive o prazer de conviver e que generosamente compartilharam os seus conhecimentos e experiências.

Aos meus colegas de curso, especialmente, a Jacinta Carreiro, Adriana Novo e Pedro Rodrigues, por todos os momentos de partilha, apoio e “aventuras” pelas quais passamos juntos.

À minha afilhada Radija Silva que, sem dúvida, foi uma das melhores pessoas que o curso me deu. Por estar sempre disponível para ouvir os meus desabafos e dizer uma palavra amiga quando necessário.

À TAUA – Tuna Académia da Universidade dos Açores, que me acolheu desde o primeiro dia que entrei nesta universidade, proporcionando-me momentos únicos e amizades que levo para a vida “sempre a cantar”.

Aos meus orientadores, Adolfo Fialho e Ana Paula Pires, pela dedicação, orientação, apoio e por terem acreditado em mim para a realização do presente estudo.

Por fim, agradeço aos meus alunos que foram a motivação e a razão para a concretização deste meu objetivo.

**A todos, o meu sincero obrigada!**

## Resumo

O presente Relatório de Estágio convoca o trabalho desenvolvido, ao longo do Estágio em Ensino de História, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade dos Açores.

Este documento tem como principal intuito apresentar, analisar e refletir sobre a ação educativa desenvolvida no contexto do nosso Estágio Pedagógico, por forma a identificarmos as estratégias e abordagens mais eficazes para a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, mas também realçarmos aquele que é o nosso interesse pela área.

Além disso, o presente Relatório aprofunda ainda a temática central que orientou o nosso estudo: o papel da Música na aprendizagem da História. A escolha desta temática foi motivada por questões pessoais, mas também por acreditarmos que esta área adquire uma grande importância no ensino da História, tanto pelas suas qualidades expressivas, como pela sua natural ligação com os diferentes contextos culturais e históricos. A sua utilização em contexto de sala de aula é uma forma complexa de trabalhar a História, uma vez que exige um aprofundamento rigoroso dos conteúdos. Esta estratégia também contribuiu para facilitar a assimilação de conceitos, proporcionando aos alunos uma melhor compreensão dos temas abordados. Exploramos, ainda, a eficácia da Música como forma de tornar o ensino da História mais dinâmico e interativo, promovendo uma experiência de aprendizagem que fosse para além da simples memorização dos factos históricos.

Como forma de complementar o nosso estudo, foi aplicado um inquérito por questionário aos professores de História que lecionavam na Região Autónoma dos Açores, num total de 41, durante o ano letivo de 2023/2024. Este inquérito teve como principal objetivo recolher informações sobre as suas conceções e opiniões relativamente ao uso da Música nas suas práticas diárias. Por forma a fazermos um rescaldo da nossa ação educativa, também realizamos um questionário aos nossos alunos, com o objetivo de perceber as suas opiniões e conceções acerca do potencial impacto que a Música teve na sua aprendizagem ao longo do ano. A partir dos dados recolhidos, concluímos que esta área assume um papel importante na aprendizagem da História, uma vez que atua como uma forma dinâmica e criativa de motivar os alunos, facilitar o desenvolvimento de diferentes competências e promover a sua compreensão dos conteúdos em estudo.

**Palavras-chave:** Estágio Pedagógico; 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário; Música; História.

## ***Abstrat***

This Internship Report summarizes the work carried out during the Internship in History Teaching, as part of the Master's Degree in History Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education at the University of the Azores.

The main purpose of this document is to present, analyze and reflect on the educational action developed in the context of our Pedagogical Internship, in order to identify the most effective strategies and approaches for students to understand the content, but also to highlight our interest in the area.

In addition, this report delves deeper into the central theme that guided our study: the role of music in learning history. The choice of this theme was motivated by personal issues, but also because we believe that this area is of great importance in the teaching of History, both because of its expressive qualities and because of its natural connection with different cultural and historical contexts. Its use in the classroom is a complex way of working with history, as it requires a rigorous study of the content. This strategy also helped to facilitate the assimilation of concepts, giving students a better understanding of the topics covered. We also explored the effectiveness of music as a way of making history teaching more dynamic and interactive, promoting a learning experience that went beyond simply memorizing historical facts.

As a way of complementing our study, a questionnaire survey was administered to History teachers who taught in the Autonomous Region of the Azores, a total of 41, during the 2023/2024 school year. The main aim of this survey was to gather information about their conceptions and opinions regarding the use of music in their daily practices. In order to take stock of our educational action, we also carried out a questionnaire with our students, with the aim of understanding their opinions and conceptions about the potential impact that Music had on their learning throughout the year. From the data collected, we concluded that this area plays an important role in learning history, since it acts as a dynamic and creative way to motivate students, facilitate the development of different skills and promote their understanding of the content under study.

**Keywords:** Pedagogical Internship; 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education; Music; History.

## Índice Geral

<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Resumo</b> .....	iv
<i>Abstract</i> .....	v
Índice Geral.....	vi
Índice de Gráficos.....	viii
Índice de Quadros.....	viii
Índice de Figuras .....	viii
Índice de Anexos.....	ix
Índice de Siglas e Abreviaturas .....	ix
<b>Introdução</b> .....	2
<b>1. Entre notas e factos: fundamentos sobre o papel da Música no ensino da História</b> .....	7
1.1. A importância do estágio na formação inicial de um Professor .....	7
1.2. O ensino da História.....	10
1.3. A Música como lugar de aprendizagem .....	15
1.4. A Música no ensino da História.....	19
<b>2. Ecos da História: opiniões dos Professores de História sobre a utilização da Música na sua ação educativa</b> .....	28
2.1. Enquadramento.....	28
2.2. Perceções dos professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário sobre o potencial da Música na aprendizagem da História .....	33
<b>3. Contextos do Estágio Pedagógico</b> .....	43
3.1. Caracterização do meio envolvente .....	43
3.2. Caracterização da escola.....	44
3.3. Caracterização da sala de aula.....	46
3.4. Caracterização das turmas.....	46

3.4.1. A Turma 1 (T1 - 7.º ano).....	47
3.4.2. A Turma 2 (T2 - 8.º ano).....	49
3.4.3. A Turma 3 (T3 - 10.º ano).....	51
<b>4. História em acordes: reflexões sobre o Estágio Pedagógico em ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário .....</b>	<b>55</b>
4.1. Ação educativa desenvolvida no 7.º ano .....	56
4.2. Ação educativa desenvolvida no 8.º ano .....	66
4.3. Ação educativa desenvolvida no 10.º ano .....	70
4.3.1. Atividades desenvolvidas no 10.º ano .....	70
4.3.2. Visita de Estudo: cada passo, uma nova aprendizagem .....	75
4.3.3. A direção de turma como palco de formação e crescimento profissional.....	77
4.4. Atividades com a comunidade escolar .....	80
4.4.1. Atividade comemorativa do <i>Pão por Deus</i> .....	81
4.4.2. Concerto do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores.....	83
4.4.3. Sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1974.....	84
4.4.4. Sessão de sensibilização sobre a viola da terra .....	88
4.5. A Música como um meio para aprender História.....	89
4.5.1. História para os meus ouvidos: as opiniões dos alunos .....	99
<b>Considerações Finais: o último acorde e as notas para o amanhã .....</b>	<b>104</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>109</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>116</b>

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Idade dos docentes inquiridos .....	30
<b>Gráfico 2</b> - Tempo de serviço docente .....	30

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Caracterização global dos docentes inquiridos .....	29
<b>Quadro 2</b> - Inquiridos por ilha do Arquipélago .....	32
<b>Quadro 3</b> - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 7.º ano .....	56
<b>Quadro 4</b> - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 8.º ano .....	66
<b>Quadro 5</b> - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 10.º ano .....	71
<b>Quadro 6</b> - Síntese das atividades que envolveram a Música .....	90

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Planta da sala 207 .....	46
<b>Figura 2</b> - Realização de duas peças de teatro grego: comédia e tragédia (7B33).....	60
<b>Figura 3</b> - Romanização e elementos de unificação romana (7B42) .....	61
<b>Figura 4</b> - Os concelhos medievais: aprender a selar uma carta (7B85) .....	64
<b>Figura 5</b> - <i>Peddy paper</i> sobre a História e o património dos Açores (8C31) .....	69
<b>Figura 6</b> - Representação sobre o comportamento das elites sociais à mesa (10B145)....	73
<b>Figura 7</b> - Visita de Estudo ao Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado .....	76
<b>Figura 8</b> - Atividade comemorativa do Pão por Deus .....	82
<b>Figura 9</b> - Concerto do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores .....	83
<b>Figura 10</b> - Sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1974.....	84
<b>Figura 11</b> - Sessão de sensibilização sobre a viola da terra .....	89
<b>Figura 12</b> - Exploração de instrumentos musicais: Flauta e Buzouki (7B32) .....	92
<b>Figura 13</b> - Realização da atividade “Uma viola, dois corações” (8B18) .....	96
<b>Figura 14</b> - Análise da Música “O conquistador” da banda Da Vinci (10B129) .....	97

## **Índice de Anexos**

<b>Anexo I</b> - Questionário destinado aos docentes de História (grupo 400) .....	117
<b>Anexo II</b> - Questionário destinado aos alunos no início do ano letivo 2023/24 .....	123
<b>Anexo III</b> - Consentimento informado.....	124
<b>Anexo IV</b> - Questionário destinado aos alunos.....	125

## **Índice de Siglas e Abreviaturas**

AE - Aprendizagens Essenciais;

Et al. - e outros;

F - Feminino;

HGCA - História Geografia e Cultura dos Açores;

IRS - Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares;

M - Masculino;

p. - página;

P1, P2, ... - Professor 1, Professor 2...;

PAA - Plano Anual de Atividades;

PCE - Projeto Curricular de Escola;

PEE - Projeto Educativo de Escola;

PROFIJ - Programa Formativo de Inserção de Jovens;

RAA - Região Autónoma dos Açores;

T1, T2, ... - Turma 1, Turma 2...;

UE - União Europeia;

---

# Introdução

---

## Introdução

O presente Relatório de Estágio, intitulado “História para os meus ouvidos: o papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário”, enquadra-se legalmente no Regulamento Específico do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade dos Açores, e reflete de forma detalhada as práticas desenvolvidas ao longo da unidade curricular de Estágio em Ensino de História.

Sendo o Estágio Pedagógico uma experiência de aprendizagem fundamental na formação inicial e conseqüente entrada na carreira docente, este documento apresenta uma análise detalhada e refletiva sobre os principais processos envolvidos: planificação, intervenção, avaliação e reflexão crítica. Estes aspetos, fundamentais para a ação educativa, foram desenvolvidos com o objetivo de, não só melhorar a aprendizagem dos nossos alunos, mas também o nosso desempenho, enquanto futuras docentes desta área curricular.

O título escolhido para o presente Relatório foi motivado por razões pessoais, mas também por entendermos que a Música vai muito para além de se assumir apenas como um simples recurso didático. A Música, como afirma Santos (2014), “tem o poder de abrir caminhos, ligar conceitos e ideias. Consegue propagar aspetos culturais de determinado tema ao combinar a linguagem sonora da sua melodia com os factos históricos” (p. 166). Por este motivo, acreditamos que esta área, não só enriquece o processo de ensino, mas também promove uma nova experiência de aprendizagem, capaz de envolver os alunos no ensino da História.

Entendemos que a integração da Música como complemento no ensino da História, numa perspetiva de integração curricular, se assume de grande importância, considerando o contexto de alteração e mudança em que se encontra a Educação, sendo por isso fundamental que os professores se adaptem às novas exigências da sociedade. Tal como refere Luís Vaz de Camões, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/Muda-se o ser, muda-se a confiança,/Todo o mundo é composto de mudança,/Tomando sempre novas qualidades”. Nestes versos, Camões destaca que o tempo, as vontades e as certezas são dinâmicos e estão sempre em movimento, assumindo novas formas e desafios. Assim é a Educação. Embora a utilização da Música no ensino de História possa ser um desafio, é essencial que os professores estejam dispostos a renovar as suas práticas, utilizando métodos e abordagens que acompanhem as mudanças sociais e tecnológicas, sempre com o intuito de dar a melhor formação possível aos alunos que lhes são confiados.

Assim, após a apresentação da problemática que serviu de foco de estudo para o nosso Relatório de Estágio, partilhamos os objetivos, gerais e específicos, que nortearam a nossa ação educativa: 1) observar os contextos educativos em que nos movermos, por forma a conhecermos as reais necessidades dos alunos e adaptarmos a nossa ação educativa às suas reais necessidades; 2) planificar sequências didáticas, dinâmicas e integradoras, adequadas aos contextos em que nos movermos e capazes de contribuir para a aprendizagem dos jovens que nos forem confiados; 3) implementar metodologias e estratégias de ensino inovadoras, dinâmicas e criativas, que possam vir ao encontro das motivações dos alunos e promover as suas aprendizagens; 4) avaliar o desempenho dos jovens durante a realização das práticas educativas, por forma a identificar as suas potencialidades e dificuldades, bem como reunir evidências capazes de nos ajudar a repensar e adequar a nossa ação educativa futura; 5) refletir sobre a prática educativa realizada ao longo do estágio como forma de fazer um balanço das atividades realizadas e melhorar práticas futuras; 6) compreender as dificuldades e necessidades existentes atualmente no âmbito do sistema educacional; explorar as potencialidades pedagógicas e didáticas da Música no âmbito do ensino da História e 7) conhecer as opiniões e conceções de professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário acerca do potencial da Música na sua ação educativa.

Como forma de atender aos propósitos definidos, estruturámos o nosso Relatório em quatro Capítulos, que apresentaremos sinteticamente de seguida.

O primeiro Capítulo, intitulado *Entre notas e factos: fundamentos sobre o papel da Música no Ensino da História*, tem como objetivo apresentar o enquadramento teórico do nosso trabalho e aprofundar a problemática em estudo. Para tal, recorreremos à consulta de documentos legislativos em vigor, a nível nacional e regional, a obras de autores de referência e a outros Relatórios de Estágio, enquadrados na temática abordada. Neste Capítulo pretende-se recolher informação, de modo a compreender se realmente é viável considerar a Música como uma ferramenta eficaz na aprendizagem e no ensino da História.

O segundo Capítulo, intitulado *Ecos da História: opiniões dos professores de História sobre a utilização da Música na sua ação educativa*, envolve a apresentação e análise do nosso estudo empírico. A metodologia aplicada foi o inquérito por questionário, que teve como público-alvo os Professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Região Autónoma dos Açores. Desta forma, pretende-se conhecer as opiniões e conceções destes professores acerca do potencial da Música na sua ação educativa, de modo a apurar se, de facto, pode ser uma ferramenta eficaz no ensino ou não.

O terceiro Capítulo, intitulado *Contextos do Estágio Pedagógico*, apresenta a caracterização dos contextos em que nos movemos, nomeadamente, a descrição do meio envolvente, do estabelecimento de ensino, das salas de aula e das turmas que nos foram atribuídas. Conhecer o contexto em que estávamos envolvidas foi essencial para a nossa intervenção em sala de aula, uma vez que permitiu adaptar as estratégias pedagógicas às necessidades dos alunos, bem como ao ambiente da escola.

O quarto Capítulo, intitulado *História em acordes: reflexões sobre o Estágio Pedagógico no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*, reflete uma análise abrangente sobre as várias atividades realizadas ao longo do estágio. Além disso, é dada ainda uma especial atenção às atividades desenvolvidas no âmbito do tema em estudo, isto é, a utilização da Música como forma de facilitar a aprendizagem da História.

Também neste Capítulo convocamos os resultados de um questionário que endereçamos a todos os nossos alunos, por forma a conhecermos as suas opiniões e conceções relativamente ao potencial impacto da Música nas aprendizagens que realizaram no âmbito da disciplina de História. Estes tiveram ainda a oportunidade de se pronunciar sobre aquelas que foram as experiências de aprendizagem mais impactantes para eles.

Por fim, partilhamos com o leitor as *Considerações Finais: o último acorde e as notas para o amanhã*, nas quais apresentaremos um balanço geral de todo o trabalho desenvolvido ao longo deste Relatório.

Além disso, torna-se importante referir ainda que, por respeito às normas éticas que devem presidir a trabalhos com a natureza do nosso, optamos por garantir a confidencialidade de todos os dados e preservar o anonimato de todos os participantes ao longo da elaboração deste Relatório. Isto aplica-se especialmente às atividades desenvolvidas durante o nosso estágio e à análise de dados obtidos através dos questionários utilizados no estudo.

---

# Capítulo I

---

**Entre notas e factos:  
fundamentos sobre o papel da Música  
no ensino da História**

**1. Entre notas e factos: fundamentos sobre o papel da Música no ensino da História**

- 1.1. A importância do estágio na formação inicial de um Professor;
- 1.2. O ensino da História;
- 1.3. A Música como lugar de aprendizagem;
- 1.4. A Música no ensino da História.

## **1. Entre notas e factos: fundamentos sobre o papel da Música no ensino da História**

Tendo em conta os objetivos a que nos propomos, no presente Relatório, torna-se fundamental realizar, nesta fase, um enquadramento teórico sobre os diversos aspetos que norteiam o nosso estudo.

Desta forma, este Capítulo é dividido em quatro partes. A primeira e a segunda parte estão associadas a um estudo mais amplo, uma vez que se foca na importância do estágio na formação inicial de um Professor e na importância do ensino da História nos dias de hoje. A terceira e quarta parte focam-se mais concretamente na temática do Relatório, nomeadamente, a Música como lugar de aprendizagens e a sua importância no ensino da História. Para tal, apoiamo-nos numa vasta bibliografia e num conjunto de documentos curriculares, tais como o “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (PASEO), “Aprendizagens Essenciais” (AE) e a “Estratégia Nacional para a Cidadania” (ENEC).

### **1.1. A importância do estágio na formação inicial de um Professor**

Após quatro anos de estudo teórico, chega a hora do estudante realizar o estágio pedagógico, entrando, assim, em contacto direto com a realidade profissional.

A componente teórica adquirida ao longo da Licenciatura em História e do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário permite dotar os estudantes da base conceptual para entender os princípios e as dinâmicas da área, fornecendo-lhes, assim, “uma oportunidade de aplicar esses conceitos teóricos em ambiente prático, ajudando a consolidar e integrar o conhecimento” (Andrade et al., 2023, p. 18878). Esta aplicação prática permite compreender de melhor forma os princípios teóricos e proporcionar ao “estudante um contacto próximo com a realidade profissional que integrará no futuro” (Ferreira, 2016, p. 114).

Segundo Araújo & Ribeiro (2017), o estágio dá aos estagiários a oportunidade de vivenciar o quotidiano escolar, de modo a entender as relações entre professores, alunos e o currículo, bem como as dificuldades e demandas do dia a dia do trabalho docente (p. 1728). Um Professor encontra-se “permanentemente confrontado com situações singulares” (Morgado et al., 2022, p. 386). Por isso, quando falamos da preparação para a realidade profissional, não nos referimos somente ao domínio dos conteúdos científicos,

mas também à capacitação para o manejo de situações imprevisíveis, porque ao desempenhar o papel de docente, o Professor estagiário encontrará claramente vários desafios que, por sua vez, terá de enfrentar. Neste sentido, o “estagiário, agindo sobre o meio e recebendo a influência deste, pode elaborar o seu conhecimento de modo indissociável da realidade social através da reflexão, da troca de experiências e interferindo, de algum modo, nesta mesma realidade” (Ribeiro, & Araújo, 2017, p. 1723).

Estrela, Esteve e Rodrigues (2002) referem que é de extrema importância, em todos os momentos de ensino e aprendizagem, que o Professor estagiário tenha em conta “questões como a observação do contexto a ser objeto de estudo, a planificação, os objetivos traçados e ainda, a reflexão sobre a ação” (Citado por Souza, 2020, p. 36).

Segundo Cruz Neto (1994) a observação “realiza-se através do contato direto do pesquisador com o fenómeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (citado por Souza, 2020, p. 28). Isto permite que o “Professor-estagiário preveja de antemão a aula, os objetivos, os conteúdos e as experiências de aprendizagem” (Delindro, 2013, p. 24).

Segundo Delindro, “observar é, antes de mais, interpretar e, como qualquer interpretação é sempre feita à luz das teorias pessoais, a observação reflete necessariamente a subjetividade do sujeito que observa” (2013, p. 24). Ou seja, toda a interpretação derivada da observação é influenciada por quem a faz, pois, cada indivíduo carrega consigo um conjunto de experiências e conhecimentos pessoais. Isso significa que, ao observar, o indivíduo interpreta o que vê, tendo em conta as suas próprias teorias e percepções. Por exemplo, um Professor estagiário, quando realiza a observação, pode privilegiar uns aspetos em detrimento de outros. Na realidade, a subjetividade deste exercício relaciona-se com vivências e conceções individuais sobre o ensino.

Para além da observação, a planificação é igualmente importante, quer seja durante o estágio, quer seja na vida profissional de um Professor. De acordo com Ferreira (2014), a planificação assume um papel crucial em todas as atividades realizadas pelo professor e deverá acompanhá-lo ao longo da sua vida profissional (p. 12). Nas suas palavras, “é um roteiro que reflete a maneira como foi pensada a aula e prevê a ação do Professor, estando implícita a sua forma de pensar e refletir sobre os assuntos a planificar, bem como a sua conceção de educação” (Ferreira, 2014, p. 12). Neste sentido, a planificação permite ao estagiário estruturar as suas atividades de forma organizada, garantindo que os objetivos educacionais sejam claramente definidos e alcançados.

Estrela, Esteve e Rodrigues (2002) referem que “a construção da planificação deve ser cuidada e destacar os objetivos que se propõe alcançar; identificar os conhecimentos prévios dos alunos e ainda, abranger situações estimulantes e pedagógicas” (citado por Souza, 2020, p. 36).

Souza (2020) afirma ainda que a planificação deve “abarcara, sem cessar, parte de problemas que se afigurem como um desafio cognitivo, com fim de avaliar qualitativamente, acompanhando a progressão da aprendizagem. Esta deve ser flexível e aberta de modo a possibilitar o Professor a reorientar a sua ação” (p. 37).

Outro aspeto fundamental a explorar durante o estágio é a reflexão. Os estagiários “devem ser incentivados a refletir sobre suas experiências, desafios e aprendizados no contexto escolar ao ponto de se tornarem profissionais mais conscientes e preparados para os desafios da docência” (Andrade et al., 2023, p. 18880). A reflexão permite que os estagiários analisem criticamente suas práticas, identifiquem as áreas de melhoria e consolidem o conhecimento adquirido (Delindro, 2013, p. 29).

Segundo Roldão (2017), a reflexão adquire uma importância crucial no processo de desenvolvimento profissional dos professores, uma vez que o seu papel, sobre e na ação, é visto como um gerador de conhecimento em constante reconstrução: “Consciencializar esse processo é tornar o Professor efetivamente competente - isto é, capaz de agir, de analisar e avaliar a sua ação e de modificar fundamentadamente a sua ação em desenvolvimento, desembocando na produção constante de um saber reflexivo e renovado” (p. 199).

Os resultados advindos dessas práticas permitem aos estagiários perceberem o valor do seu trabalho e o seu esforço na construção de uma Educação deveras transformadora, em prol da cidadania. O Professor, depois de uma boa formação académica ao nível do conhecimento científico, deve estar, assim, preparado para os desafios da lecionação, mas também para cativar e responder aos interesses dos jovens (Morgado et al, 2022, p. 388).

Neste sentido, a formação inicial de professores adquire uma importância fundamental, uma vez que confere ao docente, segundo o Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A, a “qualificação profissional para a docência no respetivo nível de Educação ou de ensino (...) [e] deve de ser encarada enquanto uma primeira etapa de um percurso de Educação permanente, não uma meta encerrada em si mesma” (artigo 22). Ou seja, os professores deverão continuar a sua formação, ao longo da carreira, através de “ações de formação contínua regulares, destinadas a atualizar e aprofundar os conhecimentos e as

competências profissionais dos docentes” (artigo 7). A formação contínua é fundamental para “atualizar e aprofundar os conhecimentos e as competências profissionais dos docentes” (artigo 7).

Investir na formação docente, é investir no futuro do país, uma vez que a docência é a base de todas as profissões, pois é o Professor quem ensina, inspira e orienta os futuros médicos, engenheiros, advogados, cientistas e outros profissionais. Por isso, valorizar os docentes e o trabalho desenvolvido permite proporcionar “à comunidade estudantil um ensino de qualidade e uma formação integral e inovadora, alinhada com a época em que vivemos” (Reis, 2023).

Um Professor bem formado tem a aptidão necessária para influenciar positivamente as futuras gerações, transmitindo não apenas conhecimentos técnicos, mas também valores, ética e a capacidade de pensar de forma crítica, tornando-os capazes de superar os desafios da nossa sociedade. De acordo com Morgado et al., será a “sociedade no geral quem desfrutará os ganhos, tendo cidadãos produtivos, críticos e dispostos a emprestarem as suas energias e capital intelectual como ferramentas para as soluções dos problemas sociais enfrentados nos mais variados setores estratégicos” (2022, p. 386).

Neste sentido, o estágio acaba por ser “um retrato vivo da prática docente” (Kito & Silva, 2012, p. 1), dando, assim, ao estagiário a oportunidade de se preparar devidamente para desempenhar a sua profissão com qualidade, reajustando a teoria aprendida à prática vivenciada. É o estágio que acaba por “proporcionar ao futuro Professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz” (Formosinho, 2001, citado por Graciano & Fialho, 2012, p. 2).

## **1.2. O ensino da História**

Em Portugal, até ao terceiro quartel do século XX, o Professor era considerado a única fonte do saber, uma vez que, dentro da sala de aula, o seu papel era apenas de debitar os conteúdos, não havendo, assim, espaço para questões nem interpretações. De acordo com Silva (2006), “o Professor e aluno estavam distantes, pertenciam a mundos díspares e intocáveis. O primeiro transmitia conhecimentos que o segundo recebia de forma passiva” (citado por Souza, 2020, p. 23). No fundo, os alunos apenas tinham que memorizar os conteúdos e obedecer ao Professor que era considerado a autoridade máxima.

Durante o Estado Novo, a disciplina era vista como uma forma de glorificação da História de Portugal, “promovendo a defesa da exaltação dos valores nacionalistas que o Estado Novo tanto queria fomentar em prol de uma união nacional, trazendo para o presente as grandes figuras e os feitos dos portugueses” (Serrão, 2018, p. 139). Segundo Pereira (2014),

a ação dos reis da primeira dinastia é valorizada na *Escola Portuguesa*, com particular destaque para D. Afonso Henriques a quem se deve a fundação da nacionalidade e o início do processo de dilatação da fé. A sua ação é continuada pelos reis seguintes, destacando-se as temáticas ligadas aos processos de reconquista, povoamento e organização económica e social do território, sempre coadjuvados pelas ordens religiosas. É também a estes reis que se deve um conjunto de ações que possibilitaram a epopeia dos Descobrimentos. (p. 76)

Por sua vez foram removidos, em 1929, conteúdos que diziam respeito à Pré-História, à Fixação dos Primeiros Povos e aos Contactos com os Povos do Mediterrâneo que, por sua vez, encontravam-se no currículo do período da 1.ª República (Pereira, 2014, p. 73).

Os manuais escolares eram rigorosamente controlados pelo governo e os conteúdos eram cuidadosamente supervisionados para garantir que não existiam críticas ao regime ou referências a ideologias consideradas subversivas, como, por exemplo, o Comunismo, formando, assim, “‘cidadãos obedientes e conformados’ conformes aos ideais do 'homem novo'” (Neto, 2015, p. 9). Este “homem novo” seria caracterizado por um profundo patriotismo, obediência cega à autoridade, disciplina, moralidade tradicional e uma devoção aos valores nacionalistas e católicos que sustentavam o regime. O governo de Salazar utilizava dois principais instrumentos para essa formação: as “políticas do espírito” — que englobavam a propaganda e a Educação controlada pelo Estado — e a repressão, para garantir que esses ideais fossem seguidos (Rosas, 2001, p. 1053).

Num dos seus discursos, Salazar refere o seguinte:

nós não compreenderíamos — nós não poderíamos admitir — que a escola, divorciada da Nação, não estivesse ao serviço da Nação, e não compreendesse o altíssimo papel que lhe cabe nesta hora de ressurgimento, na investigação e no ensino, a educar os Portugueses para bem compreenderem e bem saberem trabalhar. (Discursos, 1934, citado por Neto, 2015, p. 8)

Ou seja, para Salazar a escola devia estar ao serviço da Nação, tendo como principal objetivo formar cidadãos que partilhassem os ideais do regime. A Educação era orientada para moldar indivíduos obedientes, disciplinados e profundamente patriotas, reforçando os valores tradicionalistas e nacionalistas defendidos pelo Estado Novo. Neste contexto, a escola não era concebida como um meio de promoção da igualdade social ou do pensamento crítico, mas sim como um veículo para a consolidação da ordem política e social estabelecida. Há que referir que a escolaridade obrigatória se limitava a apenas quatro anos (o ensino primário) e o acesso ao ensino liceal (equivalente ao ensino secundário) era reservado a um grupo restrito de pessoas, pertencentes, sobretudo, às classes sociais mais altas. Este sistema educativo funcionava como um filtro, onde apenas os filhos das elites tinham condições económicas e sociais de continuar os seus estudos, já que o ensino liceal não era amplamente acessível à população em geral (Serrão, 2018, p. 15).

A partir da Revolução de 25 de abril de 1974, Portugal passa por profundas alterações que, por sua vez, se refletiram num movimento mais amplo de democratização e modernização da sociedade. De acordo com Réquio (2020), a queda do Estado Novo desencadeou uma vasta abertura de possibilidades políticas na História contemporânea de Portugal, o que levou ao surgimento de diversos projetos políticos visando a estruturação do novo regime. Durante o processo revolucionário, vários projetos políticos entraram em confronto quanto ao futuro do país, tendo sido cogitados diferentes cenários, como o regresso a um “regime autoritário de extrema direita; a evolução para um regime comunista de inspiração soviética; a transição para um regime de democracia parlamentar com uma economia liberal; um poder militar com reformas de cariz socialista ou ainda um projeto de poder popular assente nas organizações populares de base” (Réquio, 2020, p. 152).

Pintassilgo (2014) refere que como em qualquer outro momento revolucionário, acreditava-se estar num “‘ponto zero’ da História, sendo, por isso necessário construir uma nova sociedade em rutura total com o passado ‘fascista’” (p. 4). Durante este período de instabilidade política em Portugal, observa-se uma inclinação para a implementação de um modelo coletivista no país. Contudo, a inversão do processo levou à vitória democrática, a 25 de novembro de 1975, que se revelou um marco decisivo na consolidação da democracia em Portugal (Réquio, 2020, p. 153).

Nesta época, havia uma renovada crença iluminista que privilegiava a Educação e a cultura como elementos centrais na transformação social, por isso, em resposta a esta visão

e à política em vigor, foram introduzidas diversas reformas educacionais que refletiam o compromisso com a democratização e a modernização do sistema educativo.

O sistema educativo português passou a ser regido pela *Constituição de 1976* e por decretos-lei que, por sua vez, foram sendo publicados. A criação da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, por exemplo, aprovada em 1986, em Portugal, foi um grande marco na reformulação do sistema educativo português. Esta lei estabeleceu os princípios fundamentais e as orientações gerais para a Educação em Portugal, defendendo garantir “a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social” (artigo 7). Ou seja, deixamos de ter uma Educação de elites apenas alinhada com a ideologia do regime Salazarista, para um sistema de Educação massificado e com acesso democratizado.

Perante este contexto, o ensino da História assume um papel crucial na concretização dos objetivos estabelecidos pela Lei de Bases, uma vez que esta área, como disciplina, vai muito além do simples estudo sobre o passado. Segundo Prats & Santacana (2011) o ensino da História visa

a construção de uma consciência crítica nos alunos, base fundamental de uma cidadania ativa, para além de outras adstritas à própria ciência da História, como o conhecer o passado, para melhor compreender a realidade do presente e projetar ações no futuro; abordar problemas sociais relevantes, temas difíceis e problemáticos; tomar consciência e sensibilidade para problemas sociais; desenvolver competências cognitivas; valorizar e defender o património; desenvolver uma consciência temporal e também educar em valores e sobre uma ideia de cidadania democrática, embora esta última não deva ser exclusiva da História, mas outras áreas do saber devem se preocupar com esta dimensão também. (citado por Solé, 2021, p. 24)

Todos esses aspetos encontram-se refletidos nas *Aprendizagens Essenciais* da disciplina de História, um documento fundamental no sistema educativo português, que se alinha com os princípios da *Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986*, e que define os conhecimentos e as competências essenciais que os alunos devem adquirir em cada um dos níveis de ensino com o objetivo de garantir que o processo educativo seja inclusivo, equitativo e de qualidade.

O Conselho da Europa tem desempenhado um papel significativo na promoção do ensino da História, uma vez que vê esta área curricular como um meio para reforçar a democracia, os direitos humanos e a coesão social nos seus estados-membros, alegando, ainda que

o ensino da história desempenha um papel fundamental para fazer face aos desafios políticos, culturais e sociais que a Europa enfrenta atualmente; em particular, aos desafios colocados pela diversificação das sociedades, pela integração de migrantes e refugiados na Europa, e pelos ataques à democracia e aos valores democráticos (Conselho da Europa, 2018, p. 5).

Assim, podemos ver que, o ensino desta área curricular permite dar aos alunos uma compreensão da história que acabou por moldar as identidades europeias, ao longo dos séculos. O estudo de diferente épocas e povos, permite dar aos alunos a oportunidade de entender como as diversas culturas, sociedades e eventos ao longo do tempo contribuíram para a formação da Europa tal como ela é hoje, sendo, assim, uma forma para combater os preconceitos e estereótipos e promover a tolerância e o respeito pelas diferentes culturas e tradições.

Para além disso, o ensino da História apresenta também um papel relevante no contexto atual, em que as *fake news* se proliferam de forma alarmante, representando uma ameaça direta aos princípios democráticos, pois a História, quando ensinada com rigor e espírito crítico, oferece aos alunos competências que facilitam a “problematização das relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo atual” (Seixo, 2019, p. 40).

Este processo de ensino ajuda a desenvolver nos estudantes a capacidade de questionar e avaliar informações. Ao explorar múltiplas perspetivas dos acontecimentos históricos, os alunos aprendem a identificar narrativas enviesadas e a distinguir os factos e as versões distorcidas da realidade. Estas são competências essenciais para lidar com a desinformação e as *fake news*, que frequentemente manipulam os dados históricos e os factos sociais para servir interesses específicos (Seixo, 2019, p. 40).

Na verdade, a consciência histórica permite criar indivíduos capazes de atuar e intervir na sociedade e “é determinante para a manutenção da sua herança cultural e patrimonial” (Monteiro, 2022, p. 22). Rüsen (2007) afirma que é importante “dizer a cada aluno que é um agente da História, que tem um papel ativo para intervir na sociedade” (citado por Costeira, 2012, p. 28). Rüsen (2007) enfatiza o poder e a capacidade que cada

indivíduo tem de influenciar o curso dos acontecimentos (Costeira, 2012, p. 28). Abordar esta questão em sala de aula, faz com que os alunos compreendam que as suas ações, decisões e participação na sociedade são relevantes. Estes jovens não são meros espetadores da História, mas protagonistas que podem contribuir para mudanças sociais, políticas e culturais.

Contudo, apesar das reformas no ensino da História a que temos assistido nas últimas décadas em Portugal e que visaram transformar a disciplina para o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania, persiste a perceção entre alguns alunos e, até, entre a sociedade em geral, de que a História é uma disciplina “de decorar nomes, datas e acontecimentos” (Caeiro, 2021, p. 10) sem relevância prática para a vida quotidiana. Esta visão reducionista da disciplina é frequentemente expressa em frases como “História é só decorar e 'chapar'” (Leal, 2019, p. 18), destacando a ideia de que a aprendizagem desta área se resume à memorização mecânica e à reprodução de informações em avaliações.

Moura (2019) afirma que “o Ensino da História não deve adotar uma postura demasiado 'mecanicista', demasiado estereotipado, através do qual apenas se privilegia a 'simples' reprodução dos factos e transmissão de conhecimentos por parte dos docentes” (p. 32). Pelo contrário, como já vimos, o Ensino da História deve capacitar os alunos a adotarem e interpretarem as suas próprias posições em relação ao passado, presente e futuro, permitindo-lhes desenvolver um pensamento crítico.

A adoção de vários recursos didáticos pelo docente, por exemplo, “permitirá, sem dúvida, aferir os conhecimentos prévios dos alunos sobre determinado domínio curricular, concomitantemente despertando o interesse e a motivação para a disciplina” (Epifânio, 2020, p. 34). Ou seja, os docentes de História devem utilizá-los como uma ferramenta capaz de estimular a aprendizagem. É neste sentido que, no presente Relatório, decidimos abordar a Música como uma forma de aprendizagem, já que esta, para além de ser um recurso didático capaz de incentivar os alunos no processo de aprendizagem, também se revela ser uma importante fonte histórica que reflete os contextos sociais, políticos e económicos em que foi criada, tal como veremos no subcapítulo seguinte.

### **1.3. A Música como lugar de aprendizagem**

De acordo com as Aprendizagens Essenciais do 3.º Ciclo do Ensino Básico, “a Música é uma Arte presente em todas as culturas e no quotidiano dos seres humanos” (Direção-Geral de Educação, 2021, p. 1), desde as mais diversas situações: “festas e

comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc.” (Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p. 45).

Segundo Levitin, “não se conhece, nem agora nem na História de que há registo, uma cultura humana em que não existisse música” (2007, p. 14). Hoje em dia, em vários locais onde são realizadas intervenções arqueológicas encontram-se alguns dos mais antigos artefactos que são instrumentos musicais (Vale, 2020, p. 25). Isto reflete que, desde os primórdios da civilização, a Música tem desempenhado um papel central na vida social, religiosa e cultural do Homem.

Na Antiguidade Clássica, a Música era uma disciplina obrigatória nos currículos básicos. Os gregos e os romanos foram dos povos que mais a utilizaram. De acordo com Fontes (2023), para os gregos esta era uma “importante fonte de ensino, expressão artística e mesmo religiosa, de forma a facilitar o contacto com o divino, sendo vários os poemas musicais dedicados às diversas divindades do panteão heleno (p. 26). Costa (2010) afirma ainda que “a música na Grécia era entendida como a primeira responsável pelo desenvolvimento do Homem no seu todo, do corpo e da alma” (Citado por Santo, 2013, p. 49). Os romanos, por sua vez, acabaram por se inspirar nos gregos e, para além do referido, também utilizavam muito a Música na “arte bélica, sendo vários os hinos de marcha de forma a inspirar as legiões romanas, mas também e sobretudo, os sons musicais produzidos que corresponderia cada um a uma tática diferente e posição estratégica em campo de batalha” (Fontes, 2023, p. 26).

Já durante a Idade Média, Lessa (1998) afirma que, os mosteiros e conventos mostraram claramente que a “música era (...) um meio de desenvolvimento cultural, de educação, de formação estética e humanística do monge” (p. 643). Nestes destaca-se o “canto gregoriano, que se tornou a forma litúrgica padrão da Europa Católica até ao século XVI, aquando da Reforma Protestante” (Fontes, 2023, p. 26). Para além disso, o desenvolvimento da Música secular com o surgimento dos trovadores, também acabou por influenciar o modo de vida da população e a cultura da época. A poesia trovadoresca era “sentimental, e abrangia músicas acompanhadas por versos na língua galaico-portuguesa” (Almeida, 2012, p. 35). Este tipo de poesia revelou uma grande importância, uma vez que contribuiu para o desenvolvimento da língua portuguesa e a criação da identidade nacional.

Na Época Moderna, a sociedade portuguesa passou a ter uma visão completamente diferente do mundo. Brito & Cymbron (1992) afirmam que desde cedo “a música e a dança foram utilizadas pelos portugueses como meio de comunicação ou de afirmação, aquando

dos primeiros contactos com outras culturas” (citado por Almeida, 2012, p. 36). Almeida refere ainda que

A música foi também usada pelos missionários das muitas ordens religiosas, como um meio muito eficaz para a catequização, por ser um meio muito subtil de comunicação assertiva (...). Foram usados cânticos indígenas, com textos religiosos em língua tupi, e era permitida a utilização das danças indígenas nas procissões religiosas, tudo isso para facilitar a aceitação por parte dos nativos aos novos ensinamentos que lhes eram impostos. (Almeida, 2012, p. 36)

Relativamente à época Contemporânea, a Música tem sido um grande reflexo dos momentos históricos vividos com inúmeros exemplos que capturam e expressam as transformações sociais, políticas e culturais. Diferentes géneros musicais surgiram (jazz, o rock, o metal, o pop, o hip-hop, etc.). O jazz, por exemplo, surgiu no final do século XIX e início do século XX, nos Estados Unidos, como resultado da fusão de diversas tradições musicais, principalmente de origem africana e europeia e da “vontade dos trabalhadores pobres de se profissionalizarem como cantores das músicas que eles utilizavam como forma de entretenimento durante o período de trabalho para os brancos ricos” (Gláuber & Bax, 2015, p. 19). Outro exemplo é o Rock que “surge no contexto do segundo pós-guerra, o qual engloba a revolta juvenil contra o status quo estipulado, e num contexto de Guerra Fria” (Ferreira, 2019, p. 25). Neste sentido, podemos verificar que os contextos económico, político e social marcam a Música que é produzida numa determinada época. Esta reflete as condições e os desafios vividos pelas sociedades, servindo como uma forma de expressão e como uma resposta artística aos eventos históricos.

Desta forma, constatamos que a Música tem desempenhado, ao longo da História, um papel vital, contribuindo para a aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. Esta influência é particularmente evidente na Educação, onde esta área “contribui para a formação geral do aluno favorecendo a transmissão de aspetos culturais, o desenvolvimento das capacidades de comunicação não-verbal (dos sentimentos, emoções, personalidade), assim como da motricidade e do raciocínio” (Costa, 2019, p. 39).

De acordo com Jagher & Schimin (2014), a Música “tem o poder de equilibrar as energias, desenvolver a criatividade, a memória, a concentração, a autodisciplina, a socialização, além de contribuir para a higiene mental, reduzindo a ansiedade e vínculos em todos os sentidos” (p. 6). É uma linguagem universal que, “se compreendida desde cedo,

ajuda o ser humano a expressar com mais facilidade suas emoções, sentimentos e principalmente ser criativo” (Góes, 2009, Citado por Gil, 2021, p. 22).

A aprendizagem desta área estimula “a criação de novas linguagens ou a improvisação sobre linguagens conhecidas, bem como a sua seleção e articulação para a realização do trabalho, sua comunicação e fundamentação” (Cardoso, 2013, p. 139). Ou seja, ao envolverem-se com a Música, os alunos são incentivados a explorar e a criar novas formas de expressão. Este processo não só promove a inovação, mas também a capacidade de comunicar estas novas ideias de forma estruturada e fundamentada.

Contudo, há que distinguir o “ensino da Música” do “ensino pela Música”. De acordo com Cardoso (2013), no ensino da Música “os conteúdos estão relacionados com elementos da Música, como por exemplo o som, a pulsação, o ritmo, a melodia, a harmonia, a notação” (p. 32), referindo-se, assim, ao processo de instrução focado na aprendizagem de habilidades musicais específicas. Já a Educação pela Música, está relacionada com o “desenvolvimento da criança, particularmente no que diz respeito aos fatores de personalidade, como, por exemplo, a atenção, a memória, as emoções, os sentimentos e a socialização, o que possibilita o desenvolvimento do gosto pela Música, da sensibilidade e do 'belo” (Cardoso, 2013, p. 32.). Por outras palavras, o docente utiliza a Música como um instrumento pedagógico para ensinar outros conteúdos ou desenvolver competências diversas. Isto porque esta é uma área “transdisciplinar que integra e desenvolve saberes de outras áreas do currículo” (Cardoso, 2013, p. 32) e pode servir como um grande auxílio para o ensino de outras ciências, tais como a Filosofia, a Matemática, Ciências, Português, Físico-Química, Educação Física, Educação Visual, Geografia e História. Neste sentido, tal como refere Mendes (2018), a “música e demais artes, caminham lado a lado com o conhecimento científico, quer façamos referência a letras, quanto a números” (p. 62).

De acordo com Zotto, a abstração suscitada pela área em causa “facilita a compreensão do aluno e dificulta a atuação do Professor (mesmo do Professor que saiba música, pois uma coisa é ensinar música e outra ensinar outra disciplina fazendo uso da música), na relação aprendizado ensino como subsídio a uma outra disciplina, esta normalmente fundada em factos concretos” (Zotto, 2018, p. 30). Ou seja, a abstração da Música permite que os alunos tenham uma forma de compreensão que ultrapassa o literal e o concreto. Claramente que esta situação acaba por ser um desafio ao próprio Professor, uma vez que este tem de encontrar formas de relacionar a Música com a própria disciplina, exigindo, assim, um aprofundamento dos conteúdos muito maior.

Segundo Mendes (2018), os “alunos encaram a música de forma positiva, podendo ser utilizada ao longo da realização de tarefas, revelando que os mesmos se sentem confortáveis com a presença do som e dispostos a trabalhar mais concentrados e em silêncio, ou seja, a Música transmite satisfação pessoal e motivação nas aprendizagens” (p. 61). Neste sentido, podemos verificar que a Música motiva também os alunos para a aprendizagem.

De acordo com Sousa (2016), a motivação permite “o envolvimento do aluno em atividades escolares menos interessantes e apelativas (...). A motivação (...) pode ser útil e construtiva para a realização académica, sustentando atividades de aprendizagem menos agradáveis e atrativas” (p. 24). Este afirma ainda que “os alunos desmotivados são passivos, não se esforçam, evitam desafios, desistem facilmente, usam repetidamente as mesmas estratégias ineficazes, mostram-se aborrecidos, deprimidos, ansiosos ou irritados e, por isso, não aproveitam as oportunidades de aprendizagem” (Sousa, 2016, p. 24). Neste sentido, a utilização da Música na ação educativa leva a que os alunos se mostrem mais entusiasmados, motivados e com uma maior capacidade para assimilar novos conhecimentos e experiências. Ou seja, a motivação que esta área transmite aos alunos, acaba por ser um fator chave para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, todas as potencialidades mencionadas representam uma parte crucial no desenvolvimento dos alunos, uma vez que proporcionam e desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais, para além de estimular a criatividade, a capacidade de concentração e ser uma forma de motivação.

Após retratarmos as diversas potencialidades que a Música proporciona, iremos aprofundar o nosso estudo, evidenciando, o seu lugar no ensino da História.

#### **1.4. A Música no ensino da História**

Tal como já abordamos, “é irrefutável a relevância que a Música sempre teve no decorrer da História, desempenhando um papel marcante em todas as sociedades” (Ferreira, 2021, p. 10). Desde as civilizações antigas até à contemporaneidade, a Música tem servido não apenas como forma de expressão artística, mas também como um reflexo da cultura, dos valores e das transformações sociais. Dada esta relevância histórica, será que esta adquire um papel preponderante no ensino da História?

A partir de 1929, com a criação da Escola dos Annales, a historiografia passou por uma revolução em termos metodológicos e epistemológicos. Este movimento representou

uma rutura com a História tradicional, que priorizava narrativas políticas e eventos de destaque, mais centrado em documentos oficiais e figuras públicas. A inovação dos Annales foi justamente a ampliação das fontes históricas e a incorporação de metodologias interdisciplinares, integrando campos como a Antropologia, a Sociologia, a Economia e as demais ciências sociais (Burke, 1992, p. 8).

Segundo Burke (1992),

a necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do facto de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. (p. 8)

Neste sentido, as artes, como por exemplo, “a arquitetura, a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema, a música, entre outras produções culturais, obtiveram validação e alcançaram uma posição mais significativa para a compreensão histórica, permitindo formulação de perguntas e o levantamento de diversificadas temáticas pelo historiador.” (Lima & Tourinho, 2021, p. 213). Esta variedade de fontes permite realizar novas pesquisas, levando, assim, a transformar, efetivamente, a investigação histórica e, por consequência, o ensino da História.

Segundo Ferreira (2021), cabe ao Professor de História utilizar estratégias baseadas na análise de fontes, porque a utilização das fontes no ensino desta área curricular permite fornecer aos alunos evidências concretas do passado, para que possam construir explicações históricas sobre os eventos estudados (p. 16).

Para além disso, segundo as *Aprendizagens Essenciais* de História do 7.º ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico, o Professor deve “utilizar adequadamente fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica” (Direção-Geral da Educação, 2021, p. 3). Esta é uma forma de possibilitar “a desconstrução de informação, identificando o erro e a ilusão, promovendo uma intervenção consciente e democrática na vida coletiva” (Direção-Geral da Educação, 2021, p. 2). Tendo em conta esta informação, a Música pode ser, de facto, uma estratégia eficaz, uma vez que “preserva em si um tempo histórico, um contexto social ou uma

ideologia de época, convertendo-se num excelente instrumento para a História” (Ferreira, 2021, p. 18).

Segundo Lima & Tourinho (2021), a Música deve ser utilizada de forma adequada, “já que nem todos professores vão estudá-la enquanto uma forma artística com nossos alunos, até porque muitas vezes, não possuímos uma formação adequada para realização dessa tarefa” (p. 215). Neste caso, o Professor irá explorar esta área “no sentido de tratá-la enquanto uma fonte, produzida por sujeitos, num determinado momento histórico sob as mais diversas influências” (p. 215).

Dähne & Molar (2012) salientam, que “para se fazer a análise de uma música como objeto de pesquisa é necessário estar atento não só a sua letra, mas também a aspetos como sua sonoridade, entonação, instrumentos utilizados, entre outros, já que a música não é composta apenas por suas letras” (p. 245). Embora a letra seja frequentemente o foco de muitas análises, por expressar diretamente ideias, sentimentos e temas, esta é apenas um dos componentes da Música. A letra pode revelar aspetos importantes sobre o contexto histórico, social e político de uma época, mas “é importante realizar uma articulação entre “texto” e “contexto” (Dähne & Molar, 2012, p. 245). O ritmo, a harmonia, a dinâmica e a melodia da música faz com que esta seja conotada como alegre, triste, amorosa, nostálgica ou agitada, remetendo, assim, os ouvintes para um determinado período da História (Almeida, 2012, p. 21).

Ferreira (2013) refere que o

ritmo, a melodia, a tonalidade, enfim, todas as variadas pistas de reforço de uma canção, ficam nas nossas mentes. (...) Enquanto ferramenta na ativação de pensamentos específicos, a música não será, certamente, tão eficaz quanto a linguagem. No entanto, enquanto instrumento capaz de evocar e despertar emoções e sentimentos, a música é indubitavelmente, a mais competente. (p. 46)

De acordo com Santos (2014), a Música é capaz de levantar novas questões, problemáticas e abordar temas que, até ao momento, são pouco debatidos no contexto da sala de aula (p. 163). Isso ocorre porque esta área assume-se como uma forma de expressão multifacetada que pode revelar variados aspetos da experiência humana.

Segundo Sphor (2022), “lidar com fontes musicais desloca o historiador para espaços com obstáculos e problemáticas distintas, não presentes, pelo menos não da mesma forma, em fontes tradicionais” (p. 60). Ou seja, através da análise das letras e dos contextos históricos das músicas, os alunos podem deparar-se com perspectivas e narrativas

que não são frequentemente abordadas nos livros didáticos, como, por exemplo, experiências marginalizadas, pontos de vista alternativos ou aspetos culturais específicos.

Para além disso, Soares (2017) afirma que a “música não é apenas uma boa fonte de análise, mas também um importante recurso didático para estimular e incentivar os alunos durante as aulas” (p. 89).

Tal como já referimos anteriormente, o ensino da História é visto muitas vezes como desinteressante e os alunos veem esta disciplina como antiga e ultrapassada comparativamente com disciplinas mais práticas ou ligadas à tecnologia (ciências exatas e informática). Estas disciplinas são frequentemente entendidas como mais atuais e relevantes para o mundo contemporâneo, especialmente por estarem diretamente ligadas às inovações, o que não acontece com a História, uma vez que esta é, equivocadamente, associada apenas ao estudo do passado, sem conexão com os desafios modernos, o que pode contribuir para criar uma visão desatualizada sobre a área (Barton & Levstik, 2004, p. 2).

Segundo Carvalho (2015), a Música

pela importância que assume na vida dos adolescentes e jovens, aos sentimentos e despertar emoções, revela-se um instrumento/recurso bastante pertinente e adequado para utilizar nas aulas de História, na medida em que enquanto expressão cultural espelha a conjuntura da sociedade em que foi criada e permite uma viagem lúdica pelos tempos, permitindo assim uma maior interação entre os alunos e os saberes curriculares. (p. 46)

Segundo Ferreira (2021), a utilização desta área curricular enquanto recurso didático no ensino da História permite desenvolver o “gosto por esta área do conhecimento, tornando-a, portanto, mais atrativa a todos os alunos, com especial destaque àqueles que apresentam um interesse menor pela mesma” (p. 1).

Santos (2014) refere ainda que a “música vem elucidar, clarear e enfatizar assuntos antes tidos como enfadonhos, vem antes de tudo trazer o prazer na arte de aprender e ensinar, aumentando o interesse dos alunos e auxiliando na compreensão dos temas” (p. 166). Ou seja, os conteúdos históricos que são ensinados por meio de músicas que retratam acontecimentos de uma determinada época (ex. canções de protesto, hinos nacionais ou músicas folclóricas) acabam por despertar nos alunos mais interesse e curiosidade, o que não acontece com um ensino simplesmente tradicional. A Música neste caso, é uma forma de motivação para o ensino da História.

É neste sentido que Pinho & Oliveira (2010) afirmam que incorporar a Música na aprendizagem da História é uma estratégia pedagógica com intuito de estimular o interesse dos jovens por esta área e mitigar a ideia de que esta é uma “disciplina considerada obsoleta e sem sentido” (p. 36). Existem inúmeros exemplos de músicas compostas que refletem determinados períodos da História. A nível internacional temos o caso da música “*Wind of Change*” da banda alemã *Scorpions*. De acordo com Ramadiansyah (2018), esta canção tornou-se um hino da queda do Muro de Berlim e do fim da Guerra Fria, simbolizando as mudanças políticas e sociais que, por sua vez, estavam a ocorrer na Europa Oriental. A canção evoca temas de esperança, liberdade de expressão e o sonho por um futuro melhor, num período de renovação e otimismo (“*Take me to the magic of the moment/ On a glory night/ Where the children of tomorrow dream away/ In the wind of change*”) (p. 2). Para além disso, os hinos nacionais também refletem ser parte da História. O hino da França, por exemplo, “*La Marseillaise*”, composto, em 1792, por Claude Joseph Rouget de Lisle, tornou-se um grande símbolo do espírito revolucionário francês. A canção destaca os valores da liberdade, resistência e patriotismo, refletindo o fervor dos tempos da Revolução Francesa. Embora a sua letra remeta para a violência (“*L'étendard sanglant est levé*”; “*Ils viennent jusque dans vos bras Égorger vos fils, vos compagnes!*”, “*Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons! Marchez, marchez! Qu'un sang impur abreuve nos sillons!*”), a força revolucionária de “*La Marseillaise*” reside no facto de glorificar o povo francês e a sua luta contra a tirania, ao invés de exaltar a monarquia ou a aristocracia, como acontece com outros hinos, como o da Inglaterra (“*God save the Queen*”). A nível nacional temos as músicas de intervenção, tais como a “*Trova do Vento que Passa*” de Adriano Correia de Oliveira e Manuel Alegre, “*Grândola Vila Morena*” e “*Vejam Bem*” de Zeca Afonso, “*Mudam-se os tempos mudam-se as vontades*” de José Mário Branco que refletem a luta contra a ditadura. Estas músicas demonstram o descontentamento popular e o desejo de mudança, tornando-se símbolos da resistência e da luta pela democracia que culminaria, mais tarde, na *Revolução dos Cravos*.

Para além disso, Santos (2014) refere que o uso da Música torna o ensino “prazeroso para o aluno ao mesmo tempo em que envolve um grande desafio para o Professor, por ser tema pouco explorado por autores, suas fontes não estão organizadas e faz toda diferença no ensino de História como forma de atrair a atenção dos alunos no processo de ensino-aprendizado” (p. 163). Contudo, a utilização da Música no ensino da História requer pesquisa e seleção dos conteúdos que melhor se adequem aos conteúdos que estão a ser

leccionados, devendo o docente elaborar atividades tendo em vista a respetiva contextualização social, política e cultural (Santos, 2014, p. 163).

Santos (2011) afirma que vários professores não consideram a Música como algo sério e acreditam que esta conduz os alunos a um “estado eufórico”, dificultando, assim, o papel do Professor na sua ação. Este refere ainda que existe uma grande dificuldade para encontrar as músicas e as letras apropriadas, pois nem todas as músicas se adequam aos conteúdos e há que fazer uma seleção cautelosa da fonte musical (p. 19).

Para além disso, alguns docentes consideram que se perde muito tempo com a exploração e adequação das músicas aos conteúdos leccionados. Por este motivo não sabem como explorá-las exatamente em contexto de sala de aula (Santos, 2011, p. 19). Hoje em dia, a carga horária tem sido um dos maiores problemas que os professores têm vindo a sentir. Se analisarmos o Decreto-Lei 55/2018 de 6 de julho, verificamos que a disciplina de História tem vindo a sofrer uma grande diminuição de tempos letivos, apresentando, assim, uma carga horária semanal muito menor se comparada com as ciências exatas, como por exemplo, a Matemática. Muitos são os professores de História que se queixam desta diminuição. Miguel Barros, presidente da Associação de Professores de História afirma que não quer acreditar que diminuam ou menosprezem a História nas escolas, sendo que esta deve ser uma das disciplinas centrais do currículo (Silva, 2019).

Este afirma ainda que esta situação de “perda de tempos letivos conduz a uma perda muito maior. A perda de um ensino-aprendizagem baseado na construção de um conhecimento assente na reflexão e não, apenas, num mero papaguear de conteúdos” (Viana, 2021). Ou seja, a diminuição das horas dedicadas à História leva a que a aprendizagem seja menos aprofundada, prejudicando, assim, a capacidade de os alunos desenvolverem uma compreensão crítica sobre os acontecimentos históricos e, conseqüentemente, de refletir sobre sua própria realidade.

Neste sentido, podemos verificar que a redução horária semanal da disciplina de História pode ser um dos entraves à utilização da Música na disciplina, sendo, assim, no nosso entender, um verdadeiro problema, dada a importância da História, desde logo, para o desenvolvimento de pensamento crítico.

Neste sentido, o docente

deverá tentar encontrar a melhor metodologia didática para incorporar a música nas suas aulas, tornando o ato de ouvir música não só numa experiência de relaxamento mas também numa atividade intelectual e de aquisição de aprendizagens essenciais

que tornarão os alunos em melhores cidadãos, mais cultos e mais capazes de entender o seu papel no contexto social (Ferreira, 2019, p. 32).

No fundo, sendo que a Educação está em constante mudança, é fundamental que os professores se adaptem às novas exigências da sociedade para, assim, irem também ao encontro das necessidades dos seus alunos. Embora a utilização da Música no ensino de História possa ser um desafio, é essencial que estes permaneçam dispostos a renovar as suas práticas pedagógicas, utilizando métodos e abordagens que acompanhem as mudanças sociais e tecnológicas, sempre em busca de oferecer a melhor formação possível aos seus alunos.

---

# Capítulo II

---

**Ecos da História:  
opiniões dos professores de História  
sobre a utilização da Música na sua  
ação educativa**

## **2. Ecos da História: opiniões dos Professores de História sobre a utilização da Música na sua ação educativa**

**2.1.** Enquadramento;

**2.2.** Perceções dos professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário sobre o potencial da Música na aprendizagem da História.

## 2. Ecos da História: opiniões dos Professores de História sobre a utilização da Música na sua ação educativa

Tal como já adiantámos anteriormente, o presente Capítulo convocará aquelas que foram as opiniões e conceções dos Professores de História que inquirimos relativamente ao potencial da Música ao serviço do ensino da História, no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Iniciaremos com um breve enquadramento com o objetivo de elucidar o leitor relativamente aos nossos procedimentos metodológicos, no qual partilharemos alguns aspetos relacionados com a caracterização da nossa amostra, bem como com os métodos de recolha dos dados utilizados no nosso estudo.

Avançaremos com a apresentação e análise dos dados recolhidos e concluiremos com alguns conselhos dos Professores inquiridos sobre a melhor forma de tirarmos partido da Música na nossa ação educativa diária, no contexto do ensino da disciplina de História.

### 2.1. Enquadramento

No presente estudo decidimos utilizar o inquérito por questionário como método de recolha de dados, uma vez que este “é um instrumento (...) que exige do participante respostas escritas a um conjunto de questões [e] tem por objetivo recolher informação factual sobre acontecimentos ou situações conhecidas sobre atitudes, crenças, conhecimentos, sentimentos e opiniões” (Fortin, 2009, p. 280).

O inquérito foi elaborado na plataforma digital *google forms*, por forma a facilitar o seu preenchimento e a sua disseminação por um maior número de professores. Após a sua elaboração, procedeu-se ao envio do mesmo através de um *link* para os vários estabelecimentos de ensino da Região Autónoma dos Açores (RAA) com o objetivo de recolher dados acerca das experiências dos próprios docentes, bem como da sua perceção sobre a utilização da Música no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos da disciplina de História (ver Anexo I).

O questionário encontrava-se organizado em quatro partes. Na primeira solicitou-se a identificação do inquirido, na segunda pedia-se informações sobre a escola onde o mesmo lecionava, na terceira solicitava-se a partilha da sua opinião acerca do papel da Música no ensino da História e na quarta pedia-se algumas notas decorrentes da sua experiência pessoal relativamente ao uso da Música em contexto de sala de aula.

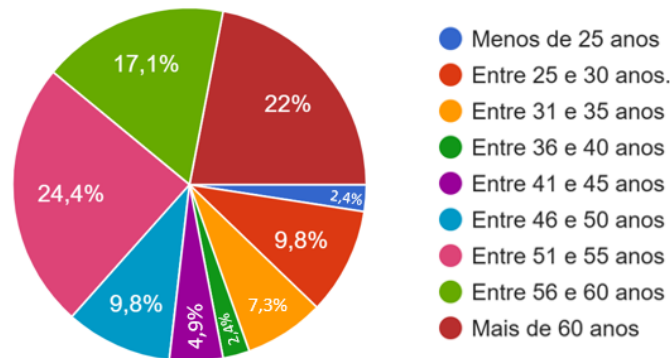
No Quadro que se segue, apresentamos uma síntese da informação principal recolhida relativamente à caracterização dos docentes que inquirimos (ver Quadro 1).

**Quadro 1** - Caracterização global dos docentes inquiridos

ID	Sexo	Idade	Tempo de serviço docente (anos)	Modalidade de ensino	Ano(s) de lecionação
P1	M	51 a 55	21 a 25	Regular	8.º; 10.º
P2	F	51 a 55	> 30	Regular	8.º; 10.º; 11.º
P3	F	51 a 55	> 30	PROFIJ	8.º; 9.º
P4	F	< 25	< 5	Regular	7.º; 9.º; 11.º
P5	F	51 a 55	26 a 30	Regular	7.º; 8.º; 12.º
P6	M	51 a 55	26 a 30	Regular	11.º
P7	F	> 60	> 30	Profissional	10.º; 11.º; 12.º
P8	M	46 a 50	16 a 20	Profissional; PROFIJ	10.º; 11.º; 12.º
P9	M	31 a 35	< 5	Regular; PROFIJ	7.º; 8.º
P10	F	36 a 40	11 a 15	PROFIJ	8.º; 9.º; 10.º
P11	F	> 60	21 a 25	Regular; PROFIJ; Profissional	8.º; 11.º
P12	F	56 a 60	21 a 25	Regular	7.º; 9.º
P13	F	> 60	> 30	Regular	9.º; 12.º
P14	F	25 a 30	< 5	Regular	7.º; 9.º; 11.º
P15	M	46 a 50	11 a 15	Regular; Profissional	9.º; 10.º
P16	M	41 a 45	5 a 10	Regular; Profissional	7.º; 8.º; 11.º
P17	F	56 a 60	> 30	Regular	7.º; 8.º; 9.º
P18	M	> 60	> 30	Regular	8.º; 12.º
P19	F	45 a 50	16 a 20	Profissional; PROFIJ	10.º; 11.º
P20	M	31 a 35	5 a 10	PROFIJ	7.º; 9.º
P21	M	51 a 55	21 a 25	Regular; Profissional; PROFIJ	7.º; 9.º; 10.º
P22	F	51 a 55	26 a 30	Regular	8.º; 11.º
P23	M	> 60	26 a 30	Regular	10.º
P24	F	56 a 60	26 a 30	Regular; PROFIJ	8.º; 9.º; 12.º
P25	F	25 a 30	< 5	Regular	8.º; 9.º; 10.º; 11.º
P26	M	56 a 60	26 a 30	Regular	7.º; 9.º
P27	M	> 60	> 30	Regular	10.º; 11.º; 12.º
P28	M	51 a 55	21 a 25	Regular	10.º; 11.º
P29	M	31 a 35	< 5	Regular; Profissional	8.º; 12.º
P30	F	25 a 30	< 5	Regular; PROFIJ	8.º; 10.º; 11.º; 12.º
P31	F	> 60	> 30	Regular	7.º; 8.º
P32	F	41 a 45	16 a 20	Regular	7.º
P33	M	56 a 60	26 a 30	Profissional	8.º; 9.º
P34	F	> 60	> 30	Regular	8.º; 11.º
P35	F	56 a 60	26 a 30	Regular	11.º; 12.º
P36	M	51 a 55	> 30	Profissional; PROFIJ	11.º; 12.º
P37	F	51 a 55	> 30	Regular	11.º; 12.º
P38	M	56 a 60	> 30	Regular	8.º; 11.º
P39	F	> 60	> 30	Profissional	10.º; 12.º
P40	M	25 a 30	< 5	Regular	7.º; 8.º
P41	F	46 a 50	21 a 25	Profissional; PROFIJ	8.º; 9.º; 12.º

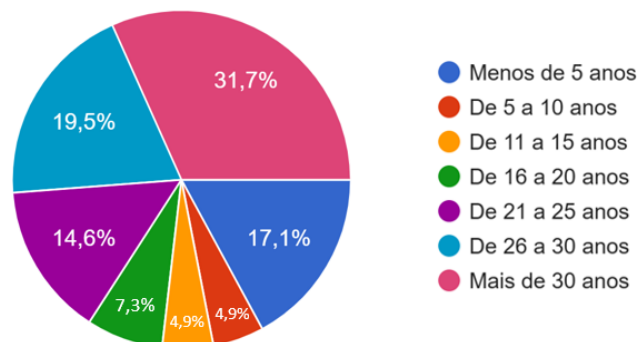
Tal como podemos observar através da análise do Quadro, a este questionário responderam 41 docentes de História, dos quais 56,1% eram do sexo feminino e 43,9% do sexo masculino. Relativamente à sua idade, tal como podemos observar no Gráfico que se segue, mais de 60% dos professores encontravam-se já numa fase avançada da sua carreira profissional, com mais de 50 anos, aspeto que entendemos útil, à partida, considerando o

esperado acumulado de experiências potencialmente favorável à análise que pretendíamos realizar (ver Gráfico 1).



**Gráfico 1 - Idade dos docentes inquiridos**

Nesta linha de ideias, e considerando agora o tempo de serviço dos docentes inquiridos, esta tendência mantém-se, tal como nos é dado a perceber através da análise do Gráfico que se segue, no qual se destaca uma flagrante prevalência de docentes com mais de 30 anos de serviço (31,7%) (ver Gráfico 2).



**Gráfico 2 - Tempo de serviço docente**

Da análise aos dados em causa, e considerando apenas esta pequena amostra, podemos concluir que, considerando o quadro de História (grupo 400), estamos perante um corpo docente envelhecido, o que pode levar a uma agravada escassez de docentes qualificados e experientes na nossa região a muito curto prazo, o que vem reforçar a urgente necessidade de formação de docentes nesta área disciplinar. Toda esta conjuntura não é recente, uma vez que a escassez de professores tem vindo a ser amplamente discutida nos últimos anos. Em 2019, por exemplo, já emergiam preocupações quanto à escassez de

professores e ao seu impacto no ensino (Lusa, 2019). Conforme noticiado pelo jornal *Açoriano Oriental*, no início do ano letivo de 2022-23, “ficaram por ocupar 52 vagas, por falta de candidatos (...) O cenário atrás descrito (...) obrigou à disponibilização na Bolsa de Emprego Público dos Açores (BEPA), ainda antes do início das atividades letivas, de 84 horários, sendo 51 completos e anuais” (Lusa, 2022). Neste novo ano letivo, a situação volta-se a repetir com uma “carência de 88 professores e 200 assistentes operacionais nas escolas” (Lusa, 2024).

A agravar esta situação, de acordo com o Jornal *Público* (2022), a Região já regista a maior taxa de abandono escolar e os piores resultados escolares do país (PISA 2022). Este cenário preocupante é justificado, em grande parte, pelas condições socioeconómicas desfavoráveis que afetam significativamente o rendimento e a continuidade dos estudos. A falta de recursos, o ambiente familiar e as desigualdades sociais são fatores que dificultam o sucesso educativo, contribuindo para que haja um ciclo de insucesso e abandono escolar precoce. Entendemos que este contexto, aliado à falta de formação docente adequada, pode vir a comprometer a preparação dos alunos para o futuro, o que representa um desafio substancial para o atual governo que terá de reunir esforços para colmatar a carência de Professores na região.

Além disso, e considerando os contornos do envelhecimento do quadro docente acima descritos, esta situação pode vir a gerar outro problema no ensino. De acordo com Duarte (2021), o Professor ao longo da sua carreira passa por diversas fases: a fase de entrada na carreira, que vai até aos 3 anos de serviço; a fase da estabilização, que vai dos 4 aos 7 anos; a fase da diversificação, que vai dos 8 aos 25 anos; a fase do conservadorismo, que vai dos 25 aos 35 anos e a fase do desinvestimento que começa a partir dos 35 anos. Estas últimas duas fases são no nosso entender as mais preocupantes, porque é a partir daí que se iniciam geralmente os queixumes e que a tolerância é cada vez menor. Segundo Duarte (2021), é “uma fase menos positiva do que as anteriores, em que pode ocorrer uma certa resistência às inovações e uma nostalgia do passado” (p. 27). Pode representar ainda “o recuo e a interiorização da carreira, pois o Professor vai-se libertando do trabalho e dos alunos, mudando os seus interesses para fora desse contexto, pensando mais nele próprio, investindo na sua vida pessoal” (Duarte, 2021, p. 27). Ou seja, à medida que o Professor envelhece, pode intensificar-se a falta de interesse e o cansaço pela profissão, o que pode refletir-se negativamente no seu envolvimento com os alunos. O desgaste acumulado ao longo dos anos de serviço, aliado às exigências constantes da carreira, tende a gerar uma

menor disposição para enfrentar os desafios educacionais da atualidade. Esta situação pode ter implicações negativas para o sistema educacional, uma vez que a inovação pedagógica é crucial para manter um ensino de qualidade.

No que diz respeito à modalidade de ensino em que lecionavam os docentes inquiridos no ano letivo de 2023-24, pudemos constatar que 31 professores lecionavam ao ensino regular, 12 lecionavam ao ensino profissional e 12 lecionavam ao PROFIJ.

Como nos é dado a perceber através da informação reunida no Quadro apresentado (ver quadro 1), os níveis de ensino variavam, sendo que 13 professores lecionavam o 7.º ano, 21 professores o 8.º ano, 15 professores o 9.º ano, 14 professores o 10.º ano, 19 professores o 11.º ano e 14 professores o 12.º ano. Neste contexto, é possível observar na nossa amostra um equilíbrio relativamente aos diferentes anos letivos aos quais os docentes lecionavam nos ensinos Básico e Secundário.

Concluimos com um último apontamento referente distribuição geográfica dos docentes inquiridos, cuja informação reunimos no Quadro que se segue (ver Quadro 2).

**Quadro 2** - Inquiridos por ilha do Arquipélago

Localização	N.º de respostas	Percentagem (%)
Santa Maria	1	2,4%
São Miguel	28	68,1%
Terceira	5	12,2%
Graciosa	1	2,4%
São Jorge	2	4,9%
Pico	2	4,9%
Faial	1	2,4%
Flores	1	2,4%
Corvo	0	0%

Tal como nos é dado a perceber através da leitura do Quadro, no que diz respeito à localização das escolas onde lecionam os docentes inquiridos, constatou-se que o nosso questionário alcançou todas as ilhas do Arquipélago dos Açores, com exceção da ilha do Corvo e com grande predominância da Ilha de São Miguel.

## 2.2. Percepções dos professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário sobre o potencial da Música na aprendizagem da História

Como referimos, o principal propósito do nosso estudo era compreender quais as conceções dos professores de História relativamente à utilização da Música no ensino. Tendo em conta as respostas que obtivemos, entendemos que todos os docentes consideram que a Música adquire, efetivamente, um papel importante no ensino da História. Na sua opinião, defendem que esta contribui significativamente para o processo de ensino aprendizagem, uma vez que adquire uma função motivacional, é cativante, pode ser encarada como uma fonte histórica, permite que os alunos fiquem mais concentrados e contribui para o desenvolvimento de competências, ao permitir o cruzamento de informações históricas. Por forma a elucidar o leitor relativamente a esta realidade, partilhamos de seguida alguns dos relatos recolhidos:

“Os recursos existem para serem utilizados nas aulas. O conceito de aulas (apenas) expositivas está, claramente, ultrapassado. Assim sendo, a Música, bem como outros recursos didáticos, pode ser um excelente método de aprendizagem, uma vez que é algo que agrada, no meu entender e fruto da minha experiência, a maioria dos alunos.” (P14 | Ensino Regular | < 5 anos de serviço).

“A Música é uma manifestação do comportamento humano, faz parte da história cultural humana. Houve até músicas que tiveram um papel fulcral no desenrolar de certos acontecimentos. Além disso, a Música pode servir de mnemónica, ou até mote na introdução de certos assuntos.” (P16 | Ensino Regular e Profissional | 5 a 10 anos de serviço).

“A Música, sendo algo universal, permite que todos a possam apreciar e a associar a vários momentos da História e da sua vida privada. Com a Música podemos, com mais facilidade, cativar o aluno para um momento específico de aprendizagem ou, até mesmo, para um simples momento de descontração e de descoberta.” (P10 | PROFIJ | 11 a 15 anos de serviço).

“A Música pode e deve ter um papel importante no ensino da História, porque através das letras e das músicas que as acompanham é possível conhecer/inferir os contextos políticos, sociais e culturais de um determinado período histórico, por exemplos as canções de intervenção, emigração, os valores do Estado Novo

(Uma casa portuguesa), Trova do vento que passa, entre muitas outras.” (P12 | Ensino Regular | 21 a 25 anos de serviço).

“A Música, no contexto das aulas de História, poderá contribuir para o desenvolvimento de competências relacionadas com a análise de fontes, na medida em que permite o cruzamento de informações que caracterizam o contexto em estudo, desenvolvendo a atenção e capacidade de análise. Constitui mais uma ferramenta para o estudo do passado e ajuda a fazer a ligação com o quotidiano dos alunos.” (P22 | Ensino Regular | 26 a 30 anos de serviço).

“A Música pode ser uma ótima ferramenta para abordar os conteúdos programáticos da disciplina de História. Através desta, podem-me criar letras de músicas com narrativas históricas e elaborar pequenas cenas de teatro, simulando eventos que ocorreram no passado.” (P27 | Ensino Regular | > 30 anos de serviço).

“A Música permite tornar as aulas mais cativantes para os alunos, melhorando, assim, o processo de ensino aprendizagem.” (P31 | Ensino Regular | > 30 anos de serviço).

A partir destes pequenos testemunhos de professores de diferentes idades e em fases distintas das suas carreiras, é possível constatar que são unânimes em reconhecer que a Música desempenha um papel importante no ensino da História, contribuindo para o desenvolvimento de competências como a análise de fontes e o entendimento dos contextos políticos, sociais e culturais de determinados períodos. Para além de ser entendido como um recurso didático que desperta o interesse dos alunos, a Música contribui para fazer uma ligação entre o conteúdo histórico e vivências pessoais dos próprios alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e cativantes.

Ao prosseguirmos o nosso inquérito, também quisemos compreender se, na escola onde os docentes lecionavam, havia a possibilidade de se trabalhar a Música e a História de forma integrada. Como resultado, 73,2% dos professores inquiridos referiram que sim, contra 26,8% dos que afirmaram não ser possível tal realidade.

Também nos interessava saber se os docentes inquiridos exploravam a Música durante a sua ação educativa. A esta questão 24,4% responderam que não e 75,6% responderam que sim. Dos que responderam afirmativamente, verificou-se que a frequência com que faziam era variada. Cerca de 48,4% dos docentes utilizavam a Música

uma vez por período letivo, 22,6% uma vez por mês, 19,4% uma vez por ano, 6,5% utilizavam uma vez por semana e 3,2% mais do que uma vez por semana.

Neste contexto, os docentes assumiram que a sua utilização nem sempre é fácil, sendo que, apesar de 74,2% dos professores terem referido não encontrar dificuldades ao explorar a Música na sua prática diária, os restantes 25,8% assumiram, efetivamente, alguns desafios a enfrentar. Nas suas palavras:

“Os alunos, por vezes, não dominam os conceitos e não conseguem estabelecer relação entre as várias partes da música.” (P4 | Ensino Regular | < 5 anos de serviço).

“Nem sempre temos os materiais ou equipamentos que nos permitam e, por vezes, há turmas em que custa bastante que mantenham o silêncio e a concentração necessários.” (P5 | Ensino Regular | 26 a 30 anos de serviço).

“A Música é um recurso que requer tempo para ser explorado em contexto de sala de aula e o facto de a disciplina de História ter uma carga letiva cada vez menor, dificulta, de facto, a utilização deste recurso.” (P33 | Ensino Profissional | 26 a 30 anos de serviço).

Nesta linha de ideias, como forma de compreendermos a opinião dos professores de História acerca da utilização da Música na sua ação educativa diária, foi solicitado que descrevessem uma atividade por eles realizada, na qual a Música tivesse sido integrada no ensino ou na exploração de um conteúdo ou tema de História.

Neste particular, por forma a orientarmos e enriquecermos as informações a recolher, decidimos colocar os 7 indicadores de resposta seguintes: 1) Temas/conteúdos explorados; 2) Metodologia (exploração individual, a pares, pequeno grupo, todo o grupo, etc.); 3) Recursos didáticos/materiais disponibilizados aos alunos; 4) Indicações dadas aos alunos; 5) Reação dos alunos à atividade; 6) Apontamentos relacionados com a aprendizagem dos alunos e 7) Eventuais registos curiosos que tenham ocorrido durante a realização da atividade (comentários dos alunos, resolução de problemas, imprevistos que tenham ocorrido, entre outros).

Relativamente ao ponto 1 (temas/conteúdos), pudemos constatar a utilização da Música em diversas temáticas associadas à disciplina de História, tais como: *Sociedade Ateniense* (P6, P18), *Idade Média* (P36), *Expansão Marítima Portuguesa* (P15, P17, P31), *Palácio de Maфра* (P23), *Barroco* (P1, P30), *Revolução Francesa* (P4), *Renascimento* (P5), *Reforma Protestante*

(P40), *II Guerra Mundial* (P10), *Direitos Humanos* (P11), *Nacionalismos oitocentistas* (P25, P37), *Domingo Sangrento* (P29), *Estado Novo* (P33), e ainda, no topo das temáticas convocadas, a *Revolução de 25 de abril de 1974* (P13, P14, P16, P21, P22, P24, P27). Outros docentes referem que, por vezes colocam música, aquando da realização de exercícios, como forma de descontração (P9, P19, P26, P32, P37).

A variedade de temas utilizados pelos docentes em contexto de sala de aula revela que a Música pode ser utilizada como um recurso transversal ao ensino da História, uma vez que não se encontra limitada a uma cronologia específica.

No indicador subsequente, foi questionado aos professores qual a metodologia aplicada para o desenvolvimento das atividades. Considerando as respostas dadas pelos docentes, podemos inferir que, apesar de recorrerem à realização de trabalhos individuais e em grupo, era mais frequente a exploração da Música com a toda a turma de forma simultânea. Além disso, houve quem referisse que colocava música durante a realização de exercícios ou fichas de avaliação como forma de descontrair os alunos. Outros ainda referiram que convidavam músicos da comunidade para tocar e cantar canções alusivas às temáticas abordadas, que faziam pequenas representações e, até mesmo, peças de teatro com os alunos. Em síntese, depreendemos das palavras dos professores que estes utilizavam diversas metodologias em contexto de sala de aula com o mesmo objetivo: analisar a letra e a música, relacionando-as com os conteúdos históricos em estudo na disciplina.

Relativamente à utilização de recursos, os docentes referiram utilizar: equipamento audiovisual, computadores para as pesquisas e instrumentos musicais (ex. guitarra). Neste sentido, entendemos que estes recursos são essenciais para auxiliar o processo de aprendizagem, facilitando, assim, a compreensão dos conteúdos históricos.

No ponto quatro, aquele em que perguntamos aos docentes se forneciam aos alunos diretrizes/tópicos relevantes para o seu trabalho, alguns responderam que encorajavam os mais pequenos a registar informações relevantes sobre a Música que estavam a ouvir. Neste particular, realçamos esta como sendo uma abordagem promotora da autonomia dos alunos, uma vez que eram eles próprios que interpretavam o conteúdo. Nesse momento, a Música deixa de ser percebida meramente como entretenimento, passando a ser compreendida como uma forma de transmitir uma mensagem que está diretamente relacionada com a História.

No ponto 5, aquele que se relacionava com as reações dos alunos às suas propostas, concluímos das respostas dadas pelos professores que estas variavam consoante as atividades implementadas e que eram, no geral, positivas, tal como podemos depreender dos seus relatos que de seguida partilhamos.

“A Música despertou interesse junto dos discentes, motivando-os para o conhecimento da Revolução do 25 de Abril e tornando o conhecimento histórico em algo mais palpável, mais próximo.” (P14 | Ensino Regular | < 5 anos de serviço).

“Este tipo de atividade fez com que os alunos ficassem mais motivados e, inclusive, realizassem perguntas. Isto é fundamental para promover uma aprendizagem significativa. Vários alunos, até, comentaram que isto era uma estratégia muito apelativa porque conseguiam vivenciar a época que estávamos a lecionar e compreender os assuntos.” (P30 | Ensino Regular e PROFIJ | < 5 anos de serviço).

“Foi muito engraçado perceber como a Música os motivou. Muitos emocionaram-se e partilharam os seus medos e ansiedades.” (P10 | PROFIJ | 11 a 15 anos de serviço).

“Espanto inicial, mas depois compreensão da pertinência da estratégia utilizada.” (P1 | Ensino Regular | 21 a 25 anos de serviço).

“As reações dos discentes variam entre 'achar piada ou não', a reações de interesse pelo aspeto lúdico-didático, as diversas interpretações e a descoberta dos valores tradicionais vistos como um desafio, em que muitos querem acertar. Para mim, é uma estratégia pertinente.” (Q12 | Ensino Regular | 21 a 25 anos de serviço).

“Os alunos ficaram um pouco chocados com tal violência que havia na época.” (P33 | Ensino Profissional | 26 a 30 anos de serviço).

“A reação dos alunos foi positiva, mas de início sempre muito reservada e passiva, resistindo à partilha de opiniões”. (P18 | Ensino Regular | > 30 anos de serviço).

“Os alunos acharam a Música muito chamativa e alusiva à época.” (P34 | Ensino Regular | > 30 anos de serviço).

“Ficaram um pouco admirados quando a pessoa entrou e tocou a música no seu violão. A Música é calma e os alunos mostraram-se muito concentrados para tentar perceber.” (P36 | Ensino Profissional e PROFIJ | > 30 anos de serviço).

“Os alunos mostraram entusiasmo pela atividade, quer acompanhando a canção mais conhecida (Grândola Vila Morena), quer mostrando curiosidade pela primeira senha da operação 'Fim-Regime', a canção 'E depois do Adeus'. De destacar que nunca tinham ouvido falar de Paulo de Carvalho, mas foi uma agradável surpresa saber que era o pai do bem conhecido músico Agir.” (P13 | Ensino Regular | > 30 anos de serviço).

O ponto seis, referente aos apontamentos relacionados com a aprendizagem dos alunos, verificamos que os professores consideravam que a Música permite desenvolver as competências pretendidas. Estes alegam que o facto de exporem os alunos a uma variedade musical de diferentes períodos da História, ajuda-os a entender a diversidade cultural e o papel central que a Música desempenhou em várias sociedades. Ao reconhecerem a Música como uma forma de expressão cultural e histórica, os alunos não apenas retêm melhor as informações, mas também desenvolvem uma apreciação mais crítica e contextualizada da cultura da época. Neste caso, um dos professores faz referência, por exemplo, à Música cortesã que, em várias monarquias europeias, servia como um reflexo dos valores e da sofisticação das suas respetivas sociedades. Dito de outra forma, ao explorarem este tipo de conteúdo musical, os alunos podem perceber a Música não apenas como entretenimento, mas como um elemento intrínseco à identidade cultural e política de um período histórico específico.

Os docentes inquiridos também apontaram eventuais registos curiosos que ocorreram durante a realização das suas atividades (comentários dos alunos, imprevistos...). Ao levar/mostrar instrumentos musicais aos alunos, despertaram neles uma curiosidade significativa. Houve docentes que referiram que tiveram CDs oferecidos/gravados pelos seus alunos, mostrando a importância que a Música teve nas suas vidas. Contudo, como sempre, nem tudo corre às “mil maravilhas”, pois os imprevistos fazem parte do dia a dia. Neste sentido, houve quem referisse que o sistema audiovisual nem sempre funcionou adequadamente, o que representou um obstáculo à utilização da Música em sala de aula, obrigando os docentes a improvisar quando necessário.

Por fim, foi solicitado ainda aos docentes que adiantassem alguns conselhos a endereçar a futuros docentes de História relativamente à melhor forma de utilizar Música nas suas aulas. Destacamos de seguida alguns dos conselhos que recebemos, dos mais arrojados aos mais conservadores:

“Um dos conselhos seria, sem dúvida, sempre que possível, aproveitar o talento musical de algum aluno que tenhamos na turma para ele interpretar alguma Música/fazer uma recriação histórica. Um outro conselho é, sempre que possível, potencializar/estabelecer sinergias entre a escola e as escolas de Música de forma a criarem-se projetos, sem nunca esquecer de envolver os alunos na Música e na História.” (P4 | Ensino Regular | < 5 anos de serviço).

“Explorar diversos recursos didáticos é, sem dúvida, uma mais-valia no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, devemos ter cuidado com a utilização dos mesmos, para não se cair em excessos. Os alunos não podem achar que as aulas são só recursos/atividades. É importante também lecionar as aulas de forma mais antiga.” (P14 | Ensino Regular | < 5 anos de serviço).

“O mais importante é envolver os alunos nas atividades e fazer com que sejam eles a descobrir a informação. Seja pesquisa, seja análise de letras de músicas, as conclusões devem ser alcançadas pelos alunos. Nós somos orientadores nesse processo.” (P16 | Ensino Regular e Profissional | 5 a 10 anos de serviço).

“Que recorra à Música para motivar os alunos, de forma a permitir as vivências e tornar os factos históricos interessantes, pois denoto que a maioria dos alunos acham a disciplina 'uma canseira' que está ligada ao passado e esquecem que o presente e o futuro dependem dela.” (P19 | Ensino Profissional e PROFIJ | 16 a 20 anos de serviço).

“Utilizar a Música como complemento da disciplina de História.” (P1 | Ensino Regular | 21 a 25 anos de serviço).

“Que tivesse sempre em conta a turma que tem à frente e para ter consciência de que nem todos vão querer, mas que é preciso despertar-lhes a curiosidade e vontade. Levar umas colunas que possa ligar para ter certeza que vai ter som e que este vai ter o mínimo de qualidade.” (P5 | Ensino Regular | 26 a 30 anos de serviço).

“Não daria conselhos porque, o que resulta para uma turma pode não resultar noutra, tudo depende do momento da turma e da relação de empatia, possível de estabelecer com os alunos. O único conselho que dou é não desistir, quando somos confrontados com o fracasso.” (P23 | Ensino Regular | 26 a 30 anos de serviço).

“Enquadrar músicas de época com os conteúdos programáticos, introduzir músicas de relaxamento durante alguns períodos das aulas e permitir também este recurso durante o trabalho autónomo dos alunos.” (P3 | PROFIJ | > 30 anos de serviço).

Em jeito de síntese, concluímos que a realização deste questionário permitiu-nos compreender de que forma a Música pode contribuir para o desenvolvimento das competências dos alunos, explorar a sua aplicabilidade no contexto educativo e identificar os benefícios e os desafios desta metodologia no decorrer da ação do professor. Neste sentido, chegamos à conclusão de que a Música, efetivamente, adquire um lugar e um papel importantes no ensino da História, uma vez que se revela uma ferramenta pedagógica eficaz, capaz de envolver os alunos na aprendizagem desta área curricular que, por sua vez, é considerada por muitos como demasiado “fastidiosa”.

Embora existam dificuldades associadas a este tipo de estratégia de ensino, a sua utilização em sala de aula torna-se importante, uma vez que serve de motivação, estimula a criatividade dos alunos e permite desenvolver competências no âmbito da análise crítica e interpretação histórica, aspetos em que nos inspiramos aquando da realização das nossas propostas didáticas cujos contornos partilharemos nos Capítulos que se seguem.

---

# Capítulo III

---

## Contextos do Estágio Pedagógico

### **3. Contextos do Estágio Pedagógico**

**3.1.** Caracterização do meio envolvente;

**3.2.** Caracterização da escola;

**3.3.** Caracterização da sala de aula;

**3.4.** Caracterização das turmas;

**3.4.1.** Turma 1 (T1 – 7.º ano);

**3.4.2.** Turma 2 (T2 – 8.º ano);

**3.4.3.** Turma 3 (T3 – 10.º ano).

### 3. Contextos do Estágio Pedagógico

Dedicaremos o presente Capítulo à análise e reflexão acerca das práticas desenvolvidas, durante o Estágio Pedagógico, no contexto educativo do Ensino Básico e Secundário.

Neste sentido, iremos apresentar a caracterização dos contextos de intervenção em que nos movemos, nomeadamente, o meio em que se inseria a escola, bem como as salas de aula e as turmas que nos foram atribuídas. Para a realização da descrição anteriormente referida, procuramos analisar os documentos da escola, tais como o Regulamento Interno, o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA) e os processos individuais dos alunos.

Este Relatório de Estágio é redigido conforme o Decreto-Lei n.º 58/2019 que, por sua vez assegura a execução, na ordem jurídica interna, do Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares relativamente ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados, doravante designado abreviadamente por Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Neste sentido, todas as informações recolhidas serão rigorosamente tratadas de forma anónima, garantindo, assim, a mais estrita confidencialidade dos dados.

#### 3.1. Caracterização do meio envolvente

A escola onde decorreu a ação educativa do nosso Estágio Pedagógico localizava-se na ilha de São Miguel, do arquipélago dos Açores, e pertencia à malha urbana de um concelho constituído por mais de duas dezenas de freguesias e, de acordo com os dados dos Censos de 2021, a freguesia em que se localizava contava com uma população de aproximadamente 7 500 habitantes.

Ao seu redor observávamos uma variedade de recursos com potencial educativo, como, por exemplo, instituições de cariz social e cultural, espaços recreativos e entidades desportivas. Ademais, podíamos constatar também a presença de diversos estabelecimentos comerciais.

De acordo com o Projeto Curricular de Escola (PCE) grande parte dos alunos deste estabelecimento de ensino revelava dificuldades económicas, situação que levava a que cerca de metade dos estudantes beneficiasse de apoio dos Serviços de Ação Social Escolar. Inseridos nesta percentagem, verificou-se ainda que mais de dois terços se enquadravam

nos escalões I e II do IRS. Para além dos baixos rendimentos dos agregados familiares dos alunos desta escola, pudemos constatar que o nível de escolaridade dos Encarregados de Educação também era baixo, uma vez que a maioria possuía apenas o Ensino Básico.

### 3.2. Caracterização da escola

A escola onde decorreu o nosso estágio foi contruída no final do século XX e apresentava, até à data, um *design* moderno e atrativo, proporcionando um ambiente adequado à aprendizagem.

Esta escola revelava ser bem equipada, com recursos tecnológicos avançados, tais como computadores e acesso à internet, permitindo, assim, auxiliar na aprendizagem dos alunos. Nas suas instalações, era possível encontrar diversas salas de aula, uma biblioteca, sala de professores, sala de diretores de turma, um refeitório, um anfiteatro e dois bares.

A Biblioteca era constituída por dois pisos. Um localizava-se no rés do chão, servindo como sala de leitura destinada à realização de palestras e iniciativas. O outro situava-se no primeiro andar, sendo constituído por quatro gabinetes: Núcleo de Educação Especial, Serviço de Psicologia e Orientação (SPO), coordenação dos cursos inseridos no Programa Formativo de Inserção de Jovens (PROFIJ), Equipa de Saúde Escolar (ESE) e atendimento aos Encarregados de Educação do Regime Educativo Especial. Neste mesmo piso, estavam presentes cinco espaços destinados ao trabalho docente, sendo que três se localizavam na zona da biblioteca, uma no corredor de acesso entre a biblioteca e a reprografia e outra entre a sala e o bar dos professores.

A sala dos professores estava equipada com computadores, mesas e cadeiras, configurando-se como um espaço dedicado ao trabalho docente. Para além disso, havia também uma zona com sofás que proporcionava um local de interação e convívio entre os colegas docentes. Já a sala dos diretores de turma destinava-se exclusivamente a questões relacionadas com a direção de turma, encontrando-se aqui os dossiês com as informações correspondentes a cada turma. Era também neste local que os diretores de turma recebiam os Encarregados de Educação, proporcionando-lhes informações detalhadas sobre o percurso escolar dos seus educandos.

Relativamente ao refeitório, este era caracterizado por ser um espaço amplo e, normalmente, em tempo de aulas, proporcionava uma média de cento e quarenta refeições diárias. Encontrava-se no rés do chão do edifício e podia ser utilizado por toda a comunidade educativa, isto é, professores, alunos e funcionários. Neste local costumavam

ser promovidos jantares para a angariação de fundos para os projetos dos alunos, assim como convívios para celebrar datas comemorativas. Para além disso, possuía ainda um anexo que se destinava ao apoio pedagógico com o intuito de realizar atividades no âmbito da Unidade Especializada com Currículo Adaptado (UNECA) e dos cursos de PROFIJ. Por este motivo, o espaço encontrava-se equipado com materiais destinados à confeção de refeições.

No que diz respeito ao anfiteatro, este revelava ser um espaço com uma capacidade de albergar cerca de 200 lugares. O seu uso destinava-se à realização de conferências ou palestras, uma vez que era um dos locais mais amplos da escola. Normalmente, a comunidade escolar recorria à utilização daquele espaço para a realização de reuniões gerais de professores, pais e encarregados de Educação, exibição de filmes, realização de aulas teóricas e práticas de Dança e de Teatro, apresentação de trabalhos dos alunos, ações de formação, festas, convívios escolares, eventos comemorativos e videoconferências.

Quanto às salas de aulas, estas encontravam-se distribuídas por dois pisos. No primeiro piso estavam presentes as salas de Educação Visual; nas do rés do chão, os Laboratórios de Física, Química e Biologia/Geologia, as salas de Informática e a Sala de Estudo (SE).

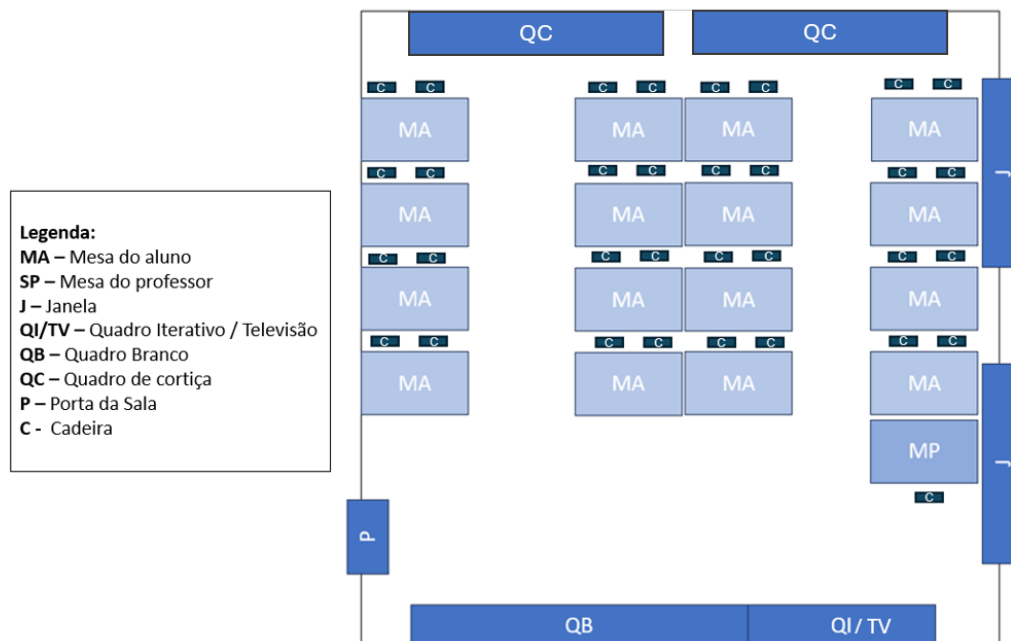
Na parte exterior da escola encontrávamos uma Horta Pedagógica com uma área de cerca de dois alqueires de terra e uma arrecadação com algumas alfaias agrícolas destinadas ao ensino da agricultura para os cursos de PROFIJ e de programas do Regime Educativo Especial. Ainda nesta parte exterior, verificámos a presença de um jardim com várias árvores, trazendo assim, um ambiente agradável e permitindo ao aluno o contacto com a natureza.

A escola era conhecida como uma das melhores escolas para o ensino do desporto na região, por isso apresentava um complexo desportivo que integrava diferentes espaços e equipamentos, cuja gestão era autónoma. Em tempo letivo, as instalações eram preferencialmente cedidas para as aulas de Educação Física e Desporto, mas em tempo extracurricular serviam também a comunidade.

Como forma de convívio e lazer, a escola também disponibilizava um pátio interior que permitia abrigar os alunos em dias de mau tempo.

### 3.3. Caracterização da sala de aula

O presente estágio decorreu em diversas salas com características semelhantes. Na Figura que se segue, procuramos ilustrar uma das salas organizada com a tipologia mais comum (ver Figura 1).



**Figura 1** - Planta da sala 207

Tal como podemos visualizar na Figura 1, a sala onde eram lecionadas as aulas revelava ter um espaço amplo, propício à lecionação. Dentro da sala existiam cerca de dezassete mesas, trinta e três cadeiras, duas janelas, um quadro branco, um quadro iterativo ou televisão, dois quadros de cortiça, um computador e um projetor. Tendo em conta o número de alunos das turmas, a sala apresentava condições adequadas às atividades a desenvolver.

### 3.4. Caracterização das turmas

O nosso estágio teve a duração de um ano letivo. Foram-nos atribuídas duas turmas do 3.º Ciclo Ensino Básico, uma do 7.º e outra do 8.º ano. Para além destas, assumimos a regência numa das turmas do Ensino Secundário, neste caso, do 10.º ano, do orientador cooperante. Nas turmas do 7.º e do 10.º anos (doravante denominadas de T1 e T3), lecionamos a disciplina de História e História A, respetivamente. Quanto à turma do 8.º

ano (doravante denominada de T2), lecionamos a disciplina de História Geografia e Cultura dos Açores (HGCA).

#### **3.4.1. A Turma 1 (T1 - 7.º ano)**

Após a realização do primeiro conselho de turma, a diretora de turma disponibilizou aos restantes professores a grelha de análise dos processos individuais dos alunos. Este documento permitiu conhecer o desempenho escolar dos alunos no decurso dos anos letivos anteriores, identificar eventuais retenções, participações escolares, necessidades educativas especiais e/ou apoios educativos. Além disso, foi possível obter ainda informações sobre outros aspetos relacionados com o contexto social, cultural e socioeconómico de cada aluno.

Neste sentido, através da dita grelha, pudemos constatar que, no início do ano letivo, a turma 1 (T1) era constituída por doze alunos, dos quais nove eram do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos.

Grande parte destes alunos residia em freguesias adjacentes à instituição, à exceção de uma aluna que residia num concelho mais distante, situação que a obrigava a utilizar o transporte rodoviário para se deslocar até à escola.

Relativamente às reprovações de ano, observou-se que dois alunos haviam reprovado o 2.º ano de escolaridade e um outro o 3.º ano de escolaridade, retenções estas fundamentadas em dificuldades reveladas, principalmente, nas áreas da Matemática e do Português. Para além destes casos, pudemos ainda constatar que um dos alunos da turma frequentava o 7.º ano pela segunda vez.

Nesta turma, quatro alunos beneficiavam de medidas de apoio educativo, sendo que um destes tinha apoio pedagógico personalizado de tipo 1 com adequações curriculares individuais e adequações no processo de avaliação. Na mesma grelha, pudemos constatar que um dos alunos vinha revelando um comportamento muito insatisfatório, sendo que contabilizamos no seu histórico a um total de nove participações disciplinares.

Relativamente a questões de saúde, alguns alunos apresentavam problemas relacionados com a coluna (“vertebras achatadas”), asma, miopia e hipotireoidismo. Por isso, os docentes foram aconselhados a ficar atentos a estes casos, embora nunca tivesse ocorrido algum problema em contexto de sala de aula neste sentido. No que toca ao apoio da ação social escolar, verificou-se que, dos 12 alunos da turma, sete alunos usufruíam deste tipo de apoio e cinco não.

Importa referir ainda que dois dos alunos da turma possuíam nacionalidade estrangeira, sendo que um deles não sabia falar português, usando o inglês para comunicar, embora que de forma limitada.

Para além da grelha disponibilizada pela diretora de turma, decidimos complementar estas informações com a aplicação de um questionário nas primeiras sessões (ver Anexo II), com o objetivo de identificar os interesses dos alunos e procurar estratégias e instrumentos que melhorassem o seu processo de aprendizagem. Em resposta ao nosso questionário, estes referiram que gostavam de jogar futebol, ouvir música, jogar jogos de computador, falar com amigos, fazer natação e andar de bicicleta.

Ao longo do ano, a turma sofreu algumas alterações tendo perdido um aluno, que decidiu mudar de turma para fugir à especialização de desporto e ingressar numa turma com especialização em Educação Tecnológica. De um modo geral, o grupo revelou ter um comportamento satisfatório, à exceção de um aluno que acabou por ser suspenso da escola, devido à acumulação de três participações disciplinares. Este, de facto, apresentava um comportamento muito aquém do esperado, tendo sido, por isso, encaminhado, por parte do conselho de turma, para o serviço de psicologia da escola. Após duas sessões com a psicóloga, o aluno foi dirigido para um pedopsiquiatra, tendo sido diagnosticado com Hiperatividade/Défice de atenção. Face a este diagnóstico, e no sentido de minorar o impacto da perturbação suprarreferida no seu percurso escolar, foram apresentadas estratégias aos docentes relativamente ao modo como devíamos agir com o aluno em contexto de sala de aula. Neste caso particular, foram sugeridas medidas como: colocar o aluno junto do Professor e afastado de fontes de distração (janelas, passagens e corredores); não sobrecarregar o aluno com tarefas monótonas/repetitivas; utilizar a hiperatividade de forma proativa; supervisionar as tarefas e estabelecer o contacto visual com o aluno. Em resposta a este pedido, procuramos seguir tais indicações, provenientes do serviço de psicologia, por forma a melhorar a aprendizagem do aluno e, também, o ambiente dentro da sala de aula.

A caracterização da turma permitiu conhecer de forma mais pormenorizada cada aluno e, a partir dos dados obtidos, foi possível delinear propostas didáticas fundamentadas nestas informações, contribuindo, assim, para a implementação de estratégias pedagógicas que potencializassem o desenvolvimento das aprendizagens.

### 3.4.2. A Turma 2 (T2 - 8.º ano)

Ao contrário do que aconteceu no contexto da turma do 7.º ano, no caso do 8.º ano, não ocorreu no início do ano nenhum conselho de turma. Por isso, de modo a conhecer melhor os nossos alunos, solicitamos ao Diretor de Turma (DT) que nos facultasse a grelha de análise dos processos individuais.

Neste sentido, pudemos constatar que a turma (T2) era constituída por 16 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

Relativamente à sua área de residência, a maior parte dos alunos vivia em freguesias próximas da escola, à exceção de dois alunos que residiam num concelho mais distante. Tendo em conta que residiam em locais significativamente distantes, as deslocações de autocarro para a escola eram recorrentes nas suas rotinas diárias.

Segundo as informações recolhidas, a maior parte destes alunos apresentava um bom aproveitamento, embora tivessem algumas dificuldades em disciplinas como a Matemática, o Português e o Francês.

Relativamente a questões relacionadas com a saúde constatamos que, nesta turma, alguns alunos sofriam de problemas de visão (miopia), ansiedade, alergias, bronquite e intolerância à lactose. No que diz respeito ao apoio da ação social escolar, pudemos verificar que metade da turma beneficiava de apoios desta natureza (oito alunos - 50%).

De todos os alunos da turma, uma estudante exigia uma atenção redobrada. Esta aluna havia frequentado o 8.º ano no anterior, mas sem sucesso, principalmente, porque demonstrou uma assiduidade muito irregular. Esta não era a sua primeira retenção, uma vez que havia repetido uma vez o 7.º ano. Considerando o histórico escolar em causa, foram-lhe aplicadas medidas universais, tais como, melhoria do aproveitamento escolar, prevenção do absentismo escolar e prevenção do insucesso escolar. Foram também aplicadas medidas universais de suporte à aprendizagem e à inclusão, nomeadamente, a diferenciação pedagógica, acomodações curriculares e intervenção com foco académico ou comportamental em pequenos grupos (Matemática). Esta aluna revelava ainda ter alguma instabilidade familiar. Por opção da própria, cerca dois meses após o início das aulas, a aluna acabou por mudar de escola.

Para além deste caso, integrava a turma um outro aluno, a quem também foram atribuídas medidas universais como a diferenciação pedagógica, a promoção do comportamento pró-social e acomodações curriculares. Registamos ainda o caso de três

alunos que estavam a ser acompanhados pelo EPIS (Empresários pela Inclusão Social), um programa que tinha como objetivo promover a inclusão social de jovens através do sucesso escolar e da inserção profissional.

No final do 1.º Semestre, recebemos uma nova aluna na turma. Na altura, não lhe foi feita a avaliação intercalar do 1.º Semestre, devido à sua integração tardia na turma, no entanto, tendo em conta os seus registos biográficos, concluiu-se que se encontrava em risco de retenção, uma vez que no 1.º Período, realizado noutra estabelecimento de ensino, tinha tido um aproveitamento negativo. Recebemos ainda uma outra menina, a meio do 2.º Semestre, com o histórico de 5 níveis negativos, pelo que também se encontrava em risco de retenção.

Para além das informações dadas pela diretora de turma, foi realizado também um questionário aos alunos, no início do ano letivo, como forma de compreender quais eram os seus interesses. Neste sentido, pudemos constatar que a maioria ocupava os seus tempos livres em atividades como: ouvir música, jogar computador, passear, ver televisão, conversar, jogar futebol, jogar basquetebol, fazer patinagem e fazer *kickboxing*. As informações recolhidas através deste questionário foram cruciais para encontrar estratégias que pudessem cativar os alunos para os conteúdos lecionados na sala de aula.

Ao longo do ano, a turma revelou ter um comportamento satisfatório, à exceção de dois alunos, sendo que um destes acabou por ser suspenso da escola duas vezes, devido à acumulação de seis participações disciplinares.

Na reunião do último conselho de turma, registamos o caso de cinco alunos em risco de retenção. Neste sentido, o conselho de turma deliberou e chegou à conclusão que todos estes alunos deveriam transitar de ano à exceção de um, uma vez que não obedecia aos deveres estipulados no Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário, que determina a necessidade de:

“a) respeitar a autoridade do professor; b) cumprir com o dever de obediência às instruções legítimas do professor; c) Cumprir com as regras de disciplina adequadas ao espaço escolar; d) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral; (...) g) Respeitar todos os membros da comunidade educativa; (...) j) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração de todos os alunos na escola” (Decreto Legislativo Regional n.º 12/2013/A, artigo 25).

À semelhança da turma do 7.º ano, a caracterização desta turma foi fundamental para conhecer os alunos e adaptar as estratégias de ensino de acordo com as suas necessidades, criando assim um ambiente propício à aprendizagem.

### **3.4.3. A Turma 3 (T3 - 10.º ano)**

Considerando que desempenhamos a função de assessoria na direção da nossa turma do 10.º ano de escolaridade, no início do ano, procedemos à consulta dos processos individuais dos alunos e elaboramos uma grelha de análise que foi distribuída aos restantes docentes que nela lecionavam.

Neste sentido, verificámos que a turma 3 (T3) do curso de Línguas e Humanidades do Ensino Secundário era constituída por 14 alunos: 8 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos.

Nesta turma, grande parte dos alunos residia nas freguesias próximas da escola, à exceção de dois que viviam na periferia do concelho, em localidades mais distantes. Tendo em conta a distância em que se encontravam da escola, tinham de recorrer aos transportes públicos para se deslocarem para as aulas.

À semelhança da metodologia utilizada nas nossas turmas do 7.º ano e do 8.º ano, e por forma a procurar identificar os interesses destes estudantes, voltámos a recorrer a um inquérito por questionário. Constatamos, então, que os alunos gostavam de fazer desporto, ler livros, ouvir música, viajar, ver filmes, jogar no computador e sair com os amigos.

Nesta turma, onze alunos frequentavam este nível de ensino pela primeira vez e os restantes três, por terem ficado retidos no ano anterior, encontravam-se a repetir apenas algumas disciplinas. Focando-nos nestes três últimos casos, fazemos referência a uma aluna que, transferida de outro estabelecimento de ensino, estava matriculada apenas na disciplina de MACS. Outros dois alunos, por sua vez, estavam inscritos em apenas quatro disciplinas (Português, Filosofia, História e MACS). Os motivos para a sua retenção no ano anterior prendiam-se com a falta de interesse e esforço para superar as suas dificuldades, bem como com a sua reduzida assiduidade.

Quando se analisaram os processos dos alunos em causa, verificou-se também que quatro deles beneficiavam de medidas de apoio educativo. Um destes alunos beneficiava ainda de adequações curriculares individuais no processo de avaliação e apresentava dislexia e disortografia. Quanto a questões de saúde dos alunos, registamos apenas dois problemas: miopia e asma.

Os apoios disponibilizados pela escola eram verdadeiramente importantes e, por esta razão, devido às dificuldades que alguns alunos vinham revelando em determinadas disciplinas desde o ano anterior, acabaram por ser propostos para apoio educativo no âmbito da Matemática Aplicada às Ciências Sociais e Humanas, do Português, da Filosofia, e do Inglês. Contudo, nem todos aceitaram frequentar o apoio, fator que, na nossa opinião, veio a contribuir, em grande medida, para o seu manifesto insucesso escolar.

No 2.º Semestre recebemos na turma uma nova aluna, de 16 anos, à qual foram aplicadas medidas de apoio educativo, devido ao seu percurso escolar irregular no semestre anterior, agravado com o facto de revelar problemas decorrentes da falta de estrutura familiar.

De modo geral, a turma era empenhada e revelava um bom comportamento. Contudo, apresentava uma assiduidade irregular. Durante o exercício das funções de direção de turma, ficamos mais a par da realidade destes estudantes: a falta de assiduidade era preocupante e, perto do final do ano, três alunos encontravam-se mesmo num cenário de absentismo escolar.

Dois dos alunos da turma acabaram por não transitar de ano, uma vez que tiveram mais de duas classificações inferiores a 10 valores. Para além destes, outros três alunos também não transitaram, mas neste caso pelo seu absentismo, uma vez que ultrapassaram o limite de faltas injustificadas permitido por lei.

Em jeito de síntese, a caracterização das turmas com as quais desenvolvemos o nosso estágio permitiu-nos compreender melhor as características individuais dos alunos, os contextos socioculturais em que estavam inseridos, bem como as dinâmicas e os desafios específicos de cada nível de ensino. Esta análise revelou-se essencial para a planificação e implementação de estratégias pedagógicas ajustadas às necessidades e potencialidades de cada turma, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e significativo.

Aprofundar o conhecimento sobre os contextos em que nos movemos e os alunos que nos foram confiados afigurou-se como uma tarefa indispensável para fundamentar e adequar a nossa ação educativa, de forma mais consciente e eficaz, aspetos que realçaremos no Capítulo que se segue.

---

# Capítulo IV

---

**A História em acordes:  
reflexões sobre o Estágio Pedagógico  
em ensino da História no  
3.º Ciclo do Ensino Básico e no  
Ensino Secundário**

#### **4. História em acordes: reflexões sobre o Estágio Pedagógico em ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

- 4.1. Ação educativa desenvolvida no 7.º ano;
- 4.2. Ação educativa desenvolvida no 8.º ano;
- 4.3. Ação educativa desenvolvida no 10.º ano;
  - 4.3.1. Atividades desenvolvidas;
  - 4.3.2. Visita de Estudo: cada passo, uma nova aprendizagem;
  - 4.3.3. A direção de turma como palco de formação e crescimento profissional;
- 4.4. Atividades com a comunidade escolar;
  - 4.4.1. Atividade comemorativa do *Pão por Deus*;
  - 4.4.2. Concerto do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores;
  - 4.4.3. Sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1974;
  - 4.4.4. Sessão de sensibilização sobre a viola de terra;
- 4.5. A Música como um meio para aprender História;
  - 4.5.1. História para os meus ouvidos: as opiniões dos alunos.

#### 4. História em acordes: reflexões sobre o Estágio Pedagógico em ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Após a caracterização dos contextos em que desenvolvemos a nossa ação educativa, apresentamos no presente Capítulo, toda a ação educativa desenvolvida, ao longo do nosso estágio, nas turmas do 7.º, 8.º e 10.º anos.

Desta forma, em primeiro lugar, partilhamos três quadros síntese, cada um correspondente a um ano de escolaridade. Nestes quadros, apresentamos todas as atividades realizadas, ao longo do ano, e sinalizamos a amarelo aquelas em que envolvemos a Música. Por uma questão de economia de tempo e considerando o número limite de páginas de um trabalho com a natureza do nosso, selecionamos apenas as atividades mais relevantes de cada um dos anos para apresentar com maior nível de detalhe.

Torna-se importante referir que as atividades não foram realizadas de igual modo pelos três anos de escolaridade uma vez que a distribuição da carga horária nas disciplinas de História é também ela diferente nos três anos de escolaridade em causa. No 7.º ano foi-nos atribuído um bloco de 90 minutos e um segmento de 45 minutos por semana e no 8.º ano foi-nos reservado apenas um segmento de 45 minutos semanais. Relativamente à turma do 10.º ano, uma vez que esta pertencia ao Professor Cooperante, tivemos de dividir a leção com o nosso colega de estágio. Neste sentido, o nosso estágio decorreu de forma alternada, sendo que em algumas semanas tínhamos três blocos de 90 minutos, enquanto que noutras fazíamos apenas a observação de aulas.

Considerando o tema que entendemos aprofundar no nosso Relatório de Estágio, decidimos criar também um outro Quadro que reúne todas as atividades em que convocamos a Música como forma de aprender História. Este Quadro, que apresentaremos na segunda metade do presente Capítulo, reúne todas as atividades dos 3 anos nas quais a Música contribuiu, numa lógica de integração curricular, para uma aprendizagem mais dinâmica e contextualizada dos conteúdos da História.

Ao longo deste Capítulo do nosso Relatório, levaremos a cabo uma análise crítica sobre o impacto que estas atividades tiveram sobre os nossos alunos, com o propósito de compreender se o resultado foi, efetivamente, benéfico ou não. Paralelamente, serão discutidos os pontos suscetíveis de aprimoramento, com o intuito de melhorarmos, sempre que possível, as nossas práticas futuras.

Além disso, ao longo deste Capítulo, abordamos também outros momentos do nosso estágio, tais como: as aulas de Cidadania, as adaptações curriculares, a visita de estudo realizada com a turma do 10.º ano ao Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, as questões relacionadas com a direção de turma e as atividades desenvolvidas para a comunidade escolar.

#### 4.1. Ação educativa desenvolvida no 7.º ano

Tal como acima esclarecemos, este Capítulo é dedicado à apresentação, análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvida no nosso estágio pedagógico. Para cumprir tal propósito, preparámos um Quadro no qual agrupamos todas as atividades desenvolvidas, por ordem de acontecimentos, de setembro a junho, sendo que também sinalizamos as atividades em que convocamos a Música para explorar conteúdos da História.

No que respeito à ação educativa desenvolvida com a turma do 7.º ano de escolaridade, partilhamos de seguida o conjunto de todas as atividades desenvolvidas (ver Quadro 3).

**Quadro 3** - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 7.º ano

	Dia	Atividade	Tema/Conteúdos explorados
setembro	13	7B1	Apresentação dos alunos através da atividade “Fio que nos une”.
	18	7B3	Exploração de fontes históricas.
outubro	2	7B9	Realização do jogo “quantos queres” para fazer a revisão dos conteúdos sobre as sociedades recolectoras.
	11	7B14	Participação na sessão do projeto “Mais vale prevenir do que remediar”.
	18	7B16	Visualização de um vídeo sobre a organização social e política da civilização egípcia.
	23	7B18	Exploração de Hieróglifos egípcios, de modo que cada aluno construísse o seu nome, ao som de Música alusiva à época.
	25	7B20	Participação na “4.ª edição da feira do livro usado”.
novembro	8	7B24	Os alunos aprenderam a cumprimentar a professora em grego.
	13	7B25	Realização de um jogo, de modo a compreender a expansão da cultura grega.
	22	7B29	Realização de uma eleição direta e representativa (relação passado-presente).
	27	7B31	Realização de uma ficha de trabalho sobre a Democracia Ateniense, ao som de música tradicional grega.
Dezembro	4	7B32	Exploração de instrumentos musicais (flauta e buzouki).
	6	7B33	Realização de duas peças de teatro grego: comédia e tragédia.
	11		
	13		

janeiro	3	7B42	Exploração dos elementos unificadores do império romano.
	10	7B45	Exploração no mapa de produtos comercializados na época do império romano.
	17	7B47	Realização de uma ficha de trabalho ao som de música medieval.
	24	7B51	Realização do jogo <i>Kaboot</i> .
	31	7B53	Exploração da Bíblia para compreender a origem e a mensagem do Cristianismo.
fevereiro	7	7B55	Visualização de um vídeo sobre a crise do Império Romano e as Invasões Bárbaras.
	21	7B59	Visualização um vídeo sobre a formação dos povos germânicos.
	26	7B61	Realização de uma ficha de trabalho sobre os conteúdos lecionados como forma de revisão.
	28	7B62	Exploração dos produtos comercializados pelos Muçulmanos (e.g. especiarias, laranja, seda), aquando da sua fixação na Península Ibérica. Exploração da herança deixada pelos Muçulmanos em Portugal (e.g. bússola, conhecimentos de cartografia, palavras de origem muçulmana).
março	4	7B64	Visualização de um vídeo sobre a Sociedade Medieval.
	13	7B69	Realização de uma ficha de trabalho ao som de Música Medieval.
	14	7BCid.	Exploração da rádio e de canções alusivas à Revolução de 25 de abril de 1974.
Abril	8	7B71	Pequena representação de um contrato de Vassalagem.
	10	7B72	Realização de atividades da Escola Virtual sobre a “Formação dos Reinos Cristãos na Península Ibérica”.
	24	7B78	Participação na sessão “Revolução de 25 de abril de 1974”.
	29	7B80	Realização de uma ficha de trabalho durante o decorrer da aula.
maio	13	7B85	Os concelhos medievais: selagem de uma carta com lacre e o sinete.
	15	7B84	Visualização de um vídeo sobre arte românica e a arte gótica.
	29	7B92	Pequena representação de um trovador.
junho	3	7B93	Visualização de um vídeo sobre a Peste Negra e a Covid-19, de modo a comparar o passado com o presente.
	5	7B95	Sessão de sensibilização sobre a viola da terra.

Tal como nos é dado a perceber no Quadro acima apresentado, no contexto do 7.º ano de escolaridade, foram realizadas um total de trinta e quatro atividades. Dado que não nos podemos debruçar com detalhe sobre todas elas, entendemos realçar apenas algumas (**7B3**, **7B33**, **7B42**, **7B85**) para uma análise mais cuidada acerca dos seus contornos pedagógicos e do conseqüente impacto nas aprendizagens daqueles que nos foram confiados.

Na **atividade 7B3**, os conteúdos a abordar na turma foram as fontes históricas. Como já sabemos, as fontes históricas são a base para a compreensão e reconstituição dos acontecimentos do passado.

De acordo com Barros (2020), as fontes históricas constituem uma espécie de “máquina do tempo” para os historiadores (...) uma vez que o historiador trabalha com sociedades que já desapareceram ou se

transmutaram – ou, mais ainda, com processos que já se extinguiram ou que fluíram através de transformações que terminaram por atravessar os tempos até chegar ao presente produzindo novos efeitos (p. 4).

Neste sentido, quando os historiadores se deparam com determinadas fontes, por vezes, desconhecem de imediato qual o seu significado. Por isso, dedicam-se à sua investigação e análise minuciosa, com o objetivo de desvendar o seu valor histórico e compreender o papel que desempenharam no passado.

Foi com base nesta premissa que desenvolvemos a nossa atividade, desafiando, assim, os alunos a assumirem o papel de historiadores. Foi distribuído um objeto a cada um, sendo que tinham que imaginar que estavam no ano de 3023, ou seja, mil anos à frente do nosso tempo, e que haviam encontrado aquele objeto por acaso. Não sabiam o que era, nem qual teria sido a sua função e, a partir daí, tinham de imaginar/inventar alguma função para a qual o mesmo teria sido útil no passado. Por outras palavras era nossa intenção que os alunos pensassem em algo invulgar, completamente “fora da caixa”.

Os alunos da turma demonstraram uma certa hesitação, ficando sem saber o que dizer, já que nenhuma ideia lhes ocorria. Muitos, embora tenham feito um esforço para pensar, acabaram por responder simplesmente “não sei”. Desta forma, percebemos que os alunos enfrentam uma grande dificuldade para imaginar, inventar ou criar, uma vez que não conseguem ir além do que já conhecem ou veem. Tal contexto é, na nossa opinião, deveras preocupante e convida-nos a uma reflexão sobre os motivos que estão por detrás de tais comportamentos. A nosso ver, e tendo em conta as leituras realizadas, isto acontece, provavelmente, devido ao excesso de informação e ao uso massivo de tecnologias digitais que oferecem respostas e soluções rápidas, limitando o espaço para o pensamento crítico e criativo. Se repararmos, os jovens dos nossos dias estão tão habituados a ter tudo à distância de um “clic” que acabam por não desenvolver e desafiar a sua criatividade. Segundo Cruz (2015), “com o desenvolvimento da linguagem e do seu papel na brincadeira, a criança passa, cada vez mais, a agir no campo das significações, o que dará origem ao pensamento abstrato” (p. 370). Contudo, atualmente, as crianças têm tudo à mão e lidam constantemente com o imediato, são cada vez menos convidadas a pensar, brincam sozinhas e as suas brincadeiras são menos diversificadas e quase sempre ligadas às tecnologias, sem que se apele à sua individualidade, à sua relação com os outros, à sua imaginação e criatividade.

A este propósito, Cruz (2015) afirma ainda que,

se na infância a atividade imaginária estabelece bases importantes para o pensamento racional, é apenas na adolescência que se produz uma estreita ligação entre a imaginação e a razão, duas forças que competem entre si e se entrelaçam. A imaginação desenvolve-se, adaptando-se a condições racionais e vinculando-se ao pensamento conceitual” (p. 370).

Neste sentido, podemos verificar que este processo é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois a combinação da imaginação com a razão permite que os jovens desenvolvam capacidades críticas de pensamento, de modo a resolver os problemas de forma criativa.

Embora o resultado não tenha sido o mais favorável, consideramos importante a implementação deste tipo de atividades nas nossas aulas, como forma de estimular os alunos a pensar, a criar e a refletir. No fundo, estas são competências essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, que se encontram presentes no *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

A **atividade 7B33** foi aplicada, aquando da exploração da temática do Teatro Grego (Tragédia e Comédia). No nosso entender, o teatro é uma mais-valia para aprendizagem da História. Segundo Graça & Gonçalves (2014), o

recurso ao teatro e ao jogo teatral na educação apresenta diversas potencialidades, tais como permitir uma aprendizagem global (...) conduzir à perceção da complexidade da arte e das relações humanas (...), a uma maior perceção de si e do outro (...), a novos comportamentos e formas de se posicionar na realidade (...), estimular a criatividade e a resolução de problemas e, ainda, desenvolver o sentido crítico (p. 65).

Neste sentido, a turma foi dividida em dois grupos e a cada grupo foi dada uma ficha com um mito grego. O grupo A, por exemplo, trabalhou o mito sobre o “Calcanhar de Aquiles” e, com base nessa história, tinha de criar uma peça de teatro relacionada com a Comédia. Por sua vez, o grupo B trabalhou o mito de “Orfeu e Eurídice” e, com base na história explorada nesse mito, criou uma peça de Teatro relacionada com a Tragédia.

A realização desta atividade teve a duração de quatro segmentos de 45 minutos e, como forma de tornar a nossa aula mais próxima da realidade, nos últimos dois segmentos, deslocamo-nos para o anfiteatro da escola para preparar e realizar a apresentação das peças de teatro.

Na primeira parte da aula, os grupos organizaram-se e na segunda cada grupo apresentou a sua peça no palco, tal como nos é dado a perceber na Figura que apresentamos de seguida (ver Figura 2).



**Figura 2** - Realização de duas peças de teatro grego: comédia e tragédia (7B33)

**A e B)** Elaboração do guião para peça de teatro a realizar;  
**C e D)** Ensaios das peças de teatro; **E, F e G)** Apresentação da peça;  
**H)** Fotografia de grupo após a atividade.

O resultado foi positivo, pois os alunos mostraram-se motivados por ser algo diferente do comum, tendo trazido de casa vestuário e alguns acessórios adequados ao contexto. Podemos confirmar tal motivação através de alguns dos relatos dos alunos, tais como: “Gostava de ter mais aulas assim, Professora. Não são uma seca e nós aprendemos mais”, “podemos ter aulas sempre no anfiteatro ou fora da sala?”.

Por fim, podemos concluir que esta atividade contribuiu para desenvolver várias competências dos alunos e para uma melhor compreensão dos temas abordados, servindo de motivação para a aprendizagem. Ademais, permitiu também criar um espaço onde alguns dos alunos mais tímidos puderam destacar-se, expressando-se e surpreendendo os colegas com a sua interpretação.

No que diz respeito à **atividade 7B42**, o tema abordado foi a “Romanização e os elementos de unificação romana”, na sequência do qual os alunos realizaram um trabalho

de grupo. Nesta aula, a Professora Estagiária trouxe vários objetos, com o objetivo de servirem de mote à exploração de cada um dos elementos de unificação do império romano (direito, exército, rede viária, língua e administração). Por forma a elucidar o leitor sobre os contornos desta iniciativa, partilhamos de seguida um mosaico com alguns apontamentos fotográficos recolhidos durante o processo (ver Figura 3).



**Figura 3** - Romanização e elementos de unificação romana (7B42)

- A) A espada e o autocolante de um soldado romano;
- B) O grupo que trabalhou o tema do *exército*
- C) Documento de estilo antigo;
- D) Colagem do autocolante da *balança da justiça* no caderno diário;
- E) Alunos exploram malhete e documento de estilo antigo com leis do império romano;
- F) Alunos com o mapa de estilo antigo referente à *administração do império*.

Como nos é dado a perceber através da análise da Figura apresentada, e a título de exemplo, no que diz respeito ao *direito romano*, um dos grupos ficou com um malhete, um documento de estilo antigo com algumas leis romanas (ver Figura 3 - E) e um autocolante com a balança da justiça (ver Figura 3 - D), símbolos da legalidade e da ordem. Para explorar o elemento do *exército romano*, outro grupo teve uma espada e um autocolante de um soldado romano (ver Figura 3 - A), evidenciando a importância militar na expansão e manutenção do império. Quanto à *rede viária*, um grupo teve pedras e um autocolante que ilustrava a forma com eram contruídas as vias romanas (ver Figura 3 - B). No que diz respeito à *língua*, um quarto grupo teve um documento de estilo antigo escrito em latim e um autocolante com a escrita em latim (ver Figura 3 - C). Por fim, para exploração do tema da *administração*, foi dado ao último grupo um mapa e um autocolante, também de estilo

antigo (ver Figura 3 - F), que ilustrava a forma como o império romano era organizado administrativamente.

Para facilitar a compreensão dos temas, cada grupo recebeu uma ficha com vários documentos que continham informações sobre os elementos de unificação. Isto proporcionou uma base sólida para a pesquisa e análise crítica. Com o auxílio do manual escolar, os alunos procuraram retirar informações relevantes sobre os temas que lhes foram atribuídos, relacionando-as diretamente com os objetos que foram trazidos para a aula. Adotamos tal metodologia para a realização deste trabalho conscientes de que, tal como refere Silva (2018), o mesmo permite promover a construção do conhecimento do aluno ao aproximá-lo do ofício de historiador (p. 25).

Após a pesquisa e a análise, os grupos tiveram a oportunidade de apresentar os seus trabalhos à turma. Durante as apresentações, foi possível verificar aqueles que estavam mais à vontade e quais os que demonstravam maior timidez. Estes últimos mostravam-se claramente envergonhados e muito dependentes da leitura do papel. No entanto, depois das apresentações, foram realizadas questões e, neste momento, foi possível verificar que alguns dos alunos mais tímidos conseguiram responder de forma mais natural e descontraída, pelo que entendemos que as questões ajudaram a abstraírem-se do papel, permitindo que mobilizassem a sua capacidade de se expressar autonomamente, utilizando as suas próprias palavras.

Como resultado, os alunos mostraram-se entusiasmados e consideraram a atividade interessante. O facto de terem recebido material relacionado com os conteúdos da disciplina e de poderem colar os autocolantes no caderno diário, motivou-os para procurar mais sobre a temática. Um aspeto interessante a destacar foi a altura em que lhes foi apresentada a espada, pois todos os rapazes da turma queriam ficar com o trabalho sobre o exército, até mesmo os que já tinham escolhido outro tema.

Em jeito de balanço, concluímos que um aspeto a melhorar seria a questão do tempo, porque a atividade excedeu o tempo que estava inicialmente previsto na planificação, decorrendo ao longo de três segmentos de 45 minutos, em vez dos dois inicialmente planificados. Contudo, foi essencial dar mais tempo aos alunos para realizarem os trabalhos, pois a atividade era mais complexa do que o habitual e permitiu que todos os grupos fizessem trabalhos mais completos.

A **atividade 7B85** teve como temática “Os concelhos medievais”. Neste sentido, iniciamos a nossa atividade com uma carta de foral de estilo antigo fechada (ver Figura 4 -

A). Um dos alunos abriu e leu-a à turma (ver Figuras 4 - B e C). Neste caso, era uma carta de foral que foi adaptada tendo em conta o ano de escolaridade. Foi deveras interessante a reação dos alunos ao abrir a carta, pois não sabiam como se abria. Um aluno até perguntou: “É para rasgar? Não a vamos estragar?”. A preocupação do aluno foi verdadeiramente sincera, pois estava com receio de estragar a carta, chegando mesmo a repetir a questão. Após este momento, prosseguimos com a análise da carta com o objetivo de se compreender a forma como este tipo de documento era elaborado e conhecer as suas características fundamentais. De seguida, foram apresentados aos alunos os símbolos do concelho, incluindo a bandeira, o selo e o pelourinho, bem como os seus significados. Durante a explicação sobre a funcionalidade do selo, decidimos colocá-la em prática e demos oportunidade aos alunos de aprenderem a selar uma carta, tal como se fazia na Idade Média.

Primeiro foi necessário colocar os materiais em cima da mesa (ver Figura 4 - D), depois os alunos tinham de escrever na carta as informações que consideravam pertinentes para mandar ao rei. Escrita a carta, a Professora utilizou um isqueiro para derreter o lacre que estava numa colher própria (ver Figura 4 - E). Quando o lacre estava completamente líquido, a colher foi dada à aluna de nacionalidade estrangeira que o colocou em cima da carta, que foi posteriormente selada com a ajuda de um sinete (ver Figura 4 - F).

A reação dos alunos à atividade foi positiva, aspeto que comprovamos com a partilha de alguns dos seus comentários: “sempre quis fazer isto”, “isto é muito giro, Professora”, “nós podemos fazer de novo?”, “onde foi que a Professora arranjou isto?”. Acreditamos que a utilização destes recursos foi fundamental para deixar uma marca significativa na experiência dos alunos. Ao incorporá-los, a atividade não só captou a sua atenção, como também estimulou a sua curiosidade e imaginação, contribuindo para um ambiente de aprendizagem mais dinâmico. Como refere Monteiro (2017), a utilização deste tipo de recursos é muito importante, uma vez que permitem “auxiliar o processo ensino-aprendizagem de forma a estimular e motivar o aluno” (p. 27).

Por forma a elucidarmos o leitor acerca do desempenho dos alunos ao longo desta atividade, partilhamos de seguida um mosaico com alguns registos fotográficos realizados durante o processo em que a mesma decorreu. (ver Figura 4).



**Figura 4** - Os concelhos medievais: aprender a selar uma carta (7B85)

- A)** Aluno mostra a carta de foral aos colegas;
- B)** Aluno a abrir a carta; **C)** Aluno a ler a carta de foral aos colegas;
- D)** Alguns materiais colocados em cima da mesa; **E)** Professora estagiária a derreter o lacre;
- F)** Aluna de nacionalidade estrangeira a colocar o Sinete em cima da carta para a selar;
- G)** Alunos a explorar o material; **H)** Resultado final.

Em jeito de balanço, um dos principais desafios do nosso estágio, neste ano em particular, foi o facto de a turma ter integrado uma aluna de outra nacionalidade. Esta não dominava a língua, sendo, por isso necessário criar todo um conjunto de dinâmicas para poder integrá-la na ação educativa e nas rotinas diárias. Esta situação exigiu uma abordagem pedagógica diferenciada, pautada na individualização do ensino e no compromisso com a inclusão, em linha com as diretrizes da Direção-Geral da Educação (DGE). Para tal, no seguimento da EMAI, foram adotadas medidas universais de forma a “promover a participação e a melhoria das aprendizagens. Estas medidas consideram a individualidade de todos e de cada um dos alunos através da implementação de ações e estratégias integradas e flexíveis” (Pereira, 2018, p. 30).

Este desafio impactou significativamente as rotinas habituais da sala de aula, uma vez que nos obrigou a redefinir novas práticas. De todas as estratégias utilizadas, destacamos as seguintes: a tradução das fichas do português para o inglês, a utilização do telemóvel em contexto de sala de aula a fim de traduzir para a língua materna os conteúdos não compreendidos pela aluna, a chamada da aluna para escrever a lição no quadro e a integração da mesma, sempre que possível, nas atividades práticas.

Apesar de todo este trabalho adicional, sem dúvida que, do ponto de vista formativo, foi muito importante contactarmos com uma aluna de um contexto cultural distinto, contexto que contribuiu para ampliar a nossa visão a nível educacional, tornando assim a nossa experiência mais abrangente e desafiadora. Neste sentido, também soubemos tirar partido das experiências que esta trazia do seu país de origem ao partilhá-las connosco em algumas aulas. Afinal, a História também se faz das partilhas e das vivências que se fazem no espaço e no tempo e, no caso desta aluna, esta partilha foi muito enriquecedora, tanto para ela como para os colegas. Neste particular, Romero (2017) realça que a “interação entre as diferentes culturas pode contribuir para que pessoas ou grupos sociais modifiquem o seu horizonte de compreensão, assumindo novos pontos de vista e diferentes lógicas de interpretação da realidade social em que vivem” (p. 15).

Do ponto de vista relacional/social, esta experiência também adquiriu uma grande importância, pois permitiu incentivar os alunos a adotarem uma perspetiva diferente em relação à colega. A presença de uma aluna de um contexto cultural diferente permitiu desenvolver uma empatia maior e consolidar valores, tais como, o respeito pela diversidade. Isto não só enriqueceu a dinâmica da turma, mas também criou um ambiente mais acolhedor e colaborativo, onde as diferenças foram vistas como oportunidades de aprendizagem mútua. Estes momentos de partilha foram fundamentais para melhorar a interação dentro da turma, promovendo um espírito de tolerância e solidariedade em relação à colega.

Outro aspeto que não podemos deixar de realçar foi a oportunidade que tivemos de lecionar aulas de Cidadania. Este foi um cenário que não estava inicialmente previsto, mas que, devido à mudança repentina de orientador, acabamos por explorar e desenvolver ao longo do nosso estágio. Na realidade, a Cidadania relaciona-se naturalmente com a História, integrando

um conjunto de direitos e deveres que devem estar presentes na formação cidadã das crianças e dos jovens portugueses, para que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática, no quadro do sistema educativo, da autonomia das escolas e dos documentos curriculares em vigor (XXI Governos Constitucionais, 2017, p. 1).

A disciplina em si integra vários domínios e nós decidimos explorar o domínio das “Instituições e participação democrática”. Na sequência da proximidade com as celebrações dos 50 anos da *Revolução de 25 de abril de 1974* acabamos por abordar este tema com os alunos. Numa das aulas tivemos a oportunidade de comparar a vida em ditadura com a vida em democracia, tendo sido utilizados na sua exploração vários objetos (e.g. livro único, rádio) e canções alusivas ao tema. Além disso, foram também desenvolvidos trabalhos específicos, alusivos a esta temática. Esta experiência acabou por funcionar como uma mais-valia para compreendermos que a Música, tal como a História, é uma área versátil, capaz de se interligar com outras disciplinas dentro de uma abordagem de integração curricular. Esta integração curricular contribui para formar cidadãos ativos, responsáveis e conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade, capazes de compreender os desafios da atualidade. Isto contribui para uma Educação mais rica, incentivando os alunos a desenvolverem uma visão ampla, integrada e contextualizada do conhecimento.

#### 4.2. Ação educativa desenvolvida no 8.º ano

À semelhança do que aconteceu no contexto do estágio no 7.º ano de escolaridade, utilizaremos uma metodologia semelhante para apresentarmos e refletirmos acerca das atividades desenvolvidas na turma do 8.º ano de escolaridade. Lembramos que, neste novo contexto educativo, foi-nos reservado um período bem curto de lecionação que contava apenas com um bloco de 45 minutos semanais. No Quadro que apresentamos de seguida, fazemos uma apresentação geral das atividades desenvolvidas e voltamos a realçar, aquelas em que convocamos a Música na abordagem aos conteúdos da História, cujas linhas aparecem sinalizadas a amarelo (ver Quadro 4).

**Quadro 4** - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 8.º ano

	Dia	Atividade	Tema/Conteúdos explorados
setembro	18	8C1	Apresentação dos alunos através da atividade “Fio que nos une”.
	25	8C2	Análise do texto “Diário de viagem” e utilização de vários recursos (queijadas da vila e da graciosa, espécies de S. Jorge, pedra de basalto, dente de cachalote e bandeira dos Açores), de modo a relacioná-los com o texto.
outubro	2	8C3	Identificação no mapa dos locais descobertos pelos portugueses, durante a época dos descobrimentos.
	9	8C4	Realização de uma ficha de trabalho sobre a relevância geoestratégica dos Açores.
	18	8C5	Identificação, através do olfato, dos produtos trazidos do Oriente para o arquipélago durante a época dos Descobrimentos.

	23	8C6	Realização e apresentação de um trabalho de grupo sobre a tradição do “Pão por Deus”.
	30		
novembro	6	8C9	Utilização do jogo “quantos queres” para fazer uma revisão dos conteúdos lecionados em aula.
	13		
	20		
dezembro	4	8C12	Realização de uma ficha de trabalho, ao som de música clássica, sobre o processo de restauração das ilhas.
	18	8C14	Participação na sessão de apresentação do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores.
janeiro	8	8C15	Realização de um crucigrama sobre o sistema absolutista nas ilhas.
	29	8C18	Realização da atividade “Uma viola, dois corações”.
fevereiro	5	8C19	Realização de trabalhos de grupo sobre a Emigração Açoriana.
	19		
março	4	8C21	Visualização do filme “A viagem”.
	11		
abril	8	8C24	Realização de uma ficha de trabalho sobre as alterações político-administrativas do Liberalismo nos Açores ao som do “Hino da Carta”.
	15	8C25	Exploração do setor económico nos Açores do século XIX.
	22	8C26	Exploração do traje açoriano.
maio	13	8C29	Exploração da tradição do Espírito Santo.
	27	8C30	Exploração do cancionero regional açoriano.
junho	3	8C31	Realização de um <i>peddy paper</i> sobre a História e o património dos Açores.

Tal como nos é dado a perceber no Quadro apresentado, no contexto do 8.º ano de escolaridade, foram realizadas um total de 21 atividades. Dada a quantidade de atividades, e pelas razões já enunciadas aquando da apresentação das atividades desenvolvidas na turma do 7.º ano, destacaremos apenas a **atividade 8C31**, sendo que consideramos ter sido uma atividade bastante relevante e impactante para a turma, uma vez que acabou por compilar, numa só atividade, vários conteúdos lecionados ao longo daquele ano. Trata-se da realização do *peddy paper* intitulado “O Património Histórico e Cultural dos Açores”.

A escolha deste recurso educativo vem na sequência da ideia defendida por Silva que afirma que o *peddy paper* é uma forma lúdica que permite desenvolver “várias dimensões

da personalidade: afetiva, social (respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, responsabilidade, justiça, iniciativa pessoal e grupal) e motora (coordenação, destreza, rapidez, força)” (2011, p. 36). Por outras palavras, não se baseia apenas na aprendizagem dos conteúdos ou na diversão, é um recurso que acaba por contribuir também para a aprendizagem de valores e para o bem-estar do aluno. Para além disso, o *peddy paper* permite que os alunos desenvolvam a sua própria autonomia, uma vez que, através de enigmas, eles próprios vão à procura do conhecimento. A autonomia adquirida através de recursos como este assume-se de grande importância, uma vez que os jovens passam a ter “confiança em si próprios, motivação para aprender, autorregulação, espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, aprendendo a integrar pensamento, emoção e comportamento, para uma autonomia crescente” (PA, 2017, p. 26).

Uma vez que esta era uma atividade que requeria tempo e estavam destinados apenas 45 minutos por semana à disciplina de HGCA, estabeleceu-se uma parceria com o Professor de Educação Física por forma a alargar o tempo de duração da mesma. Esta foi também uma forma de potenciar a integração curricular, uma vez que os alunos tinham de percorrer toda a escola, colocando assim à prova as suas competências motoras, aspeto que nunca é demais convocar nestas idades em que os jovens são cada vez mais sedentários e praticam cada vez menos atividades de natureza física.

A atividade teve uma duração de cerca de 50 minutos e quando foi dito aos alunos que iam realizar um *peddy paper*, estes reagiram de forma muito positiva, iniciando logo a formação dos grupos, uma vez que estavam entusiasmados para começar. No início, foi dado a conhecer o regulamento com as regras fundamentais do *peddy paper*. De seguida, foi distribuído a cada um dos grupos uma carta de estilo antigo com um guião no seu interior que deveria ser seguido por cada grupo (ver Figura 5 - H).

O *peddy paper* era constituído por várias etapas, sendo que cada uma abordava um tema trabalhado ao longo do ano ou estava relacionada com aspetos da cultura geral (Etapa 1 – O processo de povoamento das ilhas; Etapa 2 – A relevância geoestratégica dos Açores na modernidade; Etapa 3 - Gastronomia Açoriana; Etapa 4 – Romarias; Etapa 5 – Os Açores e o domínio filipino; Etapa 6 - Emigração Açoriana; Etapa 7 – O setor económico ao longo do século XIX).

A meio da atividade alguns alunos estavam cansados e não queriam correr mais, mas foi muito interessante ver os outros elementos do grupo a “puxar” pelos restantes colegas que diziam estar cansados, para que o grupo conseguisse concluir a atividade.

Apesar do problema de falta de colaboração já identificado naquela turma, pudemos constatar que esta atividade permitiu unir os alunos, “obrigando-os”, em certa medida, a interagir e a trabalhar em conjunto, tendo em vista um objetivo que era comum.

No final da atividade foi entregue aos alunos um diploma de participação no *peddy paper* e alguns prémios relacionados com a cultura açoriana (1.º lugar - queijadas da vila; 2.º lugar – queijadas da Graciosa; 3.º lugar: espécies de S. Jorge). A entrega dos prémios, para além de aumentar a motivação dos alunos, também contribuiu para incentivar o interesse pela cultura local, valorizar e aprofundar o conhecimento sobre as nossas tradições, neste caso a doçaria típica das ilhas açorianas.

No mosaico que se segue, partilhamos algumas imagens recolhidas no decorrer desta atividade (ver Figura 5).



**Figura 5 - Peddy paper sobre a História e o património dos Açores (8C31)**

- A)** Recriação de uma Romaria; **B)** Alunos vestidos com trajes típicos regionais;  
**C e F)** identificação da Ilha Terceira no mapa dos Açores do século XVI;  
**D)** Leitura da História da erupção do Pico do Sapateiro relatada no livro de Gaspar Frutuoso;  
**E)** Alunos a dançar folclore; **G)** Diploma de participação no *peddy paper*;  
**H)** Alguns dos materiais utilizados no *peddy paper*.

Ainda no contexto do nosso estágio neste ano de escolaridade, não podemos deixar de realçar a observação e a lecionação de aulas noutras turmas, práticas que nos proporcionaram outras perspetivas relativamente ao ensino nestas faixas etárias, especialmente nas turmas de currículo adaptado. Sabemos que, à partida, no nosso futuro profissional iremos acabar sempre por nos cruzar com contextos como estes, sendo por

isso essencial compreender a importância da ação do Professor que não deve ser entendida como estanque. Pelo contrário, esta deve ser diversificada, dinâmica e adequada aos contextos em que nos movemos.

Para além disso, o facto de podermos lecionar a disciplina de História Geografia e Cultura dos Açores (HGCA) permitiu ter uma experiência de aprendizagem diferente da proporcionada a outros núcleos, pois fomos os únicos a tê-la ao longo do estágio. Esta é uma disciplina recente e particular da nossa Região, oferecendo oportunidades para a criação de novos recursos pedagógicos. No entanto, também por este motivo, por ser uma disciplina recente e ainda pouco explorada pelos docentes, surgiram desafios relacionados com o currículo a lecionar e os recursos a explorar, exigindo maior investimento da nossa parte por forma a garantir a melhor abordagem para os alunos.

A leção desta disciplina foi também essencial para mobilizar os conhecimentos adquiridos na disciplina de História dos Açores que tivemos no decorrer na nossa formação universitária.

### **4.3. Ação educativa desenvolvida no 10.º ano**

Partilhada a nossa ação educativa desenvolvida nas turmas do 3.º Ciclo do Ensino Básico, é chegada a altura de nos dedicarmos à apresentação do trabalho desenvolvido na turma do ensino secundário, uma turma do 10.º ano de escolaridade à qual lecionávamos, em alternância, nos moldes acima descritos, 3 blocos semanais de 90 minutos cada.

#### **4.3.1. Atividades desenvolvidas no 10.º ano**

Numa lógica de análise semelhante à utilizada para descrever o trabalho desenvolvido com as restantes turmas que nos acolheram, começamos por partilhar com o leitor um quadro síntese no qual agrupamos todas as atividades exploradas, pela ordem cronológica em que as mesmas decorreram. Voltamos a sinalizar, amarelo, aquelas em que convocamos a Música para trabalhar conteúdos da área da História (ver Quadro 5).

Quadro 5 - Síntese das atividades desenvolvidas na turma do 10.º ano

	Dia	Atividade	Tema/Conteúdos explorados
setembro	18	10B1	Apresentação dos alunos através da atividade “Fio que nos une”.
outubro	16	10B29	Visualização de um vídeo sobre a formação e expansão do império romano.
	31	10B41	Realização de um trabalho de grupo sobre a Educação romana, de modo a compará-la com a Educação ateniense, enquanto ouviam música alusiva à época.
novembro	13	10B50	Distribuição de palavras/conceitos a cada um dos alunos, de modo a explicarem aos colegas o significado de cada um.
	16	10B54	Realização de trabalhos de grupos: A partir de vários documentos facultados aos três grupos constituídos, estes tiveram de procurar quais eram os privilégios e obrigações da Nobreza, do Clero e dos Camponeses na Idade Média, escrevê-los num pergaminho e apresentar à turma.
	30	10B65	Análise da Bula <i>Manifestis Probatum</i> num documento de estilo antigo.
janeiro	8	10B86	Utilização de objetos (espada, dinheiro e malhete) como exemplo, para realização de um pequeno trabalho sobre os poderes dos senhores na Idade Média.
	9	10B88	Trabalho de grupo sobre as comunidades rurais dependentes: cada grupo teve de analisar um documento sobre um grupo de dependentes.
	11	10B90	Visualização de um vídeo sobre a cantiga de amigo “Ai flores do verde pino” de D. Dinis, como forma de compreender o papel da literatura medieval no processo de afirmação da língua portuguesa.
	18	10BCid	Atividade de Cidadania sobre a Igualdade de Género.
	23	10B99	Realização de uma pesquisa de conceitos nos livros de Joel Serrão na Biblioteca da escola.
	29	10B101	Trabalho de grupo: análise de documentos sobre o combate à expansão senhorial.
	30	10B103	Realização de uma ficha de trabalho individual sobre a matéria lecionada de forma a sintetizar os conteúdos lecionados.
fevereiro	1	10B105	Visualização de um vídeo sobre o cerco de Lisboa, acompanhado pela realização de uma ficha de atividades relacionada ao conteúdo apresentado.
março	4	10B127	Realização de trabalhos de grupo sobre o comércio na época dos descobrimentos: foram criados três grupos e cada grupo ficou com um baú que continha produtos provenientes de um continente (América, África e Ásia). O objetivo era descobrir o nome dos produtos e, a partir dos documentos atribuídos, analisar e compreender para que serviam.
	5	10B129	Aprender História a partir da Música: Análise das canções “O conquistador” da banda Da Vinci e “O índio do Brasil” de David Assayag, relacionando-as com o impacto dos descobrimentos no encontro de culturas.
	7	10B131	Análise de biombos japoneses em ponto pequeno.
abril	8	10B145	Pequena representação sobre como as elites sociais se deveriam comportar.
	9	10B147	Realização de um mundo ideal, de modo a compará-lo com a “Utopia” de Thomas More.
	11	10B149	Realização de trabalhos de grupo: análise de pinturas renascentistas, enquanto ouviam música alusiva à época.
maio	21	10B175	Integração curricular (Alemão & História A): sessão sobre os símbolos heráldicos e hinos nacionais/regionais criados ao longo da História.
	23	10B177	Análise da Bíblia (recurso físico) de forma a comparar a mensagem original do Cristianismo com as práticas realizadas pela Igreja no século XVI.

Tal como nos é dado a perceber no Quadro apresentado, no contexto do 10.º ano de escolaridade, foram realizadas um total de 22 atividades. Pelas razões já explicadas na apresentação das atividades desenvolvidas no contexto do 3.º Ciclo do Ensino Básico, analisaremos com mais pormenor as atividades: 10B131, 10B145 10B147.

A **atividade 10B131** foi implementada, aquando da lecionação da temática “O contacto com os outros povos – Oriente”. Nesse contexto, foram criados diversos biombos em ponto pequeno para os alunos analisarem. A reação dos alunos ao visualizarem os biombos foi de grande entusiasmo. Um dos alunos até comentou: “nós gostamos quando a Professora traz coisas diferentes. Não é comum os nossos professores fazerem isso”. Entendemos que o comentário em causa pode ter na sua origem o facto de, na visão dos alunos, os professores geralmente utilizarem métodos mais tradicionais ou repetitivos, sendo que a introdução de algo diferente trouxe-lhes uma experiência mais cativante.

No fundo, esta atividade tinha como objetivo analisar a imagem, de modo a identificar a chegada dos portugueses ao Japão e as diferenças culturais existentes. À medida que foi realizada a análise do biombo, foram também colocadas várias questões aos alunos, de modo a descreverem o que observavam.

Como resultado, constatou-se que, nesta aula, os alunos demonstraram-se muito participativos, algo atípico para esta turma, que desde o início do ano letivo se caracterizava por um comportamento muito reservado e reticente, com grande dificuldade em interagir ou responder a qualquer questão que lhes era dirigida. Um aspeto que se revelou particularmente interessante, evidenciando o sucesso da atividade, ocorreu no final da aula, quando os alunos pediram para ficar com os biombos, um pedido inesperado, pois não era suposto acontecer.

A **atividade 10B145** teve como temática “a produção cultural renascentista. distinção social e mecenato: as elites cortesãs e burguesas”. Através desta atividade, os alunos puderam explorar a vida e os comportamentos sociais do século XVI, particularmente a Educação liberal das crianças, que era um reflexo dos valores e normas de conduta das elites da época. A atividade incluiu uma pequena representação teatral, na qual foram utilizados diversos recursos históricos, tais como, roupas típicas da época, talheres, guardanapos de pano e até objetos de mesa, tais como pratos e copos, que ajudaram a recriar o ambiente das refeições das elites renascentistas.

Um dos alunos foi incumbido de ler um texto de Erasmo de Roterdão, um intelectual renascentista, cujas obras promoveram os ideais da Educação humanista. Outro aluno foi escolhido para representar um membro da elite cortesã, vestindo os trajes da época. Durante a leitura, este foi convidado a representar de forma exagerada e caricatural, as etiquetas sociais e o comportamento requintado que as elites deveriam demonstrar à mesa, incluindo o uso apropriado dos talheres, a postura e a forma de interagir durante uma refeição.

Como resultado, os alunos riram-se durante a atividade, pois, como era de esperar, o aluno fez uma representação exagerada do cortesão. Esta foi uma forma de “ampliar o olhar sobre as fontes históricas, bem como incorporar diferentes linguagens no processo educativo que são desafios para a transformação do espaço escolar para um ambiente alegre e produtivo” (Vasconcelos, 2011, p. 10). Assumimos tal metodologia conscientes de que, tal como refere Vasconcelos (2011), “o trabalho com o teatro poderá nos dar interessantes pistas e estímulo para continuarmos a busca pela construção de um conhecimento escolar que contribua para a sensibilização dos alunos e conseqüentemente da sociedade” (p. 10).

Na imagem que se segue, partilhamos um registo fotográfico retirado no decurso da atividade (ver Figura 6).



**Figura 6** - Representação sobre o comportamento das elites sociais à mesa (10B145)

A **atividade 10B147**, com a temática "A Utopia e o Ideal de uma Nova Sociedade", foi desenvolvida com o objetivo de incentivar os alunos a refletirem sobre o conceito de uma sociedade ideal. Durante a aula, foi solicitado que imaginassem e descrevessem o seu "mundo ideal", ou seja, como seria uma sociedade perfeita aos seus olhos, considerando valores, estrutura social, justiça, Educação e qualidade de vida.

A atividade começou com a escolha de um aluno para escrever no quadro, enquanto os outros partilhavam as suas ideias. De forma colaborativa, a turma construiu uma visão coletiva de como deveria ser a sua sociedade ideal. Entre as propostas, surgiram temas como a igualdade de direitos, a preservação ambiental, a justiça social e o bem-estar coletivo, revelando as preocupações contemporâneas dos alunos com temas sociais e éticos. A interação ativa e a participação de todos os alunos tornaram a atividade rica e envolvente, promovendo o pensamento crítico e um pequeno debate sobre os valores que consideram fundamentais para uma sociedade justa e equilibrada.

Após a construção do seu "mundo ideal", a turma comparou as suas ideias com as de Thomas More na sua obra "Utopia". Este foi um momento de reflexão, uma vez que os alunos tiveram a oportunidade de compreender as semelhanças e as diferenças entre o seu ideal moderno e a visão renascentista de More, que imaginava uma sociedade baseada em valores como a abolição da propriedade privada, a igualdade de oportunidades e a busca pela harmonia social. Através desta comparação, os alunos puderam constatar que os ideais utópicos de Thomas More permanecem semelhantes aos da sociedade atual.

A atividade permitiu que os alunos explorassem o conceito de utopia de forma prática e crítica, desenvolvendo competências como a argumentação e a colaboração em grupo. Para além disso, criou-se a oportunidade de refletirem sobre o impacto das ideias de Thomas More nos dias de hoje, pois a atividade proposta não se limitou apenas ao passado. Nesta atividade pretendeu-se realizar uma comparação entre o passado e o presente, sendo que a dinâmica escolhida funcionou como um método de aprendizagem essencial para o desenvolvimento de competências.

### 4.3.2. Visita de Estudo: cada passo, uma nova aprendizagem

Segundo Almeida & Vasconcelos, as deslocações efetuadas com os alunos ao exterior do recinto escolar têm “objetivos educacionais claros, que visam enriquecer, vitalizar e complementar aspetos curriculares através da experiência direta, e que tanto podem ocorrer a locais próximos ou distantes da escola, com durações igualmente variáveis” (citado por Ferreira, 2019, p. 22).

Neste sentido, aquando da lecionação da temática “O papel da companhia de Jesus na Contra reforma” à turma do 10.º ano, procedeu-se à realização de uma visita de estudo ao Núcleo de Arte Sacra do museu Carlos Machado, um lugar de referência na divulgação da cultura e da História na ilha de São Miguel. Para tal, foi distribuído aos alunos, na semana que antecedeu a da visita, o respetivo pedido de autorização para assinatura do Encarregado de Educação. Caso não houvesse permissão da sua parte para a participação do seu educando na visita, o aluno ficaria na biblioteca a realizar uma ficha de trabalho.

No dia da visita de estudo, a reação de alguns alunos ao chegar à sala de aula foi deveras interessante. Um deles, que era por norma tímido, referiu o seguinte: “oh, Professora. Já deixei a mala no cacifo. Vamos depressa que eu vou gostar da aula de hoje, porque vamos passear”. Apesar do entusiasmo, fizemos questão de distinguir uma visita de estudo de um passeio. Por isso, antes de sairmos da sala, foram explicadas as regras de comportamento, os objetivos da visita e entregue um guião com os tópicos para seguirem, uma vez que tinham que realizar um Relatório sobre a mesma, a entregar na aula seguinte. Contudo, a reação dos alunos a este guião não foi muito positiva, uma vez que muitos viram a visita, não com o seu principal propósito, mas como um “escape” às aulas. O guião era constituído pelos quatro tópicos seguintes: 1) Fatores que levaram à criação da Companhia de Jesus; 2) A importância da Companhia de Jesus para a Igreja Católica; 3) O papel dos jesuítas nos Açores; 4) Razões que levaram à expulsão dos Jesuítas nos Açores. Com esta atividade pretendia-se relacionar a História universal, por sua vez lecionada em sala de aula, com a História Local, funcionando assim como “um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador/educando/sociedade e o meio em que vivem e atuam” (Barros, 2013, p. 303). No mosaico que se segue, partilhamos com o leitor alguns apontamentos fotográficos recolhidos no decurso desta visita (ver Figura 7).



**Figura 7** - Visita de Estudo ao Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado

- A)** Guia faz questões sobre os conteúdos lecionados em aula para relacioná-los com a história da Igreja e compreender o que os alunos sabiam sobre o tema;  
**B)** Observação e análise da pintura; **C)** Visita ao altar-mor da Igreja;  
**D)** Exploração da Igreja; **E)** Alunos surpresos com a campa dentro da Igreja;  
**F e G)** Análise de pinturas; **H)** Regresso à escola.

Ao chegarmos ao museu, fomos recebidos pela guia, que iniciou a visita, procurando sempre relacionar os conteúdos que os alunos estavam a estudar com a História da Igreja (ver Figura 7 - A). Nenhum dos alunos havia visitado aquela igreja anteriormente e foi evidente que alguns deles ficaram profundamente impressionados com a sua riqueza e detalhe, pois não imaginavam que o local fosse tão rico e repleto de elementos ornamentais (ver Figuras 7 - B, C, D, F e G). Um facto curioso a destacar foi quando a guia do museu disse: “Se não sabiam, passam a saber que estão em cima de um cemitério”. A reação dos alunos foi de susto, pois não sabiam que no passado as pessoas eram enterradas nas Igrejas (ver figura 7 - E). Posteriormente, foi dada à turma a oportunidade de esclarecer dúvidas em relação ao que foi visto ao longo da visita e explorar o espaço, acabando depois por regressar à escola (ver figura 7 – H).

A nível de comportamento não houve nada a registar, pois como já era de esperar desta turma, os alunos comportaram-se corretamente, obedecendo aos professores.

Assim, concluímos que esta visita de estudo permitiu proporcionar aos alunos a oportunidade de aprenderem através de experiências práticas, fora do ambiente da sala de

aula, aplicar os conceitos e teorias aprendidos às situações reais do quotidiano, permitindo, assim, a sua compreensão e retenção dos conteúdos, estimular o interesse pela História local e complementar o currículo escolar.

#### **4.3.3. A direção de turma como palco de formação e crescimento profissional**

Para além da lecionação da disciplina de História A, também acabamos por desempenhar funções de direção, nesta turma do 10.º ano.

Esta foi uma parte fundamental do nosso estágio, que nos possibilitou o desenvolvimento de um conjunto de competências de natureza prática, só experimentadas no contexto da escola e que a própria Universidade não nos havia proporcionado, uma vez que ao longo do curso não se fala das questões mais burocráticas. O exercício destas funções permitiu que nós adquiríssemos uma visão geral da escola e, envolvidos nas responsabilidades de direção de turma, tivemos a oportunidade de interagir diretamente com os pais e com a comunidade.

Desde o início do seu percurso escolar que cada aluno tem um processo individual, que começa por ser elaborado pelo seu Educador de Infância. O mesmo vai sendo completado no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo Professor titular de turma, e mais tarde pelo Diretor de Turma no 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. Este documento formal é deveras muito importante, uma vez que contém “toda a informação sobre o aluno que possa contribuir para a construção de respostas educativas adequadas às suas características” (Decreto Legislativo Regional n.º 16/2019/A, Capítulo I, artigo 2).

Neste sentido, no início do ano letivo, como forma de obtermos mais informações sobre a nossa direção de turma, consultamos os processos individuais dos alunos. Ao analisar os seus processos, conseguimos obter informações como: a idade, o contacto do Encarregado de Educação, a morada do agregado, a situação familiar, o escalão do IRS e os apoios sociais, os problemas de saúde de cada aluno, as participações disciplinares e as avaliações obtidas em anos anteriores, as retenções, a assiduidade e as medidas de apoio educativo atribuídas. A recolha destas informações foi essencial para conhecermos melhor os nossos alunos e percebermos a melhor forma para lidar com eles ao longo do ano.

Da mesma maneira que os professores anteriores elaboraram um processo individual referente ao ano letivo em que estavam a lecionar, nós também começamos a realizar um processo individual para cada um dos alunos, mas desta vez referente ao ano

letivo 2023-24. Portanto, toda a documentação que recebíamos de cada aluno era colocada no dossiê que se encontrava na sala de diretores de turma da escola.

Uma vez que não existia uma disciplina própria para tratar dos assuntos de direção de turma com os alunos, nós acabávamos por dispensar tempo das nossas aulas de História A para estas questões. Neste sentido, no início de cada aula, dávamos as informações importantes aos alunos, alertávamos várias vezes para as consequências quando atingiam metade e o limite de faltas injustificadas e esclarecíamos eventuais dúvidas que lhes surgissem.

Relativamente à eleição dos representantes da turma (delegado/a e subdelegado/a), esta foi realizada na segunda semana de aulas. Para esta eleição, a Professora cooperante deixou bem claro quem não podia ser eleito. Neste caso, seriam os alunos que já tinham tido algum processo disciplinar anteriormente, os alunos que não demonstravam ter responsabilidade suficiente para o cargo e os alunos que se encontravam apenas a realizar algumas disciplinas. Durante a eleição, alguns alunos fizeram comentários pouco agradáveis, pois não queriam que um determinado aluno fosse eleito. Neste sentido, foi possível verificar que a falta de colaboração e interajuda no início do ano era patente nesta turma, contudo, com o decorrer do tempo, possivelmente devido à convivência e aos trabalhos em grupo que foram sendo realizados, verificou-se que passou a haver uma maior e melhor convivência entre os alunos. Após a contagem dos votos, foi assinada a ata da eleição dos representantes da turma.

No que diz respeito às justificações de faltas, os alunos entregavam o documento com a falta justificada e devidamente assinada pelo Encarregado de Educação. Tendo em conta a justificação, cabia ao Diretor de Turma aceitar ou não e registá-la na plataforma do SGE. De acordo com Lopes, o diretor de turma deve “promover e maximizar a articulação entre outros professores da turma, alunos e encarregados de educação” (2016, p. 19). Neste sentido, quando um aluno ultrapassava metade do limite de faltas, convocávamos “os pais e encarregados de educação (...) para alertar para as consequências da violação do limite de faltas e encontrar uma solução que permita garantir o cumprimento efetivo do dever de assiduidade” (Decreto Legislativo Regional n.º 12/2013/A, artigo 33). Esta convocatória era realizada através de uma chamada telefónica, sendo depois registada no dossiê da direção de turma e devidamente assinada pelo Encarregado de Educação e pelo Diretor de Turma.

Caso o aluno tivesse ultrapassado o limite de faltas permitido por lei, não justificasse as faltas e não se previsse melhorias na sua atitude, este era sinalizado para a Equipa de Apoio Integrado de Jovens em Risco (EAIRJ). Esta equipa faz parte da Associação de Promoção de Públicos Jovens em Risco (APPJ) que procura avaliar, acompanhar e desempenhar uma atitude de intervenção psicossocial junto de crianças e jovens, promovendo, assim, um crescimento saudável.

Nós tivemos dois alunos nesta situação. Um destes alunos provinha de uma família disfuncional, por isso estava institucionalizado, tendo um tutor como Encarregado de Educação. Apesar das tentativas para apoiar o aluno, este acabou por não se adequar à turma e à escola, optando, assim, pelo absentismo escolar. A outro aluno, por ter ultrapassado o limite de faltas permitido por lei, foi-lhe aplicada uma medida de substituição de frequência escolar, pois este alegava que não tinha mais interesse pelo estudo e pretendia ingressar no mercado de trabalho. Devido ao absentismo escolar, e por serem menores de idade, os dois alunos ficaram retidos a todas as disciplinas. Um outro aluno também ultrapassou o limite de faltas a quatro disciplinas, tendo ficado igualmente retido. Contudo, como naquele momento enfrentava problemas familiares, acabamos por direcioná-lo para a psicóloga da escola.

Para além disso, também dávamos atenção às faltas de material dos alunos. Num dos casos mais flagrantes, após avisar o Encarregado de Educação sobre as faltas de material da sua educanda, sobretudo nas aulas de Educação Física, não se verificaram melhorias. Neste sentido, e de acordo com as diretrizes da escola, procedeu-se ao preenchimento de um documento para que a aluna cumprisse serviço cívico.

No âmbito das funções desempenhadas, também participamos nas reuniões que estavam ligadas à nossa direção de turma, nomeadamente a reunião de diretores de turma do secundário e o conselho de turma. Para o conselho de turma foi necessário elaborar uma ata. Assim, com base no guião fornecido pelo coordenador, preparamos a ata, que posteriormente foi aprovada em reunião por todos os docentes. Adicionalmente, estivemos presentes na entrega das avaliações, o que nos permitiu esclarecer dúvidas e fornecer informações detalhadas aos Encarregados de Educação sobre os alunos.

No final do ano, procedemos ao arquivo de toda a documentação do ano letivo 2023-24 em cada um dos processos individuais dos alunos.

Por toda a experiência adquirida, pudemos verificar que o Diretor de Turma apresenta uma tarefa fundamental, uma vez que é quem estabelece a ligação entre todos os

intervenientes no processo educativo, desde os alunos aos professores e Encarregados de Educação. Esta é uma outra faceta do Professor, que não se dedica apenas à lecionação dos conteúdos da área científica em si. Tais funções permitem aprender outras competências relacionadas com a organização, a gestão, a liderança, ou ainda a comunicação, com outros colegas da escola, com os pais e com a comunidade, aspetos que nos parecem centrais na função do Professor nos nossos dias.

Fazendo um balanço final desta experiência, entendemos que a mesma se revelou com um enorme potencial do ponto de vista da aprendizagem da profissão docente. Na realidade, a nossa familiarização com as habituais rotinas e tarefas de um Diretor de Turma foi para nós essencial para uma compreensão mais abrangente da docência. O acompanhamento da gestão pedagógica daquela turma ajudou-nos a desenvolver competências fundamentais, como a organização de reuniões com Encarregados de Educação, a mediação de conflitos, a monitorização do percurso escolar dos alunos e a implementação de estratégias de inclusão. Estas experiências ofereceram-nos uma visão holística da docência, permitindo-nos compreender a importância do papel do Diretor de Turma na criação de um ambiente educativo estruturado e favorável ao sucesso de todos os alunos. Em síntese, o nosso percurso formativo ficou muito mais rico, uma vez que tomamos consciência de todo um conjunto de procedimentos indispensáveis à gestão educativa e ao desenvolvimento de uma prática docente mais consciente e eficaz.

#### **4.4. Atividades com a comunidade escolar**

As atividades que envolvem a comunidade escolar apresentam um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Gouveia & Pereira (2023), a “escola organizada enquanto uma comunidade prevê a adoção de dinâmicas relacionais entre adultos que se apoiam mutuamente e partilham um objetivo comum” (p. 259), isto é, a aprendizagem e sucesso dos alunos.

A “colaboração com a comunidade deverá orientar-se em conformidade com os objetivos da escola, e o inventário das necessidades (...) e dos recursos existentes no meio” (Gouveia & Pereira, 2023, p. 260). No fundo, os docentes devem aproveitar os recursos disponíveis na comunidade para aplicá-los de forma estratégica, atendendo sempre às necessidades dos seus alunos.

De acordo com Batista (2012), “essas ligações são importantes não só para um maior e mais diversificado fluxo de informação e de ‘modos de fazer’, mas igualmente a

um nível cognitivo: ao ter contacto com perspetivas diferentes, as nossas práticas também se podem desenvolver, através de uma maior reflexão e autoanálise” (p. 48).

Atendendo a esta importância, no âmbito da nossa ação educativa, decidimos realizar atividades que envolvessem a comunidade escolar, às quais dedicamos os pontos que se seguem.

#### 4.4.1. Atividade comemorativa do *Pão por Deus*

De acordo com Silva (2000), “as tradições (...) funcionam como textos, mensagens autorizadas, detentoras de realidade e legitimidade próprias, que servem de referência comum” (citado por Cordeiro, 2012, p. 15).

Neste sentido, a atividade do “Pão por Deus”, realizada pelos estagiários de História, juntamente com os professores de HGCA do 8.º ano e do curso de PP Pré-Profissionalização, contou com a presença das seguintes turmas: 8.ºA, 8.ºB, 8.ºC, 8.ºD, 8.ºE, 9.ºG, PFP e PP1A. O principal objetivo da atividade era proporcionar aos alunos uma compreensão aprofundada da origem desta tradição, dos valores que ela transmite, da forma como era realizada e da sua importância na formação da cultura e na coesão social.

A sessão teve início com uma breve explicação histórica sobre a origem da tradição, contextualizando-a no tempo e no espaço. De seguida, foi exibido um vídeo da RTP Açores que abordou os principais rituais associados à tradição na ilha Terceira. Após a exibição, de modo a envolver os alunos na atividade, foi encenada uma pequena representação com quadras típicas da tradição. A atividade prosseguiu com um *quiz* interativo no *Kahoot*, através do qual os alunos puderam testar os conhecimentos adquiridos, de forma lúdica. O momento final da atividade foi marcado pela prova de alimentos tipicamente associados à tradição — pão e milho cozido, acompanhado de chá — que foram preparados pelas turmas PFP e PP1A. Ademais, contamos ainda com a participação dos alunos do curso de mesa/bar (9.ºG), que ajudaram a garantir o sucesso da atividade ao preparar o local e servir os colegas.

No mosaico que se segue, partilhamos com o leitor alguns registos fotográficos da atividade em causa (ver Figura 8).



**Figura 8** - Atividade comemorativa do *Pão por Deus*

- A) Alunos a treinar a representação dentro da sala de aula;
- B) Confeção do milho cozido;
- C) Disposição do chá realizado pelos alunos da turma de cozinha;
- D) Alunos vestidos à regional;
- E) Alunos a provar o pão, o milho e o chá preparado pelos alunos do curso de cozinha e mesa/bar.

Como resultado, os alunos demonstraram grande motivação ao participar na atividade. No que diz respeito à representação teatral, alguns deles, embora interessados, sentiram-se tímidos em atuar na frente dos colegas, o que é natural em atividades de exposição pública, principalmente para os mais introvertidos e menos habituados a este tipo de atividades. Apesar disso, o esforço para participar foi notável, e a representação contribuiu para reforçar a compreensão do tema. Entretanto, o ponto alto da atividade, segundo a opinião da maioria dos alunos, foi a participação no *Kaboot*, que proporcionou um ambiente interativo e competitivo, que estimulou o conhecimento de forma divertida e dinâmica. Para além disso, a prova do pão e do milho também se destacou como um dos momentos mais apreciados.

Um aspeto a melhorar foi a questão da indisciplina, pois alguns alunos estavam a fazer demasiado barulho, perturbando um pouco a apresentação. Para mitigar esta situação, talvez devêssemos ter estabelecido e reiterado as regras de comportamento logo no início da atividade. Além disso, a escolha de um espaço mais apropriado, como o anfiteatro, que é mais amplo, poderia ter contribuído para um ambiente mais controlado, ao contrário da cantina, que é mais propensa a distrações e a ruídos.

Em suma, podemos concluir que esta experiência não só cativou os alunos, como também reforçou a ligação entre o conteúdo teórico e a vivência prática, tornando a aprendizagem mais envolvente e significativa.

#### 4.4.2. Concerto do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores

A presente atividade contou com a presença do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores que realizou um concerto no anfiteatro da escola, tal como nos é dado a perceber na imagem que se segue (ver Figura 9).



**Figura 9** - Concerto do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores

Esta atividade era direcionada para todos os alunos do 8.º ano e tinha dois grandes objetivos: o primeiro, explorar a história do quinteto por forma a conhecer as suas características e o seu percurso ao longo dos anos; o segundo abordar as características do som dos vários instrumentos que os músicos militares estavam a tocar. Por se tratar de um período próximo ao Natal, a apresentação incluiu músicas da época.

Esta experiência foi extremamente relevante, pois permitiu uma integração curricular entre a História, a Geografia e Cultura dos Açores e a disciplina de Físico-Química, num verdadeiro exemplo de integração curricular. Ao aliar a Música com a História, por exemplo, os alunos conseguiram compreender a origem do quinteto de metais da banda militar dos Açores e o seu papel a nível cultural. Já a abordagem de Físico-Química focou-se na ciência do som, em que os alunos puderam explorar conceitos como vibração, frequência e propagação sonora através dos instrumentos que estavam a tocar.

De acordo com Pires (2020), “a articulação curricular favorece aprendizagens significativas, pois promove o desenvolvimento de aprendizagens de carácter

interdisciplinar” (p. 67). Neste sentido, a integração curricular existente na presente atividade foi crucial, uma vez que demonstra como a Música pode ser uma ferramenta de ensino dinâmica, aliando os conteúdos de áreas completamente distintas.

Pensamos interessante comentar esta atividade no nosso Relatório porque, tal como aconteceu no caso da História, em que a Música facilmente entrou na dinâmica da ação educativa, isto também acontece com outras áreas, neste caso a Física Química, oferecendo uma forma prática e dinâmica de estudar a acústica e o som.

#### 4.4.3. Sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1974

A sessão realizou-se no dia 24 de abril, no anfiteatro da escola, e contou com a presença dos alunos das turmas do 7.ºB, 8.ºE, 9.ºA, 9.ºC, 9.ºD, 9.ºE, 10.ºE e 12.ºB, dos professores da escola e, por fim, do nosso convidado Álvaro Feijó, antigo Professor do Magistério Primário.

No mosaico que se segue, partilhamos com o leitor um conjunto de apontamentos fotográficos que ilustram os vários momentos desta sessão, que entendemos ter sido bastante impactante para todos aqueles que nela se envolveram (ver Figura 10).



**Figura 10** - Sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1974

- A) Aluno representa um escritor e a máquina de escrever alusiva à época;
- B) Alunas presas pela PIDE por usarem trajes demasiado curtos para a época;
- C) Alunos vestidos de militar; D) Alunos distribuem cravos pelo público no final da peça;
- E) Alunos declamam poesia; F e G) Intervenção do Professor Álvaro Feijó;
- H) Agradecimento da Professora estagiária pela presença e cooperação de todos.

A preparação para a realização desta atividade decorreu entre os meses de fevereiro e abril e envolveu toda a comunidade escolar, desde Professores a alunos e auxiliares.

Esta sessão teve vários momentos. O primeiro foi a peça de teatro que foi realizada pela turma do curso de animação sociocultural. Esta turma era constituída por 11 alunos, sendo que dois destes alunos tinham sido diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo. Apesar das dificuldades encontradas, estes participaram na peça, sendo tal participação assumida como uma forma de combater as “barreiras que se colocam à aprendizagem e à participação do aluno” (IGEC, 2016, p. 16).

Relativamente à peça propriamente dita, foi entregue numa das aulas um guião à turma, que acabou por ser trabalhado, integrando comentários e sugestões. Nesta mesma aula, os alunos definiram os adereços, acessórios e objetos que necessitariam de trazer para a escola. A peça tinha como título “O Estado Novo e a passagem para a Democracia” e acabava por ridicularizar a forma de vida na época. A realização da peça foi muito importante, uma vez que permitiu dar “protagonismo aos alunos, o que finda as aulas tradicionais mecânicas” (2018, Schactai, p. 1) e desenvolve competências como a comunicação e expressão, a criatividade e a colaboração.

Para além disso, a realização da peça permitiu ainda a integração curricular com a disciplina de Português. De acordo com Souza (2021), a integração curricular é um movimento “muito maior do que, simplesmente, “juntar disciplinas”. No fundo, é “identificar quais as relações existentes entre as disciplinas, objeto de determinado estudo, projeto ou aula, e não a tentativa de destruir as disciplinas em função da criação de uma possível metadisciplina” (p. 5). Por outras palavras, pretende-se relacionar e conectar diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e significativa para os alunos. Esta prática reconhece que o conhecimento não está dividido em compartimentos isolados, mas é interligado e interdependente.

Neste sentido, após a apresentação da peça, os alunos do 8.º ano, juntamente com a Professora de Português, declamaram um poema: “*A trova do tempo que passa*” do poeta Manuel Alegre. A poesia foi declamada de forma diferente, pois todos os alunos estavam sentados no chão com uma capa preta na mão e apenas o que lia se levantava, depois todos repetiam os dois últimos versos de cada quadra ao mesmo tempo. Obviamente, tendo uma plateia na sua frente, os alunos não queriam falhar, por isso olhavam uns para os outros para responder ao mesmo tempo e para perceber quem dizia a quadra seguinte. O contacto

visual entre os alunos e a preocupação para que tudo corresse bem acabou também por ser uma forma de aprendizagem. Neste caso, é uma aprendizagem cooperativa, pois dá a “sensação que se tem de se estar dependente dos outros de modo que não se consegue ser bem-sucedido se os outros não também o forem” (Lopes et al., 2018, p. 17). Enquanto os alunos declamavam o poema, foi ainda colocada uma Música de fundo (“Trova do tempo que passa” de Adriano Correia de Oliveira) alusiva ao tema, pois a sua letra é parte do próprio poema de Manuel Alegre.

Após a apresentação do poema, subiu a palco o Sr. Professor Álvaro Feijó que falou sobre a sua experiência de vida durante o Estado Novo, estabelecendo uma comparação entre a vida na ditadura e a vida no contexto da democracia. Ao convidarmos alguém que vivenciou este período histórico acabamos por trazer novas perspetivas e conhecimentos que enriquecem o currículo escolar, proporcionando aos alunos uma visão mais ampla e variada sobre a temática. Além disso, oferece-lhes a oportunidade de dialogar diretamente com alguém que viveu durante aquele período.

A intervenção, de facto, foi muito cativante e notou-se que o público estava interessado, pois vários alunos colocaram questões pertinentes ao convidado, mostrando, assim, muita curiosidade sobre a temática.

Uma das questões estava relacionada com a guerra colonial: “Como foi ter que ir para a guerra em Angola?”. Para esta questão o convidado teve algumas dificuldades em responder, o que de certa forma demonstra o peso que a guerra teve para si. Naturalmente, tal como muitos outros militares, foi obrigado a ir para a guerra, sendo este um dos grandes motivos para se dar origem à revolução. De facto, era um descontentamento geral da população, mas que estava muito patente nos militares. Segundo Saldanha (2021), “a oposição à guerra colonial estendeu-se (...) a diferentes setores da população (inclusivamente, dentro da própria Igreja), saindo dos centros de decisão do poder ditatorial e das cúpulas militares. Neste processo de luta contra a guerra foi ainda fundamental a oposição que se gerou no interior das Forças Armadas” (p. 5). Nós que vivemos em pleno século XXI não vivenciamos este período. Ouvimos falar de guerras, mas temos o privilégio de não viver numa. Neste caso, ouvir alguém que passou por este momento acaba por ser uma experiência educativa e humana. Os alunos passaram a conhecer uma perspetiva direta e pessoal que foi para além dos livros e das notícias da época. Para além disso, esta foi também uma forma de reforçar a necessidade de se promover e manter a paz em todos os níveis da sociedade. Isto porque, no fundo, a

Revolução de 25 de abril de 1974 também foi uma forma de terminar com a guerra e instaurar a paz, a liberdade e a democracia.

Outra questão colocada ao convidado foi: “o que estava a fazer no dia do 25 de abril de 1974?”. O convidado contou que tinha acabado de comprar um carro e quando ligou a rádio do carro ouviu a notícia de que estava a ocorrer uma “revolução no continente”. Isto demonstra a importância da rádio na época para a difusão de informação e a curiosidade dos alunos em querer saber aspetos da vida quotidiana da época.

Outra questão estava relacionada com o ensino, uma vez que o convidado deu muito ênfase à democratização da Educação e à envolvimento com a comunidade. Muitos dos alunos ficaram admirados com algumas das histórias contadas, o que demonstra também um pouco a distância da nossa realidade para a da época. A história contada de que os professores e auxiliares “partiram o muro da escola”, quando o ensino passou a ser misto, foi um facto curioso que muitos dos alunos não imaginavam ter existido.

Para além dos alunos, dois professores também entrevistaram. O primeiro para congratular os estagiários por terem organizado a sessão, de modo a apelar para o conhecimento dos jovens sobre a importância da revolução de 25 de abril de 1974 numa época em que os valores democráticos se encontram em crise. O segundo para questionar se a democracia e a liberdade devem ser tidas como dados adquiridos. Neste caso, tal como em qualquer democracia, é necessário permanecer atento e continuar a trabalhar para enfrentar desafios como a desigualdade, a corrupção e a desinformação. Nós, como qualquer outro cidadão, devemos apelar à participação ativa dos cidadãos e a constante melhoria das instituições são fundamentais para manter e fortalecer a democracia e a liberdade no país.

Após este momento de questões, deu-se por encerrada a sessão. A realização de uma sessão sobre a Revolução de 25 de abril de 1975 em que os próprios alunos participaram, acabou por ser uma forma de os cativar e motivar para a aprendizagem dos conteúdos. Esta motivação “é tida como um elemento fundamental no uso de recursos do indivíduo, de modo a alcançar um objetivo”, pois o aluno consegue encontrar “razões para aprender, para melhorar e para descobrir e rentabilizar competências”. Assim, a motivação torna-se “primordial no desempenho académico dos alunos e na apropriação total às solicitações do ambiente escolar” (Paiva & Lourenço, 2010, p. 133).

Por fim, como forma de avaliação a nossa turma do 7.º ano realizou uma reflexão sobre a sessão. Neste caso, foram dados tópicos de orientação sobre o que entendiam por

democracia e liberdade, bem como sobre a importância da Revolução de 25 de abril de 1974 para os nossos dias. Obtivemos respostas interessantes, pois muitos entenderam a mensagem transmitida, tendo referido algumas curiosidades que mais os haviam cativado ao longo da sessão.

#### 4.4.4. Sessão de sensibilização sobre a viola da terra

No final do ano letivo, os alunos do 7.º ano participaram numa sessão de sensibilização sobre a viola da terra, promovida pela Associação de Juventude viola da terra e inserida nas comemorações do “Dia da Criança”. A sessão contou com a presença do presidente da Associação que explicou as características do instrumento e a importância da viola da terra na cultura açoriana. Este é um instrumento que adquire uma grande importância, pois “dos vários fluxos migratórios das gentes dos Açores ficou imortalizado, na viola da terra, os vários costumes, as crenças, os sentimentos e as emoções mais cristalinas que os emigrantes partilhavam: a açorianidade na forma descrita por Vitorino Nemésio, com ênfase para saudade, mesmo antes de partirem” (Lemos, 2017, p. 31).

A articulação entre a escola e associações/instituições locais permite uma Educação de melhor qualidade. Melin & Rodrigues (2022), destacam o papel da Educação não formal como um “espaço privilegiado para enriquecimento e complemento do currículo formal, onde o currículo informal evidencia-se como promotor das aprendizagens” (p. 61). Este tipo de Educação possibilita que os alunos desenvolvam uma nova perspetiva sobre o conhecimento, ampliando a aprendizagem adquirida na escola por meio de experiências práticas e relacionadas com a sua própria realidade.

Nesta sessão, um dos alunos, juntamente com o seu Professor de viola da terra, presenteou os colegas com um apontamento musical. Este foi um momento especial para a turma, mas em especial para o aluno que tocou, pois, para além de ter demonstrado as suas habilidades no instrumento, o facto de tocar para os colegas permitiu também ganhar desenvoltura e mais à vontade perante o público. Embora o aluno demonstrasse muito nervosismo, os aplausos e o apoio dos Professores e dos colegas contribuíram para que este se sentisse mais confortável, demonstrando assim como momentos como este são essenciais para o crescimento dos alunos. No final da sessão, todos puderam experimentar o instrumento e ganharam um “brinde” da Associação: dois CDs e um *flyer* com a História

da viola da terra, oferecidos com a intenção de despertar a curiosidade dos alunos pela cultura local e incentivá-los a aprender o instrumento.

Após este momento, o professor que, por sua vez, é também o Presidente da Associação de Juventude Viola da Terra, colocou um vídeo da atuação nas redes sociais, de modo a sensibilizar um público ainda maior sobre a importância deste instrumento para a nossa cultura.

Concluimos com a partilha de alguns registos fotográficos recolhidos ao longo da sessão em causa (ver Figura 11).



**Figura 11** - Sessão de sensibilização sobre a viola da terra

- A)** Atuação do Professor de viola da terra com o nosso aluno do 7.º ano;
- B)** Alunos a experimentar o instrumento pela primeira vez;
- C)** Alunos recebem dois CDs e um *flyer* relacionados com a viola da terra;
- D)** O Professor, atual presidente da Associação de Viola da Terra, partilha evento nas redes sociais

#### 4.5. A Música como um meio para aprender História

Considerando a temática que entendemos aprofundar no nosso Relatório de Estágio, e com o intuito de proporcionar uma melhor organização do trabalho, optamos por organizar as atividades que envolveram a Música num quadro síntese, que nos permitirá ficar com uma ideia do conjunto de todas as iniciativas desenvolvidas nesse contexto de integração curricular entre a Música e a História (ver Quadro 6).

**Quadro 6 - Síntese das atividades que envolveram a Música**

	Dia	Atividade	Tema/Conteúdos explorados
outubro	23	7B18	Exploração de hieróglifos egípcios, de modo que cada aluno construísse o seu nome, ao som de música alusiva à época.
	31	10B41	Realização de um trabalho de grupo sobre a Educação romana, de modo a compará-la com a Educação ateniense, ao som de música alusiva à época.
novembro	27	7B31	Realização de uma ficha de trabalho sobre a Democracia Ateniense, ao som de música tradicional grega.
Dezembro	4	7B32	Exploração de instrumentos musicais (Flauta e Buzouki).
	4	8C12	Realização de uma ficha de trabalho sobre o processo de restauração das ilhas, ao som de música clássica.
	18	8C14	Participação na sessão do Quinteto de Metais da Banda Militar dos Açores.
Janeiro	11	10B90	Visualização de um vídeo sobre a cantiga de amigo “Ai flores do verde pino” de D. Dinis, como forma de compreender o papel da literatura medieval no processo de afirmação da língua portuguesa.
	17	7B47	Realização de exercícios, ao som de música alusiva ao império romano.
	18	10BCid	Atividade de Cidadania sobre a Igualdade de Género.
	29	8C18	Realização da atividade “Uma viola, dois corações”.
março	5	10B129	Aprender História a partir da Música: Análise das canções “O conquistador” da banda Da Vinci e “O índio do Brasil” de David Assayag, relacionando-as com o impacto dos descobrimentos no encontro de culturas.
	13	7B69	Realização de uma ficha de trabalho, ao som de música medieval.
	14	7BCid	Exploração da rádio e de canções alusivas à Revolução de 25 de abril de 1974.
	8	8C24	Realização de uma ficha de trabalho sobre as alterações político-administrativas do Liberalismo nos Açores, ao som do “Hino da Carta”.
	21	10B	Integração curricular (Alemão & História A): sessão sobre os símbolos heráldicos e hinos nacionais/regionais criados ao longo da História.
Abril	11	10B149	Realização de trabalhos de grupo: análise de pinturas renascentistas, ao som de música alusiva à época.
maio	13	8C29	Exploração da tradição do Espírito Santo.
	27	8C30	Exploração do cancionero regional açoriano.
	29	7B92	Pequena representação de um trovador.
	5	7B95	Sessão de sensibilização sobre a viola da terra.

Tal como nos é dado a perceber através da leitura do Quadro acima apresentado, foram realizadas, no total, 20 atividades que convocaram a Música. Do conjunto dessas atividades, selecionamos quatro (7B31, 7B92, 8C18 e 10B129) delas para procedermos a

uma análise e reflexão mais detalhadas, tarefa a que dedicaremos a parte final deste Capítulo.

A **atividade 7B32** foi realizada aquando da lecionação da temática “A Grécia Antiga”. Tal como já referimos, na Grécia Antiga, a Música desempenhava um papel importante. Platão e Aristóteles consideravam-na como “mimesis das emoções humanas, e esperavam dela – igual que da poesia – efeitos catárticos sobre o ethos do futuro cidadão realmente ativo” (Lukás, 1967, citado por Duarte, 2021, p. 17).

Para além da sua importância a nível educacional, a Música era importante também a nível social, uma vez que se encontrava presente em diversas práticas e rituais do quotidiano grego. As representações artísticas, como as encontradas nos vasos gregos, frequentemente ilustravam cenas musicais, ressaltando a ligação entre a Música, a cultura e a sociedade gregas.

Foi neste contexto que, numa das nossas aulas, se procedeu à análise de quatro vasos gregos: um retratava a luta, um outro que ilustrava os jogos e outros dois representavam temas relacionados com a Música. A análise foi realizada pela turma em conjunto, tendo sido colocadas várias questões. As questões, neste contexto, foram realizadas com o propósito de auxiliar os alunos a interpretar as imagens de forma autónoma, sem a intervenção prévia do Professor. Tal abordagem visava tornar o aluno num agente ativo no processo de aprendizagem, ao invés de limitar-se a ser um mero ouvinte.

Nos dois vasos que retratavam a Música, pudemos observar a presença de instrumentos como o aulo e a lira. Para além disso, as figuras são representadas com trajés típicos da época, e a parte inferior dos vasos é decorada com padrões geométricos tradicionais. A cena ilustrada evidencia a importância da Música na vida quotidiana da Grécia Antiga, destacando também a importância do lazer e da convivência social.

Tal como na Grécia Antiga, onde a Música desempenhava um papel fundamental tanto a nível educacional quanto a nível social, podemos ver que esta continua a ter uma importância semelhante nos dias de hoje, uma vez que permite refletir e influenciar os valores culturais, sociais e identitários das comunidades.

Foi neste contexto que decidimos trazer para a sala de aula um bouzouki, instrumento tradicional da Grécia, e uma flauta. O bouzouki, embora seja um instrumento relativamente moderno, tem as suas raízes na Antiguidade Clássica. A flauta, por sua vez, considerada um dos instrumentos mais antigos da humanidade, era utilizada em vários

eventos na Grécia Antiga, normalmente como o aulos, um instrumento de sopro semelhante a uma flauta dupla. No mosaico que se segue partilhamos registos recolhidos aquando da exploração dos instrumentos em causa (ver Figura 12).



**Figura 12** - Exploração de instrumentos musicais: Flauta e Buzouki (7B32)

**A, C e D)** Alunos exploram o Buzouki;  
**B)** Alunos exploram a Flauta.

A exploração destes instrumentos no contexto de sala de aula foi importante, uma vez que serviu de ponte entre o passado e o presente, evidenciando como a Música grega evoluiu ao longo do tempo.

Após esta análise, os alunos realizaram vários comentários, tais como “A Professora trouxe a bouzouki diretamente da Grécia?”, “quantos anos tem este instrumento?”, “como os gregos criavam os instrumentos na época?”, “tenho saudades de tocar flauta. Eu gostava das aulas de Música, mas nesta escola nós não temos Música”. Os comentários dos alunos revelam que a atividade gerou curiosidade pelos instrumentos e pela sua História, mas também provocou uma reflexão mais ampla sobre o papel da Música na História.

Um aspeto interessante a destacar durante a atividade foi o momento em que os alunos tiveram a oportunidade de tocar nos instrumentos e um deles expressou receio, dizendo que não podia tocar porque tinha medo de o partir.

A presente atividade tinha como objetivo a compreensão da importância da Grécia para a nossa civilização atual, revelando que a sua influência vai muito além dos acontecimentos políticos, alargando-se às Artes, à Filosofia e à Música. Além disso, também é importante demonstrar aos alunos que a História é uma disciplina que acaba por abarcar várias áreas do conhecimento. Tal como Santos refere, “essa conjugação de saberes é que vai possibilitar, na prática, a efetivação da complexidade do pensamento, dando conta dos fenômenos complexos e da ampliação das experiências teórico práticas

interdisciplinares, que envolvem múltiplos saberes” (2020, p. 2). Ainda, através desta atividade, foi possível estabelecer uma relação entre o passado e o presente ao comparar os instrumentos do passado com os que nos chegaram nos dias de hoje. Esta abordagem no contexto de sala de aula é essencial, uma vez que permite reconhecer que o presente é resultado de uma evolução constante, desenvolvendo, assim, competências como a consciência histórica e o espírito crítico.

A **atividade 7B92** teve como temática “A cultura medieval” e iniciou-se com uma abordagem sobre a cultura cortesã, com destaque para a poesia trovadoresca. Para complementar o conteúdo, foi realizada uma pequena dramatização. Foram escolhidos dois alunos: um rapaz para representar o trovador e uma rapariga para representar a donzela. Neste caso, foi dado a todos os alunos o poema “Ai flores do verde pino” de D. Dinis. Na teatralização, assistimos à utilização de música medieval como música de fundo. Neste momento, o trovador com o seu instrumento na mão tinha que referir os dois primeiros versos de cada cobra e a restante turma, como forma de participar também na atividade, dizia o verso comum a todas as coblas: “Ai deus ué”.

Esta atividade pretendia relacionar a História, o Teatro e a Música. Segundo Silva (2017), a “opção pela forma do espetáculo veio do conhecimento produzido pela comunidade, através das suas músicas e das danças que eram centrais para a vida das pessoas (...), tanto nas celebrações especiais como nas conversas quotidianas” (p. 7). Neste sentido, a relação entre a Música e o teatro é essencial para o ensino, pois ambas as formas artísticas compartilham características que enriquecem o processo de aprendizagem. Tal como já referimos, a Música desperta emoções e relaciona-se efetivamente com temas históricos, culturais e sociais, enquanto o teatro caracteriza-se por ser uma

expressão máxima das formas de pensar agir e ver o mundo. É uma arte que transcende ao caos da vida e pode ser utilizada como uma ação pedagógica de ensino que estimula o raciocínio crítico, compreensão dos conceitos referentes aos conteúdos, capacidade de debater assuntos interligados, pensar e repensar sua realidade. Abre possibilidade ao protagonismo do aluno o que finda as aulas tradicionais mecânicas e mnemônicas (Schactai, 2018, p. 1).

Portanto, esta representação acabou por permitir que os alunos compreendessem de forma prática o que era um trovador. Além disso, contribuiu ainda para a integração de todos os alunos na aula, para a superação de obstáculos como a timidez e o

desenvolvimento da confiança em si mesmos, uma vez que se apresentaram diante de um “público” que, neste caso em concreto, foram os colegas da turma.

A **atividade 8C18** intitula-se “uma viola, dois corações” e teve como objetivo compreender as características da viola da terra, de modo a relacioná-la com a diáspora açoriana. A aula iniciou-se com a análise do quadro de Domingos Rebelo “Os Emigrantes”. Tendo por base este quadro, os alunos tiveram de identificar os objetos que caracterizam a cultura açoriana e que eram transportados pelos emigrantes para o estrangeiro. De todos os objetos que os alunos mencionaram, foi dado um maior destaque à viola da terra, um objeto verdadeiramente rico em elementos que representam a diáspora e a cultura açoriana.

Neste sentido, foi explicada a origem da viola e os contextos socioculturais em que esta normalmente se encontrava: os balhos, as cantigas ao desafio, as desgarradas e os momentos de pausa do trabalho. Desta forma, na tentativa de trazer um momento semelhante a estes contextos para a nossa sala de aula, convidou-se uma tocadora da viola da terra que, juntamente com a Professora, tocaram a música “As velhas da terceira”. Esta foi cantada com a letra seguinte:

Vou cantar a estes meninos Sem uma ponta de tino Nesta casa do ensino	Já falamos de emigração De famílias com pouco pão Para outros continentes
Apesar da dedicação É preciso muita atenção Aos pelintras que aqui estão	“Gamas”, “suerras” e “candilhos” Para os pais, tios e filhos Davam os “calafões” contentes
Basta virar o olhar Lá estão eles a conversar Depois não venham reclamar Quando o semestre terminar	Até este ano acabar Muita matéria ainda vou dar É a primeira vez de muitas Das que vou lecionar.

A letra da música foi criada com o intuito satirizar os próprios alunos, tal como acontecia muitas vezes nas cantigas populares. Ao ouvir a letra, os alunos riram-se, uma vez que reconheciam que o seu significado, no fundo, refletia a verdade. Este momento satírico revelou a boa relação entre alunos e a docente, o que é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem. Defendemos com Goldani (2010) que a aprendizagem ocorre por meio “das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros (...), pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade” (p. 13). Por isso, trazer estes momentos para a sala de aula é essencial para estimular a curiosidade, melhorar a relação entre o Professor e os alunos e, conseqüentemente, tornar as aprendizagens com sentido e significado para eles.

Na altura em que os instrumentos foram retirados dos sacos, os alunos ficaram animados e começaram a fazer barulho, o que é normal, atendendo que era uma novidade. Neste sentido, esperou-se e não se começou a tocar até todos estarem em silêncio na sala. Neste momento, os alunos prestaram muita atenção e a turma estava completamente em silêncio, o que demonstrava que estavam realmente interessados.

Após esta pequena apresentação, foi realizada a caracterização da viola. Os alunos foram questionados sobre as características do instrumento com o objetivo de verificar se já o conheciam ou haviam ouvido falar dele. Notou-se que, apesar de a maioria já o ter visto, por exemplo, nas festas do Espírito Santo, não estavam familiarizados com o mesmo. Um momento interessante durante a caracterização da viola foi a reação que os alunos tiveram relativamente ao fio que une os dois corações, pois este, visto normalmente, parece um cordão umbilical, mas se virarmos a viola ao contrário já parece uma Coroa do Espírito Santo, um grande símbolo de uma das festividades religiosas mais importantes da região (Lemos, 2017, pp. 33-35).

Para além disso, mesmo antes de ser abordado, um dos alunos perguntou: “Porque é que a viola tem um espelho?”. De facto, foi um pormenor que chamou a sua atenção. Neste sentido, este aluno foi chamado para a frente da sala e foi dito para pegar na viola e olhar-se ao espelho. Ele olhou e começou a alisar o cabelo. Foi um gesto mesmo adequado. Por isso, este foi questionado sobre o que é que estava a fazer e eis que ele responde: “estava a pentear o cabelo”. O próprio aluno respondeu à questão, pois um músico antes de entrar no palco tinha de estar apresentável e acredita-se que esta é a razão pela qual a viola da terra tem um espelho. Neste momento, o aluno ficou surpreso, porque acertou. Depois de analisar as características da viola da terra, a convidada tocou a Música “Saudade” (versão de S. Miguel) e, por fim, os alunos puderam experimentar e tocar na viola. Na Figura que se segue, partilhamos com o leitor esta realidade (ver Figura 13).



**Figura 13** - Realização da atividade “Uma viola, dois corações” (8B18)

**A, B, C, D)** Exploração da viola da terra;  
**E)** Explicação das características da viola da terra.

Concluindo, tal como refere Santos, acreditamos que a Música vem “elucidar, clarear e enfatizar assuntos antes tidos como enfadonhos, vem antes de tudo trazer o prazer na arte de aprender e ensinar, aumentando o interesse dos alunos e auxiliando na compreensão dos temas” (2014 p. 146). Por isso, trazer estes momentos para a sala de aula acaba por ser uma mais-valia, uma vez que permite trazer dinamismo, conhecer e valorizar a cultura açoriana e aproximar os jovens das tradições, manifestações estas que, infelizmente, se têm vindo a perder cada vez mais ao longo do tempo.

A **atividade 10B129** teve como temática “O impacto dos descobrimentos no encontro de culturas”.

Como forma de resumir os conteúdos lecionados anteriormente, a Professora Estagiária decidiu trazer a guitarra para tocar e cantar a canção “O Conquistador” da banda Da Vinci. O recurso ao violão era uma forma trazer mais dinamismo à aula, uma vez que esta era uma turma muito tímida e pouco interventiva. A reação dos alunos ao verem a Professora a trazer um instrumento foi de surpresa. Neste sentido, os alunos foram desafiados a cantar pelo menos o refrão. Alguns deles ainda alinharam no desafio, outros estavam demasiado envergonhados. O objetivo era conseguir fazer com que os alunos, através da canção, se envolvessem na aula e que compreendessem que a Música também pode retratar a História, estando, assim, mais perto do que nós pensamos.

Partilhamos de seguida, uma imagem que ilustra o momento em que foi explorada a canção em causa (ver Figura 14).



**Figura 14** - Análise da Música “O conquistador” da banda Da Vinci (10B129)

Após este momento, a letra da canção foi analisada em conjunto pela turma e pudemos constatar que os alunos estavam mais participativos. O objetivo era resumir as aulas anteriores e, a partir daí, fazer uma ligação entre os conteúdos que estavam a ser lecionados com os que iríamos ensinar na aula, nomeadamente, o contacto entre diversos povos e culturas na época dos Descobrimentos. Mas quais são os povos de que estamos a falar? Neste caso, abordamos os índios.

Neste sentido, os alunos analisaram a *Carta de Pero Vaz de Caminha* que demonstra a perspetiva dos portugueses ao chegar pela primeira vez ao Brasil, bem como o primeiro contacto com o povo que lá vivia. Esta perspetiva, como sabemos, distingue-se da que foi experienciada pelos índios. Por isso, como forma de comparar estas duas perspetivas, na terceira parte da aula, os alunos ouviram a canção intitulada “Índio do Brasil” de David Assayag. Esta canção retrata, do ponto de vista dos povos indígenas, a chegada dos portugueses ao Brasil, mencionando a forma como viviam em paz com a natureza antes da exploração do '*kaririva*' (o homem branco) no seu território, uma exploração que perdura há mais de 500 anos e que ainda não terminou. Além disso, destaca ainda que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, os índios continuam a lutar para preservar a sua cultura.

Nesta ordem de ideias, com este recurso pretendeu-se fazer uma relação entre o passado e o presente (a carta de Pero Vaz de Caminha ao chegar ao Brasil e a crítica que o índio faz com a música sobre esta chegada). Este é um recurso essencial para a

compreensão da nossa História. De acordo com Gago (2007), esta caracteriza-se pela “crescente complexidade que passa pela compreensão do 'meu' tempo em relação e partilha com o tempo de 'outros’” (p. 133). Portanto, conhecer o passado permite que os alunos compreendam melhor o presente e desenvolvam, assim, a sua capacidade crítica, quer relativamente aos acontecimentos históricos, quer em relação à forma como se vive na nossa sociedade atual.

Para além disso, a análise desta canção tinha outra particularidade, isto é, o ritmo. Se observarmos, o início é calmo de modo a representar a paz e a natureza onde os índios viviam. No entanto, à medida que a música avança, surge o samba, um estilo musical que, apesar de ser a junção de ritmos africanos e europeus, é decorrente da exploração europeia sobre o território brasileiro, refletindo a complexa realidade de fusão cultural decorrente da colonização.

Como resultado, a comparação desta canção com a Carta de Pero Vaz de Caminha foi essencial para o estudo, uma vez que permitiu dar aos alunos duas perspetivas completamente distintas sobre a chegada dos portugueses ao Brasil. Além disso, a sua utilização permitiu ainda que a turma se tornasse mais participativa, uma vez que é algo que vai ao encontro dos seus interesses, tal como já haviam referido no questionário realizado no início do ano letivo (ver Anexo II).

Para além das atividades acima destacadas, desenvolvemos ainda um conjunto de outras experiências de aprendizagem em que a Música foi igualmente convocada (atividades 7B18, 10B41, 7B31, 8C12, 7B47, 7B69, 8C24, 10B149), desta vez, enquanto “bandas sonoras” dos conteúdos que se exploravam nos vários momentos, estratégia que acreditamos ter sido facilitadora das dinâmicas que procurámos desenvolver. Na realidade, e comparando a reação das três turmas relativamente à utilização de Música durante a realização das tarefas, concluímos que apresentam algumas reações e comportamentos semelhantes. Tal como diz o ditado popular “primeiro estranha-se, depois entranha-se”. No início, os alunos, de facto, estranharam. Os do 10.º ano, em particular, demonstraram uma certa resistência, argumentando que gostavam, mas por vezes, desconcentravam-se nas atividades de resposta longa. Quanto aos alunos do 7.º e 8.º anos, inicialmente também estranharam, pois não sabiam o que esperar, mas não foram contra a ideia, e até gostaram da experiência.

Num determinado momento do ano, numa das aulas, enquanto realizavam uma ficha de trabalho, não foi utilizada a Música e um dos alunos do 7.º ano perguntou: “a

Professora não vai passar Música? Nós preferimos quando a Professora coloca Música. É diferente e relaxante”. Perante esta reação positiva, a Música passou a ser colocada até durante as fichas de avaliação sumativa. No 8.º ano, embora a forma de avaliação fosse diferente, os alunos também tiveram uma reação semelhante ao pediram para colocar música.

Quanto ao 10.º ano, a opinião dos alunos foi respeitada e optou-se por utilizar a Música apenas em determinadas ocasiões, tais como trabalhos de grupo, porque os alunos alegavam que preferiam ouvir Música durante este tipo de atividades ou em atividades mais simples e não de grande complexidade.

Neste sentido, podemos ver que uma metodologia, embora tenha tido um bom resultado numa turma, pode não ter o mesmo efeito noutra. Isto ficou evidente com a utilização da Música durante a realização de exercícios. Enquanto os alunos do 7.º e 8.º anos acolheram relativamente bem a ideia, criando-se um ambiente de aprendizagem mais leve, a turma do 10.º ano reagiu de forma contrária, argumentando que a Música, em determinadas ocasiões, acabava por levar à desconcentração.

Esta situação reforça a importância de adaptar as estratégias pedagógicas de acordo com as características e necessidades dos alunos. De acordo com Gomes (2011), há que “empregar um conjunto diversificado de meios e de processos de ensino e de aprendizagem, a fim de permitir a alunos de idades, de aptidões, de comportamentos, de savoir-faire heterogéneos, mas agrupados na mesma turma, atingir, por vias diferentes, objetivos comuns” (p. 169). Dito de outra forma, o que funciona para uma turma, pode não ser adequado para outra, já que cada grupo tem dinâmicas de aprendizagem, preferências e níveis de exigência e maturidade distintos.

#### **4.5.1. História para os meus ouvidos: as opiniões dos alunos**

Por forma a complementar o nosso estudo e a fazer um rescaldo da nossa ação educativa, procuraremos ainda neste Capítulo analisar e compreender aquelas que foram as opiniões dos alunos relativamente ao potencial da Música no ensino da História. Afinal, tal como o título do nosso Relatório deixa já adivinhar, o nosso propósito fundamental era transformar esta disciplina em “História para os ouvidos” dos nossos alunos, aproveitando a conhecida expressão em que a Música assume esse protagonismo, afastando, assim, a ideia de que a História é uma área monótona e desinteressante.

Para tal, começamos por elaborar um consentimento informado (ver Anexo III) para ser assinado pelo Encarregado de Educação como forma de autorizar o seu educando a responder ao questionário. Na sequência destes consentimentos, conseguimos um total de 35 respostas (11 respostas do 7.º ano, 13 respostas do 8.º ano e 11 respostas do 10.º ano).

Como podemos ver no Anexo IV, os alunos puderam avaliar, por meio de uma escala, o seu grau de concordância em relação à utilização da Música nas aulas de História. A partir dos dados obtidos, verificamos que houve uma avaliação muito positiva por parte dos mesmos.

A grande maioria afirmou que a Música é um recurso didático eficaz para a aprendizagem da História, destacando que as aulas que a convocaram acabaram por despertar maior interesse e motivação para aprender os conteúdos da disciplina. Os alunos também consideraram que o uso da Música oferece mais vantagens do que desvantagens e expressaram o desejo para que os professores utilizem mais este recurso nas suas aulas. Foi referido ainda que o uso da Música, acompanhada por vídeos ou imagens, contribuiu para que alunos ficassem mais atentos, havendo apenas um aluno em discordância.

Outro ponto relevante é que 29 alunos afirmaram prestar atenção às letras das músicas enquanto as ouvem, enquanto 6 alunos indicaram que não têm este hábito. Este dado reforça a necessidade de diversificar as estratégias de ensino com recurso à Música, visando atender a diferentes perfis de aprendizagem.

Além disso, foi solicitado aos alunos que indicassem uma Música que conhecessem que abordasse temas da História e que gostassem de trabalhar em contexto de sala de aula. As respostas foram diversas e interessantes, incluindo: *Partida para o ultramar*, *Grândola Vila Morena* - Zeca Afonso, *Amarelo*, *Azul e Branco* - Ana Vitória, *Imagine* - John Lennon; *Tourada* - Fernando Tordo; *War* – Bob Marley; *The attack of the dead man* - Sabaton; *The trooper* - Iron man; *wind of change* - Scorpions, *Scarborough fair* - Aurora;

Relativamente à última questão do questionário, pudemos verificar que do conjunto de todas as atividades realizadas, no caso do 7.º a atividade a que teve mais impacto nos alunos foi a atividade 7B32. Muitos alunos mencionaram que gostaram desta aula por terem aprendido mais sobre a Grécia Atíngia e tido a oportunidade de explorar o Bouzouki, um instrumento que nunca tinham visto antes, tal como se pode notar em alguns dos seus relatos que partilhamos de seguida.

“Gostei da aula sobre a Grécia em que a gente aprendeu a dizer 'Bom dia' em grego e a professora trouxe o instrumento Bouzouki”.

“A do instrumento da Grécia (Bouzouki), porque foi giro saber coisas sobre a Grécia e pude tocar num instrumento que nunca vi”.

“A aula da Grécia em que a Professora trouxe uma flauta e o instrumento da Grécia, porque fiquei mais atento à aula e toquei num instrumento que nunca tinha visto. Foi giro”.

No 8.º ano, a atividade que mais chamou a atenção dos alunos foi a 8C18, devido ao facto de termos tido na nossa sala de aula uma convidada para tocar a viola da terra. Nos seus comentários, os alunos destacam o prazer de ouvir o som do instrumento e aprender mais sobre a sua história, considerando uma atividade criativa, tal como se depreende dos relatos que de seguida partilhamos.

“A viola da terra, porque a professora trouxe alguém para tocar”.

“A viola da terra, porque achei giro e criativo”.

“A aula em que a Professora chamou uma outra pessoa que tocava viola da terra, pois eu gostei de ouvir o som da viola da terra, aprender sobre o instrumento e sobre a história do mesmo”.

No 10.º ano, os alunos deram destaque principalmente para duas atividades: 10B129 e 10BCid. Relativamente à atividade 10B129, os alunos afirmaram que esta os ajudou a compreender melhor os costumes e as vivências das comunidades indígenas, despertando o interesse pela aprendizagem sobre a cultura indígena. A atividade 10BCid, desenvolvida na sequência da aula de Cidadania sobre a Igualdade de género, gerou um grande impacto entre os alunos, pois a canção apresentada - “Sebastião come tudo” - refere-se a uma realidade distante dos ideais de igualdade de género que procuramos promover atualmente, pois aborda questões como o machismo e a violência contra a mulher. Esta abordagem ofereceu uma importante oportunidade de reflexão e conscientização sobre o tema.

Como forma a elucidar o leitor sobre o impacto destas atividades no 10.º ano, partilhamos de seguida alguns dos seus comentários.

“A aula em que a Professora passou a música do índio do Brasil, porque assim passamos a saber mais sobre os costumes e as vivências das comunidades indígenas”.

“A dos descobrimentos, porque a Professora trouxe a viola e cantou. Foi diferente”.

“A aula em que a professora falou sobre diferentes culturas, porque achei muito interessante conhecer mais sobre outras culturas, nomeadamente a indígena, através da música”.

“Sebastião come tudo, porque mostrou uma realidade de antigamente que eu não tinha noção”.

De uma maneira geral, de acordo com os relatos apresentados, os alunos pronunciaram-se de forma positiva relativamente às atividades desenvolvidas. Estes consideraram as aulas em que convocamos a Música mais atrativas, devido ao uso de instrumentos musicais, que não apenas tornaram o conteúdo mais acessível, mas também incentivaram a sua participação e permitiram aprender de forma diferente.

---

## **Considerações Finais: o último acorde e as notas para o amanhã**

---

## **Considerações Finais: o último acorde e as notas para o amanhã**

*Valeu a pena? Tudo vale a pena*

*Se a alma não é pequena.*

Fernando Pessoa

Neste ponto do nosso trabalho, procuraremos apresentar uma análise abrangente de todo o trabalho desenvolvido. Entendemos que a elaboração deste Relatório de Estágio ofereceu-nos um valioso contributo para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional, uma vez que nos permitiu realizar uma reflexão aprofundada sobre a nossa ação educativa, aspeto essencial num percurso formativo com as características do nosso. Ao proporcionar uma análise acerca das atividades realizadas, das metodologias adotadas e dos desafios enfrentados, este trabalho funcionou também como uma oportunidade de autoavaliação contínua, ajudando a identificar os pontos fortes e as áreas que podem ser aprimoradas na nossa futura prática docente. Além disso, o processo de elaboração do Relatório exigiu uma organização minuciosa dos conteúdos, levando a uma compreensão mais clara e estruturada das competências adquiridas.

Ao longo do nosso estágio, constatou-se uma notável evolução da nossa parte, no que diz respeito ao aumento da confiança, evidenciando-se alguns aspetos das nossas práticas que muito contribuíram para o desenvolvimento de competências essenciais para a nossa atuação como docente. Esta experiência prática permitiu-nos não apenas aplicar os conhecimentos teóricos, mas também melhorar a nossa prática, bem como o desejável à-vontade na nossa ação diária. A perceção dos alunos em relação à Professora Estagiária também foi sendo alterada ao longo do ano. No início, mostravam-se mais reservados e tímidos, mas à medida que o tempo foi passando, tornaram-se progressivamente mais participativos e empenhados. Esta alteração reflete a criação de um ambiente de confiança que, por sua vez, incentivou os alunos a envolverem-se mais nas aulas de História.

No estágio foram-nos atribuídos níveis de ensino diferentes e, naturalmente, o nível secundário apresentou mais exigência ao nível curricular do que o básico, o que nos levou a assumir um conjunto de responsabilidades e também de conhecimentos mais aprofundados. Este desafio exigiu não apenas um aprofundamento dos conteúdos teóricos, mas também uma adaptação constante às exigências de turmas, todas elas com necessidades distintas. Esta experiência educativa permitiu ainda comparar as semelhanças

e as diferenças entre os ciclos de ensino e promover uma compreensão mais pormenorizada relativamente às necessárias abordagens a utilizar em cada contexto.

No que diz respeito às observações, estas foram realizadas em diversos níveis de ensino (7.º, 8.º e 10.º anos), abrangendo tanto turmas do ensino regular como de currículo adaptado, o que foi essencial para o nosso desenvolvimento, uma vez que nos permitiu observar várias abordagens pedagógicas e metodológicas, ampliando a nossa perspetiva sobre as diferentes práticas de ensino. Esta variedade ajudou a desenvolver o nosso sentido crítico, permitindo identificar técnicas que poderiam ser aplicadas e adaptadas nas nossas próprias aulas. Além disso, deu-nos uma perspetiva diferente do que é ser Professor ao proporcionar a observação de diferentes contextos com os quais nós um dia teremos de lidar.

Relativamente à vertente investigativa do nosso Relatório, procuramos conhecer as perceções dos professores sobre o uso da Música como forma de aprendizagem no ensino de História. Os resultados do estudo foram positivos, revelando que a maioria dos professores considera que a Música assume uma importância relevante no processo de aprendizagem da História. Muitos professores destacaram que a Música permite a compreensão dos contextos culturais e temporais e aumenta o interesse dos alunos pelos temas em estudo. Além disso, a Música foi reconhecida como uma forma de estimular o pensamento crítico, pois permite que os alunos analisem letras e estilos musicais como reflexos de determinados contextos históricos. Apesar das limitações mencionadas, como a falta de tempo para a implementação da Música na prática docente, a falta de materiais e a necessidade de uma compreensão mais aprofundada dos conceitos históricos que, por vezes, muitos alunos não têm, o estudo revelou que a exploração da Música é uma prática bastante valorizada no ensino de História e é vista como eficaz, tanto pelos professores, como pelos alunos.

Quanto à implementação da Música no nosso estágio, pudemos verificar que esta se encontra intrinsecamente associada aos momentos históricos, sociais e culturais de uma sociedade e pode desempenhar um papel significativo na vida quotidiana. Ao explorar músicas e canções de diferentes épocas, o professor pode ajudar os alunos a compreenderem os contextos históricos e os acontecimentos que marcaram determinadas épocas. Além disso, tal como vimos, é uma área capaz de mobilizar diversas áreas do conhecimento e pode ser utilizada como uma boa ferramenta para a integração curricular.

Desta forma, concluímos que os objetivos estabelecidos para a nossa ação educativa foram atingidos ao longo do estágio, consolidando a prática pedagógica com os princípios definidos no início do ano letivo. Além disso, todo o trabalho desenvolvido com a comunidade, bem como o papel de direção de turma que assumimos foram verdadeiramente importantes para nos dar uma perspectiva diferente do que é ser um bom Professor.

Percebemos que a Música, enquanto linguagem universal, pode tornar-se uma poderosa ferramenta pedagógica no ensino da História. Ao convocarmos este recurso na nossa ação educativa promovemos não apenas a memorização de factos históricos, mas também a compreensão profunda dos contextos sociais, culturais e políticos que fazem a história da Humanidade. A Música convida os alunos a visitar o passado de forma emocional e significativa, enriquecendo a sua aprendizagem e estimulando a reflexão crítica sobre o presente e o futuro, num feliz cruzamento entre a arte e o conhecimento histórico, que se assume como uma oportunidade de excelência para tornar a História numa disciplina viva e dinâmica, acessível e transformadora.

Para finalizar, consideramos que futuras investigações poderão explorar novas abordagens sobre o papel da Música no processo de aprendizagem da História, ampliando o foco para além do ambiente escolar. Neste sentido, seria interessante que pesquisas futuras analisassem como a integração em diferentes instituições não formais (ligadas à Música ou não) podem complementar ou se diferenciar do ensino formal de História. Esta seria uma forma de aprofundar a compreensão sobre os vários contextos de aprendizagem que podem enriquecer a formação dos alunos e aumentar o seu interesse e a sua perceção sobre a História e a cultura.

Concluimos com uma sensação de dever cumprido, não apenas porque conseguimos aliar duas grandes paixões, a Música e a História, mas também porque sentimos em nós o poder regenerador da formação que recebemos, que procuraremos colocar em prática junto de todos aqueles que nos forem confiados.

É altura de regressarmos ao nosso ponto de partida e ao título que deu o mote a todo o nosso percurso. "História para os meus ouvidos" reflete a nossa convicção de que a História, tal como a Música, pode soar de forma harmoniosa e envolvente, encantando quem a escuta com atenção. Ao juntarmos os ecos do passado com as melodias do presente, a aprendizagem transforma-se numa sinfonia de significados, onde cada nota e cada facto encontram o seu lugar. Assim, a História deixa de ser apenas um registo de

factos vividos no passado e torna-se uma melodia que continua a ecoar nas nossas vidas, convidando-nos a escutar e a compreender o mundo de forma mais sensível e mais profunda.

---

## Referências Bibliográficas

---

**Referências Bibliográficas**

- Almeida, J. (2012). *A importância da música de intervenção no cenário ético-social-político português no século XX*. Universidade do Porto.
- Andrade, R., Santos, P., Silva, T., Vianna, L., Shiosak, R. & Nunes, E. (2023). *Estágio e formação profissional: algumas reflexões necessárias*. Revista Observatório de la economia Latinoamericana, 21(11), 18876-18892.  
Disponível em: [Estagio e formacao profissional algumas reflexoes \(1\).pdf](#).
- Araújo, O. & Ribeiro, L. (2017). *O estágio supervisionado: fios, desafios, movimentos e possibilidades de formação*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 12(3), 1721-1735.  
Disponível em: [O estagio supervisionado fios desafios movimentos .pdf](#).
- Barros, C. (2013). *Ensino de História, memória e história local*. Rev. Hist. UEG-Porangatu, 2(1), 301-321.  
Disponível em: [admin,+Journal+manager,+18+artigo+-+barros+-+321 \(1\).pdf](#).
- Barros, J. (2020). *Fontes Históricas - introdução à sua definição, função e variedade*. Cadernos do Tempo Presente. ISSN: 2179-2143. 11(2), 3-26.  
Disponível em: [FontesHistricas-introduosuaedefiniofunoevariedade.CadernosdoTempoPresente2020 \(1\).pdf](#).
- Barton, K. C., & Levstik, L. S. (2004). *Teaching History for the Common Good*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Batista, S. (2012). *A relação Escola-Comunidade: Políticas e Práticas*. ESCXEL.
- Burke, P. (1992). *A escola dos annales 1929-1989, A Revolução Francesa da Historiografia*, Revista de Discentes de História da UFAC, 5(2), UNESP, 2674- 5968.
- Caeiro, M. (2021). *O Ensino da História: uma educação para a Cidadania*. Universidade de Lisboa.
- Cardoso, A. (2024). *A Aula-Oficina e o Portfólio de Aprendizagens no Ensino de História*. Universidade de Lisboa.
- Carvalho, I. M. (2015). *A música no ensino da História*. Faculdade e Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- Conselho da Europa (2018). *Ensino de qualidade na disciplina de história no século XXI princípios e linhas orientadoras*. Impresso no Conselho da Europa.
- Cordeiro, A. (2012). *Tradição em transformação*. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Costa, H. (2019). *A música “ouve-nos”, não somos nós que ouvimos a música. Os Sons da História: um estudo de caso*. Universidade do Porto.

- Costeira, M. (2012). *Conceções de História e de aprendizagem da História: a consciência histórica*. Universidade do Porto.
  - Cruz, M. (2015). *Imaginário, imaginação e relações sociais: Reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico*. Cad. cedes, campinas, v. 35, n. especial.
  - Dähne, C. & Molar, J. (2012). *A música como recurso pedagógico: a representação dos bombardeios aéreos da 2ª guerra mundial nas letras de heavy metal*, História & Ensino, 18(1), p. 239-257.
  - Decreto Legislativo Regional n.º 12/2013/A, de 23 de agosto (2013). Diário da República n.º 162/2013, Série I.  
Disponível em: [Decreto Legislativo Regional 12/2013/A \(tretas.org\)](http://tretas.org).
  - Decreto Legislativo Regional n.º 16/2019/A, de 23 de Julho. (2019). Diário da República n.º 139, Série I.  
Disponível em: [0003200047.pdf](http://0003200047.pdf).
  - Decreto Legislativo Regional n.º 58/2019, de 8 de agosto. (2019). Diário da República n.º 151, Série I.  
Disponível em: [rgpd\\_em\\_portugal.pdf \(uac.pt\)](http://rgpd_em_portugal.pdf(uac.pt)).
  - Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. (2018). Diário da República n.º 129, Série I.  
Disponível em: [0292802943.pdf \(diariodarepublica.pt\)](http://0292802943.pdf(diariodarepublica.pt)).
  - Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A, de 26 de junho. (2023). Diário da República n.º 122, Série I.  
Disponível em: [dlr23-2023-a-estatuto-pessoal-docente-acores.pdf](http://dlr23-2023-a-estatuto-pessoal-docente-acores.pdf).
  - Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*. (1986). Diário da República, Série I. Alterado por Lei n.º 115/97, Lei n.º 49/2005, Lei n.º 85/2009 e Lei n.º 16/2023.  
Disponível em: [dlr23-2023-a-estatuto-pessoal-docente-acores.pdf](http://dlr23-2023-a-estatuto-pessoal-docente-acores.pdf).
  - Delindro, F. (2013). *O professor de Português em formação inicial e a interação com os alunos: o questionário pedagógico*. Universidade do Porto.
- Martins, G. et al. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: DGE.  
Disponível em: [Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória](http://Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória).
- Direção-Geral de Educação (2021). *Aprendizagens essenciais*.  
Disponível em: [Aprendizagens Essenciais | Direção-Geral da Educação](http://Aprendizagens Essenciais | Direção-Geral da Educação).
  - Duarte, N & Abreu, T. (2021). *Contribuições e limites da filosofia clássica grega para a música e a educação musical na atualidade: a música como mimese da realidade objetiva*. 27(1). OPUS.
  - Duarte, R. (2021). *O envelhecimento da classe docente: implicações na (des)motivação profissional*. Universidade do Porto.
  - Epifânio, N. (2020). *A importância do Ensino da História na Formação Cívica dos Alunos*. Universidade do Porto.

- Ferreira, A. (2014). *A planificação como prática de uma professora em processo de formação*. Universidade do Porto.
- Ferreira, C. (2013). *Venham mais cinco músicas para o ensino da História e da Geografia*. Universidade do Porto.
- Ferreira, L. (2021). *A música enquanto recurso dinamizador do ensino-aprendizagem na aula de história, Um estudo de caso com alunos do 7.º ano do 3.º ceb*. Universidade de Coimbra.
- Ferreira, M. (2019). *History Rocks: A música e o ensino da História no 12.º ano de Línguas e Humanidades*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ferreira, P. (2016). *Formação inicial de professores do 1.º CEB, Supervisão pedagógica e inovação curricular: percepções e reflexões de supervisores e de estagiários*. Universidade do Porto.
- Fontes, F. (2023). *Utilização da música na promoção da Empatia Histórica*. Universidade de Coimbra.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas de investigação*. Loures: Lusodidata.
- Gil, A. (2021). *A expressão musical como recurso de aprendizagem no Ensino do 1.ºCEB*. Penafiel.
- Gláuber, H. & Bax, M. (2015). *Influência do Jazzy*. Universidade de Brasília.
- Gomes, M. (2011). *Diferenciação Pedagógica: da Teoria à Prática*. Cadernos de Investigação Aplicada.
- Gouveia, F. & Pereira, G. (2023). *Escola e comunidade: uma parceria essencial a uma educação de qualidade*. Educação e Desenvolvimento Comunitária, 255-270.
- Graça, M & Gonçalves, M. (2014). *Os contributos do teatro na educação de adolescentes*. Universidade de Aveiro.
- Graciano, A., & Fialho, I. (2012). *Perspectivas e expectativas em relação à formação inicial e à profissão de educadora de Infância*. Universidade de Évora.
- IGEC (2016). *A escola inclusiva: desafios*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jagher, S. & Schimin, E. (2014). *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor*, v. 1, ISBN 978-85-8015-080-3., Paraná.
- Kito, T. & Silva, A. (2012). *Diversidade e inclusão: um relato de experiência no processo de formação do educador*. 1(1). Revista eletrónica pró-docência. Disponível em: [TALITA-ANILDE PEDAGOGIA.pdf \(uel.br\)](#).
- Leal, N. (2019). *”A História é o passado, o presente e o futuro” – a percepção de alunos e professores sobre o ensino da História*. Universidade do Porto.

- Lemos, A. (2017). *Viola da Terra – símbolo da cultura na Emigração Açoriana*. Centro de Estudos da população, economia e sociedade. Universidade do Porto.
- Lessa, E. (1998). *Os mosteiros beneditinos portugueses: centros de ensino e prática musical*. Universidade Nova de Lisboa.
- Levitin, D. (2007). *Uma Paixão Humana – O Cérebro e a Música*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Lima, L. & Tourinho, M. (2021). *Música e ensino de história: uma reflexão sobre os seus usos e possibilidades nas aulas de história. História: memória, narrativa e ensino na Amazônia brasileira*. EDUFMA.
- Lopes, J. P., Silva, H. S. & Moreira, S. (2018). *Cooperar em sala de aula para o sucesso*. PACTOR.
- Lusa (2019). *Sindicato diz que há alunos sem aulas nos Açores por falta de professores substitutos*. Açoriano Oriental.  
Disponível em: [Sindicato diz que há alunos sem aulas nos Açores por falta de professores substitutos - Açoriano Oriental](#).
- Lusa (2022). *Sindicato alerta para "agravamento" da falta de professores nos Açores*. Açoriano Oriental.  
Disponível em: [Sindicato alerta para "agravamento" da falta de professores nos Açores - Açoriano Oriental \(acorianooriental.pt\)](#)
- Lusa (2022). *Taxa de abandono escolar entre os 18 e os 24 anos nos Açores é a mais alta da Europa*. Público.  
Disponível em: [Taxa de abandono escolar entre os 18 e os 24 anos nos Açores é a mais alta da Europa | Educação | PÚBLICO \(publico.pt\)](#).
- Lusa (2024). *PS/Açores acusa executivo de "enorme impreparação" no arranque das aulas*. Açoriano Oriental.  
Disponível em: [PS/Açores acusa executivo de "enorme impreparação" no arranque das aulas - Açoriano Oriental \(acorianooriental.pt\)](#).
- Melin, L & Rodrigues, L. (2022). *A educação não-formal como um espaço de liberdade*. Centro de Investigação em Educação, p. 59-64.
- Mendes, J. (2018). *A Música Potenciadora de Aprendizagem*. Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro.
- Ministério da Educação e do Desporto (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil*. Formação Pessoal e Social. v.3, Brasília.
- Monteiro, A. (2022). *A importância das fontes para o ensino da História – Da Conquista de Ceuta (1415) ao Achamento do Brasil (1500)*. Universidade de Lisboa.
- Monteiro, A. (2022). *A importância das fontes para o ensino da História – Da Conquista de Ceuta (1415) ao Achamento do Brasil (1500)*. Universidade de Lisboa.

- Morgado, E., Alfredo, D. & Silva, L. (2022). *Importância do Estágio Curricular na Formação de Professores: Um estudo no Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo*. Brazilian Journal of Education, Technology and Society (BRAJETS), 15(3), 385-396.
- Moura, D. (2019). *Para que serve a História?*. Universidade do Porto.
- Neto, A. (2015). *Os Manuais do Ensino Primário Elementar e a Inculcação dos Valores do Estado Novo*. Universidade Nova de Lisboa.
- Paiva, M. & Lourenço, A. (2010). *A motivação escolar e o processo de aprendizagem*. Ciências & Cognição.
- Pereira, F. et all (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Pereira, M. (2014). *A Escola Portuguesa ao serviço do Estado Novo: as Lições de História de Portugal do Boletim do Ensino Primário Oficial e o Projeto Ideológico do Salazarismo*. Universidade Aberta.
- Pinho, S. & Oliveira, J. (2010). *Núcleos de ensino da UNESP artigos 2010 volume 3 - Metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação*. Cultura Académica.
- Pintassilgo, J. (2014). *O 25 de abril e a Educação: discursos de professores em contexto revolucionário*. Universidade de Lisboa.
- Pires, C. (2020). *Integração Curricular - do conceito à prática colaborativa em sala de aula*. Escola Superior de Educação Jean Piaget.
- Reis, T. (2023). *O Plano de Formação para Docentes da Universidade do Porto para 2022/2023 oferece mais de 30 cursos em diferentes áreas pedagógicas*. Universidade do Porto.
- Réquio, P. (2020). *O 25 de Abril e o ensino da História: O processo revolucionário nos manuais escolares*. Estudos do século.
- Roldão, M. (2017). *Formação de professores e desenvolvimento profissional*. Rev. educ. PUC-Camp., Campinas, 22(2), 191-202.
- Rosas, F. (2001). *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. Análise Social. Análise Social, vol. XXXV (157), 1031-1054.
- Saldanha, A. (2021). *25 de Abril: a História, a Esperança e o Futuro de uma Revolução Portuguesa*. MTRT.
- Santo, P. (2013). *Ensino da música e a prática pedagógica: do contributo da arte cénica e a história da música*. Instituto Politécnico de Coimbra.
- Santos, G. (2020). *A produção científica sobre a interdisciplinaridade: Uma revisão integrativa*. Educação em Revista, 36(1), Belo Horizonte.
- Santos, J. (2011). *As atividades de motivação*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Santos, R. (2014). *O uso da música na prática de ensino de história*. Ciências Humanas e Sociais Unit.
- Schactai, D. (2018). *Uso do teatro no ensino de história: uma prática construtiva de conhecimento através da arte*. XVII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica.
- Seixo, J. (2019). *Ó 'stor, isso são fake news! – A literacia mediática e a construção do conhecimento histórico através de textos jornalísticos*. Universidade do Porto.
- Serrão, V. (2018). *O Ensino durante o Estado Novo em Portugal: O papel do professor*. Universidade de Lisboa.
- Silva, F. (2018). *O ensino de história em perspetiva: a aprendizagem histórica no século XXI*. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá-MT, 5(2). ISSN: 2318-5503.
- Silva, M. (2011). *A aprendizagem significativa no ensino da História: o peddy paper como recurso didáctico*. Universidade do Porto.
- Silva, S. (2019). *Escolas têm de “entender como centrais” a História e a Geografia, sublinha ministro*. Público.
- Soares, O. (2017). *A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino*. Revista História Hoje, 6(11), 78-99.
- Solé, G. (2021). *Ensino da História em Portugal: o currículo, programas, manuais escolares e formação docente*. Universidade do Minho.
- Sousa, M. (2016). *Motivação no Processo de Ensino Aprendizagem*. Universidade De Trás-Os-Montes E Alto Douro.
- Souza, F. (2020). *Inovar o Ensino: o perfil do professor do século XXI*. Escola Superior de Educação. Politécnico do Porto.
- Souza, M. (2021). *Interdisciplinaridade e práticas pedagógicas: O que dizem os professores*. Revista portuguesa de Educação.
- Sphor, B. (2022). *História através da música: uma perspectiva historiográfica sobre a Era Vargas (1930 – 1945)*, 11(33), Caderno Intersaberes, Curitiba, 57-74.  
Disponível em: [HISTORIA ATRAVES DA MUSICA UMA PERSPECTI.pdf](#)
- Vale, S. (2020). *“Bach to School” A Música como fonte histórica na sala de aula de História*. Universidade do Porto.  
Disponível em: [música.tese.pdf](#).
- Vasconcelos, C. (2011). *O teatro como linguagem e fonte no ensino de história*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.  
Disponível em: [1548855457\\_85ddafadfdf97f8cad4bdb7389126ca1.pdf \(anpuh.org.br\)](#).

- Viana, C. (2021). *Situação do ensino da História começa a ser “catastrófica”*. Público. Disponível em: <https://www.publico.pt>
- XXI Governos Constitucional (2017). *Estratégia Nacional para a Cidadania*. República Portuguesa.
- Zotto, M. (2018). *A importância da Música no processo de ensino e aprendizagem*. Universidade Tecnológica Federal Do Paraná.



# Anexos



## Anexo I - Questionário destinado aos docentes de História (grupo 400)

### Secção 1 – O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

O presente questionário surge no âmbito de um projeto de investigação intitulado “História para os meus ouvidos! O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário”, desenvolvido pela mestranda Sofia Martins Oliveira Raposo do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Pires e do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

A elaboração deste questionário tem como objetivo conhecer as opiniões e conceções de professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário acerca do potencial da Música na sua ação educativa.

### Secção 2 – Consentimento informado

Este questionário é constituído por dezasseis questões, destina-se apenas aos professores de História que lecionam 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e a sua resposta deverá demorar, em média, entre 5 a 15 minutos.

A sua resposta é de extrema importância para o sucesso desta investigação. Não existem riscos associados à sua participação no estudo e será garantida a confidencialidade das suas respostas que vão contribuir, única e exclusivamente, para fins académicos.

Caso existam eventuais dúvidas, poderá contactar a mestranda, através do seguinte correio eletrónico: [2019108925@uac.pt](mailto:2019108925@uac.pt).

Grata pela sua colaboração!

#### 1. Aceita participar no presente questionário?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

### Secção 3 - Identificação

Esta secção reunirá alguns dados sobre a sua identificação.

#### 2. Género:

Feminino \_\_\_\_\_

Masculino \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

#### 3. Idade:

Menos de 25 anos \_\_\_\_\_

Entre 25 e 30 anos \_\_\_\_\_

Entre 31 e 35 anos \_\_\_\_\_

Entre 36 e 40 anos \_\_\_\_\_

Entre 41 e 45 anos \_\_\_\_\_

Entre 46 e 50 anos \_\_\_\_\_

Entre 51 e 55 anos \_\_\_\_\_

Entre 56 e 60 anos \_\_\_\_\_

Mais de 60 anos \_\_\_\_\_

#### 4. Tempo de Serviço docente:

Menos de 5 anos \_\_\_\_\_

De 5 a 10 anos \_\_\_\_\_

De 11 a 15 anos \_\_\_\_\_

De 16 a 20 anos \_\_\_\_\_

De 21 a 25 anos \_\_\_\_\_

De 26 a 30 anos \_\_\_\_\_

Mais de 30 anos \_\_\_\_\_

### Secção 4 – Estabelecimento de Ensino

#### 5. Qual a escola em que leciona?

Colégio do Castanheiro \_\_\_\_\_

EBI Água de Pau \_\_\_\_\_

EBI Arrifes \_\_\_\_\_

EBI Biscoitos \_\_\_\_\_

EBI Capelas \_\_\_\_\_

EBI de Angra do Heroísmo \_\_\_\_\_

EBI Francisco Ferreira Drummond \_\_\_\_\_

EBI Ginetes \_\_\_\_\_

EBI Ponta Garça \_\_\_\_\_

EBI Praia da Vitória \_\_\_\_\_

EBI Rabo de Peixe \_\_\_\_\_

EBI Vila do Topo \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária Armando Cortes-Rodrigues \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária da Calheta \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária da Graciosa \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária da Madalena \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária da Povoação \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária das Flores \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária de Santa Maria \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária de Velas \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária do Nordeste \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária Mouzinho da Silveira \_\_\_\_\_

Escola Básica e Secundária Tomás de Borba \_\_\_\_\_

Escola Secundária Antero de Quental \_\_\_\_\_

Escola Secundária da Ribeira Grande \_\_\_\_\_

Escola Secundária das Laranjeiras \_\_\_\_\_

Escola Secundária de Lagoa \_\_\_\_\_

Escola Secundária Domingos Rebelo \_\_\_\_\_

Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade \_\_\_\_\_

Escola Secundária Manuel de Arriaga \_\_\_\_\_

Escola Secundária Vitorino Nemésio \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

6. Qual foi a modalidade de ensino que lecionou no último ano letivo (2023-24)?

Ensino regular \_\_\_\_\_

Ensino Profissional \_\_\_\_\_

PROFIJ \_\_\_\_\_

7. Quais foram os anos de escolaridade que lecionou no último ano letivo (2023-24)?

7.º ano \_\_\_\_\_

8.º ano \_\_\_\_\_

9.º ano \_\_\_\_\_

10.º ano \_\_\_\_\_

11.º ano \_\_\_\_\_

12.º ano \_\_\_\_\_

**Secção 5 – Opiniões e concepções de professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário acerca do potencial da Música na aprendizagem da História.**

8. Considera que a Música pode desempenhar um papel importante na aprendizagem da História?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

8.1. Justifique a sua resposta.

---

---

9. Na sua escola, considerando a forma como o currículo está organizado, há possibilidade de trabalhar a Música e a História de forma integrada?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

**10. Costuma explorar a Música, na sua ação educativa, na lecionação da disciplina de História?**

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

**Secção 6 – Opiniões e conceções de professores de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário acerca do potencial da Música na aprendizagem da História.**

**10.1. Indique a frequência com que costuma fazê-lo.**

Uma vez por ano letivo \_\_\_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_\_\_

Mais do que uma vez por semana \_\_\_\_\_

**11. Tem encontrado dificuldades ao explorar a Música no contexto da sua ação educativa, aquando da lecionação de conteúdos de História?**

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

**11.1. Se respondeu "sim", indique que dificuldades/limitações tem encontrado neste domínio.**

---

---

**12. Descreva uma atividade realizada por si em que tenha convocado a Música no ensino/exploração de um conteúdo/tema de História. Na sua resposta, procure integrar os pontos do memorando que segue:**

1. Temas/conteúdos explorados.
2. Metodologia (Exploração individual, a pares, pequeno grupo, todo o grupo, etc.).
3. Recursos didáticos/materiais disponibilizados aos alunos.
4. Indicações dadas aos alunos.

5. Reação dos alunos à atividade.
6. Apontamentos relacionados com a aprendizagem dos alunos.
7. Eventuais registos curiosos que tenham ocorrido durante a realização da atividade (comentários dos alunos, resolução de problemas, imprevistos que tenham ocorrido, entre outros).

---

---

**13. Se pudesse aconselhar um(a) futuro(a) Professora de História sobre a melhor forma de utilizar Música nas suas aulas, que conselhos lhe daria?**

---

---

#### **Secção 7 – Fim do questionário**

O seu questionário termina aqui. Clique em **ENVIAR** para submeter o questionário.

Obrigada pela sua colaboração.

**Anexo II** - Questionário destinado aos alunos no início do ano letivo 2023/24**1. Responda ao seguinte questionário:****1.1. Género:**

Feminino \_\_\_\_\_

Masculino \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

**1.2. Idade:**

11 anos \_\_\_\_\_

12 anos \_\_\_\_\_

13 anos \_\_\_\_\_

14 anos \_\_\_\_\_

15 anos \_\_\_\_\_

16 anos \_\_\_\_\_

17 anos \_\_\_\_\_

Mais de 18 anos \_\_\_\_\_

**1.3. Ano de escolaridade:**

7.º ano \_\_\_\_\_

8.º ano \_\_\_\_\_

10.º ano \_\_\_\_\_

**1.4. Resides em qual freguesia?**

a) São Roque      b) São Pedro      c) Livramento

d) Fajã de Baixo      e) Fajã de Cima      f) Santa Bárbara

g) Santo António      h) Capelas      i) S. Vicente Ferreira      j) Fenais da Luz

Outra \_\_\_\_\_

**1.5) Tens problemas de saúde? Se sim, quais?**

\_\_\_\_\_

**1.6) O que mais gostas de fazer nos tempos livres?**

\_\_\_\_\_

**1.7) Gostas de História?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**1.7.1.) Qual é a época da História que gostas mais?**

\_\_\_\_\_

**1.8) O que gostavas de fazer nas aulas de História/HGCA?**

\_\_\_\_\_

**Anexo III - Consentimento informado****Autorização do Educação para a participação do seu educando no questionário do seguinte estudo: “Música para os meus ouvidos: o papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário”**

O presente questionário surge no âmbito de um projeto de investigação intitulado “História para os meus ouvidos! O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário”, desenvolvido pela mestranda Sofia Martins Oliveira Raposo do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Pires e do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

A elaboração deste questionário tem como objetivo conhecer a perspetiva dos alunos relativamente às metodologias adotadas nas aulas de História e compreender a importância que a música pode assumir no processo de ensino aprendizagem da História.

Não existem riscos associados à participação do seu educando no estudo e as suas respostas vão contribuir, única e exclusivamente para fins académicos.

Caso existam eventuais dúvidas, poderá contactar a mestranda, através do seguinte correio eletrónico: 2019108925@uac.pt.

Grata pela sua colaboração!

---

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_ Encarregado de Educação do aluno \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_ do \_\_\_\_º ano, turma \_\_\_\_, autorizo o meu educando a participar no questionário acima descrito.

**Assinatura do Encarregado de Educação** \_\_\_\_\_

## Anexo IV - Questionário destinado aos alunos

### Secção 1 – O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

O presente questionário surge no âmbito de um projeto de investigação intitulado “História para os meus ouvidos! O papel da Música na aprendizagem da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário”, desenvolvido pela mestranda Sofia Martins Oliveira Raposo do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Pires e do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

A elaboração deste questionário tem como objetivo conhecer a perspetiva dos alunos relativamente às metodologias adotadas nas aulas de História e compreender a importância que a música pode assumir no processo de ensino aprendizagem da História.

### Secção 2 – Consentimento informado

O questionário é constituído por dezasseis questões, destina-se apenas aos alunos da Professora Sofia Raposo e deverá demorar em média entre 5 a 15 minutos.

Não existem riscos associados à participação do aluno no estudo e as suas respostas vão contribuir, única e exclusivamente para fins académicos.

Caso existam eventuais dúvidas, poderá contactar a mestranda, através do seguinte correio eletrónico: [2019108925@uac.pt](mailto:2019108925@uac.pt).

#### 1. Aceita participar no presente questionário?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

### Secção 3 - Identificação

Esta secção reunirá alguns dados sobre a sua identificação.

#### 1. Género:

Feminino \_\_\_\_\_

Masculino \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

#### 2. Idade:

11 anos \_\_\_\_\_

12 anos \_\_\_\_\_

13 anos \_\_\_\_\_

14 anos \_\_\_\_\_

15 anos \_\_\_\_\_

16 anos \_\_\_\_\_

17 anos \_\_\_\_\_

Mais de 18 anos \_\_\_\_\_

#### 3. Ano de escolaridade:

7.º ano \_\_\_\_\_

8.º ano \_\_\_\_\_

10.º ano \_\_\_\_\_

### Secção 4 – A Música no ensino da História

Utiliza a escala apresentada para expressar o teu grau de concordância com as afirmações que se seguem, relativas à utilização da Música pela Professora de História nas suas aulas.

A escala varia de Discordo totalmente a Concordo totalmente.

#### 1. Podemos aprender História através da Música.

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**2. Gostei das atividades realizadas com recurso à Música.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**3. Quando a Professora recorreu à Música, senti-me mais motivado para aprender História.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**4. Compreendi melhor os conteúdos de História quando a Professora utilizou Música.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**5. A Música pode ser um bom recurso para as aulas de História.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**6. A Música pode ser considerada uma fonte histórica credível.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**7. O recurso à Música nas aulas de História traz mais desvantagens do que vantagens.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**8. Gostaria que os professores utilizassem Música nas aulas de História mais frequentemente.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

**9. A Música acompanhada de vídeos ou imagens permitiu captar mais a tua atenção.**

Discordo totalmente \_\_\_\_\_ Concordo totalmente

10. Quando ouves uma Música costumavas estar atento à mensagem que esta pretende transmitir?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

11. Dá um exemplo de uma Música que conheças que fale sobre História e que gostavas de trabalhar na sala de aula.

---

12. No presente ano letivo, qual foi a aula de História, que envolveu Música, que mais gostaste?

---

---

12.1. Porquê?

---

---

---

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal